

Luís Joly, Fernando Thuler e Paulo Franco

Chaves

FOI SEM QUERER QUERENDO?

**HISTÓRIAS E
CURIOSIDADES DE UM
DOS PROGRAMAS DE
MAIOR SUCESSO
NA TV DO BRASIL**



Edição revista
e ampliada



Luís Joly, Fernando Thuler e Paulo Franco

Chaves

FOI SEM QUERER QUERENDO?

HISTÓRIAS E
CURIOSIDADES DE UM
DOS PROGRAMAS DE
MAIOR SUCESSO
NA TV DO BRASIL



Edição revista
e ampliada









© 2012 - Luís Joly, Fernando Thuler e Paulo Franco

Direitos em língua portuguesa para o Brasil:

Editora Urbana Ltda.

atendimento@matrixeditora.com.br

www.matrixeditora.com.br

Capa e projeto gráfico

Daniela Vasques

Ilustração da capa

Eduardo Baptista

Diagramação

Alexandre Santiago

Revisão

Adriana Parra

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ.

Joly, Luís

Chaves : foi sem querer querendo? / Luís Joly, Fernando Thuler, Paulo Franco. - São Paulo : Matrix, 2012

il.

1. El Chavo del Ocho (Programa de televisão). 2. Televisão - Seriados cômicos. I. Thuler, Fernando, 1982-. II. Franco, Paulo.

III. Título.

12-1558.

CDD: 791.4572

CDU: 621.397



Luís Joly
Fernando Thuler
Paulo Franco



*Ao eterno mestre do humor,
Roberto Gómez Bolaños.
Aos nossos pais e ao jornalista
Marcelo Rollemberg.*

Agradecimentos Especiais

Agradeço a Deus; aos meus pais e aos meus irmãos, que sempre me apoiaram; aos meus amigos e companheiros Fernando e Paulinho, pela força e paciência; à Clarissa Passos, a grande madrinha do primeiro livro; à Dou, a paixão da minha vida; a todo o elenco e produção das séries de Bolaños; a todos os entrevistados citados aqui, sempre humildes e solícitos; ao grande orientador Marcelo Rollemberg e, claro, ao incrível Chespirito, o criador de tudo que está aqui.

Luís Bernardi Joly

Agradeço a Deus por ter nos dado a capacidade e por tudo o que Ele é em nossas vidas; à mulher da minha vida, Daniela Valsani; ao meu filho, presente de Deus, Lucas; aos meus pais, Oswaldo e Lolita, por terem me guiado e dado as maiores alegrias da minha vida; a Marina Thuler, a Dani e a Amaury Vargas; aos tios Sebá e Marlene; à vó Benê; a Regina, Flavio e Flavia Valsani; a Brizio Thuler; a Luís Joly, pela amizade e por nunca desistir; a Paulinho Franco; a Rodrigo Macedo, o *brother* de todas as horas; a Filipe Homem (*Keep the Faith!*); a Junior Krzyza; a Ju Buchhorn e Thalita Marques; a Henrique Buchhorn; a Thyago Lemos; a Marcelo Rollemberg; a Claudio Tognolli; a Davi Molinari; a Luciana Julião; a André Esteves; a Gustavo Maçana e a todos aqueles que nunca deixaram de acreditar.

Fernando Strauss Thuler

Agradeço primeiramente a Deus, porque sem Ele nada posso fazer. À Cristina, minha mulher, fiel companheira e eterna namorada. Aos amigos Marcelo Rollemberg, Paulo Tadeu, Luís Joly, Fernando Thuler e Paulo Pugliese, que foram fundamentais neste projeto.

Aos entrevistados, pela colaboração e paciência, e ao SBT, pelo apoio, pela divulgação e por ter comprado e renovado os direitos de exibição do *Chaves* no Brasil.

Paulo Bernardi Franco

Já Chegou o Disco Voador!

Todo mundo conhece *Chaves*, mas nunca é demais ter um pouco de precaução nessas horas. Como este livro é voltado para todos – inclusive para aqueles que querem entender a razão ou circunstância do sucesso desse programa por tantos anos –, resolvemos colocar aqui um guia básico com os principais nomes de séries e atores que fazem parte do universo deste livro.

Roberto Gómez Bolaños (1929-) – o criador das séries *Chaves*, *Chapolin* e muitas outras. Também conhecido como Chespirito, ele mesmo interpretava os personagens principais dessas duas séries. Também viveu, entre outros personagens, Chaveco, Dr. Chapatin e Chompiras.

Carlos Villagrán (1944-) – viveu o personagem Quico, além de papéis não fixos em *Chapolin* e outras séries.

Ramón Valdés (1923-1988) – fez o Seu Madruga em *Chaves* e, em *Chapolin*, ganhou fama especialmente no papel de bandidos como o Tripa Seca ou heróis como o Super Sam, entre outros papéis ocasionais.

Edgar Vivár (1944-) – em *Chaves*, era o Sr. Barriga e Nhonho. Em *Chapolin*, fez o Botija, mas também viveu vários papéis não fixos, como na dupla sátira do Gordo e o Magro, com Bolaños.

Rubén Aguirre (1934-) – era o professor Girafales (ou Mestre Linguíça) em *Chaves*. Na série do Polegar Vermelho, interpretava bandidos e papéis ocasionais. Também ficou famoso como Lucas, o louco que fazia dupla com Bolaños dentro da série *Chespirito*.

María Antonieta de Las Nieves (1950-) – a mais jovem do elenco, vivia a Chiquinha e Dona Neves em *Chaves*. Ocasionalmente, fazia papéis em *Chapolin* e em *Chespirito*.

Florinda Meza (1948-) – era a Dona Florinda em *Chaves*, além de Pópis, a sobrinha da própria. Além disso, interpretou Rosa, a Rumorosa, e

diversos papéis não fixos em *Chapolin*.

Angelines Fernández (1922-1994) – fez o papel de Bruxa, digo, Senhorita do 71 dentro do grupo de *Chaves*. Como os outros, também tinha personagens variados em *Chapolin*, incluindo a bruxa na sátira de *Branca de Neve e os sete anões*.

Horacio Gómez Bolaños (1930-1999) – irmão mais próximo de Bolaños. Era o menino Godinez em *Chaves* e, por vezes, fazia pontas em *Chapolin*.

Raúl “Chato” Padilla (1917-1994) – entrou após as saídas de Villagrán e Valdés da série, como veremos. Interpretou Jaiminho, o Carteiro. Também atuou em *Chapolin* e, com mais frequência, em *Chespirito*.

Chaves – El Chavo del Ocho é o nome original da série que Bolaños criou em 1971. Foi um programa próprio durante parte dos anos 1970 e posteriormente integrou-se ao programa *Chespirito*, que trazia vários esquetes criados por Bolaños. Foi gravado até 1995.

Chapolin – El Chapulín Colorado foi criado em 1970 e também tornou-se um programa próprio, até sair do ar em 1979. Algum tempo depois, voltou na atração *Chespirito*, no início dos anos 1980. Foi produzido até 1987.

Chespirito – além de apelido de Bolaños, esse foi o nome do programa que o ator comandou por muitos anos. Durante os anos 1970, a atração deixou de ser exibida para dar lugar a programas próprios do Chaves e do Chapolin. Nos anos 1980, voltou a receber esse nome.

TVS – nome original do SBT (Sistema Brasileiro de Televisão), canal que, desde 1984, transmite *Chaves* (diariamente) e *Chapolin* (eventualmente).

Prefácio

Chaves do sucesso

Quando Luís Joly me procurou, no começo de 2003, para me convidar a orientar o Trabalho de Conclusão de Curso – o sempre temido e instigante TCC – de seu grupo, confesso que fiquei em dúvida quanto ao tema escolhido. Ele e Fernando Thuler – mais tarde também entraria Paulo Franco – queriam fazer um livro-reportagem sobre *o* Chaves. Quem? O Chaves. O do SBT? O próprio. Em um primeiro momento, tomado talvez de uma arrogância intelectual que pouco ou nada tem a ver comigo, mas que vez por outra nos pega desprevenidos, não achei a ideia tão boa assim. Ainda mais para um livro-reportagem. Mas essa sensação deve ter durado um minuto. No minuto seguinte, já começava a me convencer de que, sim, a ideia era boa e de que aqueles rapazes tinham condições de fazer um belo trabalho a respeito.

Duas coisas foram fundamentais para minha mudança de postura: uma, o próprio Chaves – ou Roberto Bolaños, seu criador e intérprete. Nenhum programa que resista mais de duas décadas na TV brasileira à base praticamente de reprises deve ser visto como uma atração qualquer. Não. *Chaves* tinha, e tem, algo de especial que precisava mesmo ser deslindado.

O outro fator que me fez ver com bons olhos a ideia foi, inicialmente, a própria empolgação dos meus então futuros orientandos. Falavam com um brilho nos olhos, com um conhecimento de causa, com uma euforia que me fez acreditar que o resultado seria dos melhores. E acertei. Ainda mais quando, já oficialmente “ungido” como orientador do grupo, comentava com pessoas das mais variadas faixas etárias e classes socioculturais a respeito do tema de meus alunos. Sempre a reação era tão empolgada quanto a da trinca de orientandos. Todos com quem eu falava conheciam alguém absolutamente fanático pelo programa ou eram, eles mesmos, fãs de carteirinha do menino do barril. Ponto para Luís, Fernando e Paulinho, e mais uma lição para mim. Em jornalismo, definitivamente, não cabem preconceitos de espécie alguma, mesmo aqueles que duram apenas um minuto.

O resultado de tanto esforço e dedicação dos três autores foi, inicialmente, um 10 com toda a distinção possível da banca examinadora

da FIAM, onde eles apresentaram seu trabalho de conclusão de curso. Agora, este livro que você, leitor, tem em mãos. Um livro ousado, que trafega na contramão de qualquer possível preconceito e dá informações importantíssimas para compreendermos melhor o universo televisivo.

Chaves tornou-se um sucesso na TV brasileira não pelo que oferecia – e até hoje oferece – de inovador ou transgressor. Ele tornou-se um sucesso justamente por resgatar na TV um toque de ingenuidade e de fazer artesanal que parecia perdido em tempos de novas tecnologias e malícia explícita. As piadas são repetitivas? São. Os bordões por demais conhecidos? Também. Mas nem por isso Chaves e sua trupe deixaram de levar para a frente da tela da TV inúmeros espectadores ávidos – não pelo novo, mas pelo carinhosamente já conhecido. Talvez *Chaves* tivesse tudo para dar errado: atores não necessariamente convincentes em papéis para os quais aparentemente não estavam talhados, cenário paupérrimo, dublagem pouco atraente. Tudo isso, no entanto, conquistou um resultado pouco provável para muitos, exceto para Silvio Santos, que sempre apostou na série – o êxito. É exatamente isso que Luís Joly, Fernando Thuler e Paulo Franco explicam neste livro, ao mesmo tempo profissional e apaixonado – coisas que não precisam estar apartadas uma da outra para gerar um trabalho bem-feito.

Nas páginas deste livro-reportagem – criado para iniciados e iniciantes nesse curioso mundo de *Chaves* – há uma bem tecida rede de fatos, de histórias, de entrevistas e de reflexões que tentam – e conseguem – explicar um fenômeno único na televisão brasileira (quase tão empolgado quanto eles, já ia dizendo “na televisão mundial”. Mas vamos com calma...). A opinião de especialistas em TV, de executivos que trabalharam com Silvio Santos à época da chegada do programa ao Brasil, de humoristas e de estudiosos do comportamento humano ajuda a lançar novas e importantes luzes na compreensão de um programa que tinha tudo para dar errado e que, no final das contas, acabou se tornando o grande curinga na manga do dono do SBT. Audiência consagrada e permanente, *Chaves* vai, aos poucos, saindo da esfera de simples série de televisão para alçar-se a um panteão todo especial, aquele de mito – mais um – da comunicação de massa. E, se esse lugar for de fato conquistado, teria sido bom se Bolaños tivesse enviado uma mensagem de agradecimento a Luís,

Fernando e Paulinho. Este livro-reportagem terá ajudado muito nessa ascensão ao olimpo da mídia.

A você, leitor, já íntimo ou não de Chaves, Chiquinha, Seu Madruga, Quico e tantos outros, boa leitura. Há muito o que encontrar nas páginas seguintes. Um universo um tanto tosco, é verdade, mas que, sem querer, acabou por invadir o imaginário de pelo menos três gerações de brasileiros e cristalizou-se na memória afetiva de muitos de nós.

Marcello Rollemberg
Jornalista e escritor

Introdução

*Se você é jovem ainda, jovem ainda, jovem ainda
Amanhã velho será, velho será, velho será!
A menos que o coração, que o coração sustente
A juventude que nunca morrerá!*

Falta pouco para esta “nova velha” obra ir para a gráfica. Há alguns dias, Roberto Gómez Bolaños completou 83 anos de vida. Claro, o rosto revela as rugas e o cansaço do tempo. Porém, o discurso é o mesmo de quando era mais novo. Sempre que perguntado sobre sua disposição, ele afirma o que você leu acima. Se você sustenta a juventude em seu coração, jamais será velho. Se você tem projetos em sua vida, será sempre um jovem em sua mente. E a atualização deste livro é um projeto incrivelmente importante para nós.

Do momento em que este livro foi originalmente publicado, em setembro de 2005, para os dias atuais, muita coisa mudou nas nossas vidas. Os empregos eram outros, muitas dificuldades foram superadas e até outros livros já foram publicados – por exemplo, *Os Adoráveis Trapalhões*, em 2007.

Chaves também ganhou mais livros. Após aquele ano de publicação, novos autores lançaram-se ao mercado trazendo suas visões sobre o programa e até sobre personagens específicos do elenco. O próprio Bolaños trouxe uma obra sua ao Brasil – *O Diário do Chaves*, uma interessante visão pelos olhos do seu principal personagem.

Porém, algo não mudou de lá para cá. Sim, *Chaves* continua no ar – inclusive em mais de um canal, quem diria. Só que, com o avanço da tecnologia, ele não pertence mais à TV apenas. Está nos *smartphones*, no *videogame*, na “nuvem”. *Chapolin* também é exibido com frequência – saindo do ar de vez em quando. Mas *Chaves* seguiu intacto, imponente, intocável. É assim desde 1984.

Nas páginas a seguir, você verá como *Chaves*, entre aquele 2005 e os dias atuais, aumentou ainda mais a sua força no país. A ponto de, pela primeira vez, fazer com que o próprio SBT fizesse mais do que apenas exibir reprises a um custo irrisório. Você, leitor de primeira viagem, tem

um universo e tanto para desvendar – nós deixamos tudo bem explicado, como você deve ter notado pelo guia de personagens há pouco. E você, que tem o livro original, vai descobrir ainda mais sobre (provavelmente) suas séries favoritas. Tudo isso, claro, recheado pelas histórias e curiosidades que são uma forte vertente do mundo de Chespirito.

Bolaños possui um histórico de relevância mundial para o humor – e que vai muito além dos dois seriados que tanto o marcaram. Atuou em cinema, teatro, televisão (inclusive com novelas) e em novas mídias, incluindo o desenho animado, produzido por seu filho mais jovem.

Desde 1984 transmitido pelo Sistema Brasileiro de Televisão (SBT) e, há alguns anos, pelo canal pago Cartoon Network, *Chaves* está atingindo, com sucesso, a quarta geração de telespectadores. O menino pobre que representa um pouco de cada um de nós – Chaves, de Roberto Gómez Bolaños, criador e criatura de um estilo que sobrevive à era digital (enquanto se aproveita dela) e ao mundo imediatista do século XXI. Não é à toa que no México Bolaños é conhecido pela alcunha de *Chespirito*, uma alusão ao célebre escritor inglês Shakespeare. Não é pouca coisa, apesar de a comparação, para os mais puristas, parecer quase uma heresia. Mas está longe de sê-lo. De fato, os dois são reconhecidos por suas obras, mas, diferente do original, na Inglaterra, que prezava comédias literárias e teatrais, seu clone latino prezou um outro tipo de comédia, com humor inocente e uma linguagem que pode ser entendida por todos. Por meio dele, no início dos anos 1970, o México testemunhou os primeiros episódios dos seriados *El Chavo del Ocho* e *El Chapulín Colorado*. Em pouco tempo, tornou-se uma febre no país. As médias de audiência no México acusavam índices de 60 pontos no horário nobre. Novelas globais consideradas “padrão” pelas emissoras brasileiras dificilmente atingem esse patamar atualmente.

No Brasil, desembarcou em 1981, mas foi ao ar somente em 25 de agosto de 1984. Tornou-se um sucesso entre as crianças. Produtos com a marca, especiais e grandes shows pelo México e países vizinhos, e em pouco tempo todos conheciam a história da boa vizinhança. Em uma simples pesquisa no Google Brasil, por exemplo, é possível encontrar mais de cinco milhões de menções ao tema na web. Há centenas de sites dedicados, de alguma maneira, às aventuras vividas pela turma comandada por Bolaños. Comunidades na rede reúnem mais de 100 mil pessoas que

trocam arquivos multimídia e mensagens todos os dias, fãs declarados da vila do Chaves e do atrapalhado herói Chapolin.

A ideia deste livro – uma versão ampliada e atualizada do original, lançado em 2005 – continua *não* sendo esgotar o assunto *Chaves*. Você, leitor da primeira obra, deve se perguntar o que há de novo em um assunto tão velho. Bem, nós concluímos que é virtualmente impossível falar tudo sobre *Chaves*. A ideia desta nova obra é, sim, trazer uma visão melhorada, mais completa e atualizada desse tema que nunca sai de moda. Contar mais histórias e explicar melhor como tudo aconteceu – e acontece. Claro, além do que já combinamos na primeira versão do livro, que era lançar novas luzes em um programa que tinha tudo para dar errado, e sem querer, querendo, deu certo.

Após quase três décadas de exibição, *Chaves* venceu pesos pesados e nunca fez feio. Pelo contrário. Passou por todos os horários que o SBT podia imaginar e, mesmo assim, continua em alta. Sua média de audiência nos primeiros vinte anos de exibição apresenta impressionantes 8 pontos, o que representa cerca de 8 milhões de pessoas por dia.

Pretendemos aqui falar de um programa que subverte toda a lógica da tecnologia televisiva, como foi observado pelos diretores do SBT, quando as fitas dos programas de Bolaños chegaram ao Brasil, pelas mãos de Silvio Santos. E hoje se aproveita de uma tecnologia aprimorada para se eternizar, de forma muito mais exponencial, no inconsciente de milhões. Falar de um programa que foi filmado nos distantes anos 1970; atravessou os anos 1980 e a explosão de loiras, rainhas e desenhos animados como *He-Man* e *Thundercats*, encarou os anos 1990 de *Cavaleiros do Zodíaco*, *Jaspion*, *Eliana & Cia*, chegou aos anos 2000 enfrentando o *boom* da internet, *Pokémon* e *DragonBall Z*. E entrou na segunda década do novo século não só enxuto, mas com direito a desenhos animados da série, DVDs e, no Brasil, à exibição em um canal pago.

O SBT possui em seu acervo 275 episódios das séries de Bolaños, sendo 153 de *Chaves* e 122 de *Chapolin*. Desde o início, eles são reprisados à exaustão. Além, é claro, das histórias de bastidores que incluem os famosos e misteriosos episódios perdidos, que, de tempos em tempos, reaparecem na emissora para delírio dos fãs, que rapidamente comentam em fóruns na internet e compartilham esses mesmos episódios nas redes sociais.

Em suma, este novo livro é uma nova realização. Durante boa parte de nossas vidas, os personagens do seriado *Chaves* estiveram presentes (não querendo desmerecer aqui o seriado *Chapolin*, que, aliás, surgiu antes do seu coirmão). É uma realização, certamente não só para nós, mas para milhares de brasileiros. Na hora do almoço, em rodas de bares, no trabalho ou em quaisquer momentos, estão presentes frases, citações ou gestos do programa. Surgem de maneira inconsciente, já fazem parte do nosso cotidiano. Os brasileiros aprenderam a gostar e admiram o humorístico mexicano.

Ainda existem, obviamente, os que abominam o programa, ou, ainda, os que não admitem que já assistiram. Alguns sentem vergonha e acabam não dando o devido valor ao que representa o *Chaves* no Brasil. Costumamos ignorar a maneira com que o seriado entra em nossas vidas e por vezes influencia nossas decisões. Se já é comum para alguns ter uma certa “vergonha” de admitir ver *Chaves*, ainda mais comum é ouvir alguém dizer que não gosta, ou que somente vê quando está “trocando de canal”.

Na verdade, o programa idealizado por Bolaños é muito mais do que um humorístico. O lado psicológico exhibe o estereótipo dos personagens e a relação com a pobreza da América Latina. A imagem de Chaves como o “herói mendigo” encanta psicólogos e psicanalistas, que aqui darão sua visão sobre o programa.

Mas, convenhamos, é um fato: já são quase trinta anos de exibição pelo SBT. Até mesmo seu companheiro *Chapolin*, que costumeiramente passa por um “entra e sai” do ar de tempos em tempos, sempre acaba voltando, a pedidos dos fãs, que preparam manifestos e abaixo-assinados.

Curiosamente (ou não), *Chaves* é um programa que conta com a reprovação de vários profissionais no que diz respeito ao lado técnico. Fatos como esse servem como suporte para afirmar, sem nenhuma dúvida, que ele é um fenômeno na televisão brasileira e nos demais países onde foi líder de audiência. A vila que serviu de inspiração para Bolaños ainda é a menina dos olhos de Silvio Santos, o criador e todo-poderoso do SBT. Ele sabe que *Chaves* ainda garante à sua emissora ótimos níveis de audiência. E, com a aproximação de fãs-clubes após a popularização da internet, percebeu que o tema pode vender (ainda) mais.

Diante das verdades e mentiras que estão por trás dessa história, a única certeza é que o programa continua sendo um sucesso. O que mais intriga,

no entanto, é: o que há de tão especial nele? Qual a verdade escondida em um *set* precário e atores que não foram para Hollywood? Qual o segredo que diferencia *Chaves* dos demais programas humorísticos da época e mesmo dos atuais? Quais os ingredientes da sua longevidade? Por que um programa como *Zorra Total*, exibido na Rede Globo com humoristas conhecidos e consagrados por aqui, com técnicas e edições modernas, perde para o programa mexicano? Por que mesmo sucessos clássicos como *A Praça é Nossa*, também do SBT, precisam utilizar erotismo e vulgaridade para atrair a audiência, se *Chaves* nada tem além de um humor primário e previsível?

Temas como esses e muitos outros serão discutidos neste livro-reportagem, que abrirá espaço para explicarmos como os atores e atrizes do programa *Chaves* conquistaram seu lugar no Brasil. Também abordaremos o perfil dos atores e de seus personagens, além das curiosidades que fizeram e ainda fazem a história do programa.

Chaves é, comprovadamente, mais que um programa. Mesmo que as pessoas tentem negar, já foram contaminadas pelo seu ideal: divertir. Nada mais do que divertir.

Quanto a nós, esperamos que você, com este livro, como idealiza Roberto Gómez Bolaños, possa se entreter e, como bônus, ter mais informações sobre a história do programa humorístico que é jovem ainda – sustenta sua juventude no coração de cada telespectador – e que, certamente, nunca morrerá. O programa de maior sucesso no México, que veio ao Brasil na década de 1980 e resiste ao tempo, mostrando que o bom humor, produzido com sinceridade, não tem data de vencimento.

Os autores



Uma Xícara de Café – A Chegada ao Brasil e o SBT

A chegada ao Brasil

Para falar sobre a chegada do *Chaves* ao Brasil, é preciso voltar um pouco no tempo e consultar a história do SBT. No dia 19 de agosto de 1981, a televisão brasileira ganhava mais uma emissora: a TVS (TV Studios), obra do apresentador e empresário Silvio Santos, que tem importante papel na história do seriado mexicano no país. O dono do SBT conseguiu a concessão do Governo Federal e foi autorizado a assumir quatro emissoras do antigo império de Assis Chateaubriand: TV Tupi, TV Marajoara, TV Piratini e TV Continental. Assim, o “Homem do Baú” finalmente conseguia seu próprio canal de televisão, um antigo sonho que se realizava. Após a euforia inicial, a direção da TVS caiu em si e começou a decidir qual seria a melhor programação. Inicialmente, ela era recheada com o *Programa Silvio Santos*, que dominava nada menos que dez horas do domingo – lembrando que, naqueles tempos, Silvio apresentava todos os programas, sem exceção –, e o restante da grade continha basicamente um pouco de jornalismo, além de alguns filmes e desenhos.

Com o interesse de atingir altos níveis de audiência e sem muito dinheiro para investir na produção de programas, a direção artística da TVS analisava propostas de exibição de seriados, filmes e novelas internacionais. A cada dia um novo pacote de programação era oferecido à emissora. Foi nessa época, logo nos primeiros meses de vida da TVS, que a parceria com a rede mexicana Televisa começou a nascer. Além do próprio Silvio, que sempre fez questão de acompanhar de perto tudo o que chegava e o que era produzido pela recente emissora, a TVS contava com alguns importantes diretores, todos homens de confiança do mais famoso dos patrões. Seu braço direito era Luciano Callegari, vice-presidente da TVS, acompanhado pelos diretores Orlando Macrin, Renato Amorim,

Vanderlei Villa Nova e Rick Medeiros – este último cuidava da negociação e aquisição de todo o material vindo da Televisa.

Aos poucos a TVS foi se interessando cada vez mais pelas produções mexicanas. De baixo custo, geravam uma boa audiência e logo se tornaram símbolo da emissora. Criou-se até, após esse período, a expressão “dramalhão mexicano”, que se usava para designar programas ou histórias ruins, monótonas ou de qualidade duvidosa. Apesar disso, a primeira novela latina na TVS foi um sucesso que marcou época. *Os Ricos Também Choram* até hoje é lembrada por muitos e é motivo de orgulho no SBT. Anos depois, a trilogia de sucesso *Maria Mercedes*, *Maria do Bairro* e *Marimar*, com a estrela latina Thalía, foi mais uma prova de que o SBT, sempre que necessário, volta a suas origens e vai atrás do que é produzido no México.

A entrada do nosso alvo de pesquisas ocorreu em uma dessas viagens que Silvio fez ao México para encher seu carrinho de compras com produções “BB” – boas e baratas.

Já no fim de um dos inquietantes dias que agitavam o início da emissora, Rick Medeiros teve uma conversa com Silvio a portas fechadas. O assunto: um lote de filmes e novelas mexicanas que havia acabado de chegar. Durante a reunião, a primeira fita é colocada. Somente grandes produções latinas, tudo o que havia de melhor na América do Sul e Central. Naquelas fitas Silvio começou a enxergar um pouco do que imaginava para sua grade de programação. Mas ainda faltava uma fita. E, antes que ela começasse a rodar, Rick alertou seu patrão sobre a negociação com a rede mexicana e os preços para a obtenção dos direitos de cada um dos programas. Todos os direitos seriam da TVS; era um bom negócio, mas a última fita também teria de fazer parte da programação. Rick apertou o botão *play*, Silvio viu uma vila, um garoto pobre, outro mais rico, um pouco mimado. Pouco depois, uma menina esperta e cheia de sardas e um senhor magro, de bigode e chapéu, que morava com ela. Depois chega uma dona de casa, de avental e bobes no cabelo, e uma outra de mais idade, toda de azul. Tudo muito simples, pobre, humilde, e não só na produção, mas no falar. Piadas inocentes, um mundo que parecia ter ficado para trás, mas que resistia ao tempo e estava ali. Aquilo a que eles assistiam, pela primeira vez no Brasil, era um episódio de *El Chavo del Ocho*, hoje o nosso *Chaves*. Era esse o conteúdo de uma das fitas enviadas

junto com o lote de programação da Televisa. E, como rezava o acordo firmado entre as duas emissoras, o lote só seria vendido se adquirido em sua totalidade e sob a condição de que se exibissem todos os programas.

Silvio não quis se precipitar, e, como notara uma grande diferença no nível da produção de *Chaves* em relação às outras produções da Televisa, pediu um pouco mais de tempo, para que o programa fosse avaliado, e depois a TVS decidiria, ou não, pela compra do pacote da programação mexicana.

O dono da TVS queria ouvir a opinião de seus colegas de trabalho, afinal, havia o risco de um grande negócio trazer na bagagem um programa que poderia jogar por terra todo o dinheiro investido. Se bem que, se comparado com o valor de grandes produções, era dinheiro de trocado: “No primeiro contrato de cinco anos, cada episódio custou 250 dólares, sem a dublagem. Depois passou a 500 dólares”, lembra Luciano Callegari, ex-vice-presidente da TVS, que cuidou da negociação na época.

De imediato, Silvio solicitou que alguns episódios de *Chaves* fossem dublados, assim os diretores poderiam ter uma ideia melhor do que se tratava, já visualizando a versão brasileira do seriado. Com a equipe de dublagem contratada, que funcionava ali mesmo na sede da TVS, cerca de dez episódios foram dublados e depois apresentados para o patrão, que assistiu sem comentar nada com ninguém, apesar de seus olhos parecerem mostrar uma decisão. Mas ele não queria tomá-la sozinho. Pediu que fossem feitas outras quatro cópias, uma para cada um de seus diretores. Pedido atendido: as VHS levavam impressa a etiqueta “Chaves” – falaremos mais adiante sobre a escolha do nome do programa no Brasil.

Alguns dias depois, de volta à sala de reuniões, portas fechadas novamente. Era o dia em que *Chaves* seria, pela primeira vez, apresentado para um grupo de diretores da televisão brasileira. Na reunião estavam Luciano Callegari, Orlando Macrin, Renato Amorim e Vanderlei Villa Nova, e quem trazia as fitas debaixo do braço era nada mais, nada menos que o próprio Silvio Santos. A reunião foi rápida, sem cerimônias e sem nenhum detalhe. Silvio não queria influenciar, queria que cada um deles tivesse sua própria opinião, assim como ele, sentado num quarto ou numa sala, a sós com o universo de *Chaves*. Silvio pediu que assistissem à fita em suas casas, para que pudessem avaliar se o programa poderia entrar na grade de programação da TVS. Trato feito, cada um saiu dali sem

imaginar que carregava em suas mãos algo que viraria história anos depois na televisão do Brasil.

Chega o dia, e estava na hora de começar a reunião que decidiria o futuro do menino do barril na televisão brasileira. Todos pareciam ter o mesmo olhar, já com uma decisão tomada, apesar de parecer que seria diferente da de Silvio. Novamente, poucas palavras. A pergunta era para todos. Silvio queria saber se o seriado valeria a pena, se poderia entrar em sua programação. A resposta foi unânime, como uma única fala, direta, como um discurso bem ensaiado. Todos concordaram que a produção de *Chaves* era péssima, que suas piadas eram fracas e que o programa seria um completo fiasco. Não conseguiam imaginar como a Televisa podia oferecer um programa com cenário, figurino e atores tão fracos. Disseram “não” ao *Chaves*. “Quando a série me foi apresentada no SBT, não me interessei, em razão da péssima qualidade da imagem, e também me pareceu, na oportunidade, que não teria grande chance de sucesso na nossa grade” – comenta Callegari sobre a primeira vez em que assistiu a um episódio de *Chaves*.

Assim como no início da reunião, Silvio economizou palavras, foi direto e falou sem rodeios. Agradeceu a presença de cada um, bem como as opiniões ali apresentadas, e disse: “Vou comprar”. Um ar de indagação tomou conta de todos, mas ninguém falou nada. Por dentro, com todo o conhecimento e capacidade que lhes rendera a direção da TVS, tentavam achar o motivo que levara seu patrão a uma decisão tão sincera e objetiva para a compra de um programa no qual eles só conseguiam enxergar o fracasso.

Talvez o sucesso avistado por Silvio em *Chaves* tivesse passado despercebido a eles porque haviam assistido aos primeiros episódios como diretores, não como gente comum. Faltou perceber que *Chaves* não se tratava de uma superprodução, mas sim de um conjunto de personagens que conseguia apresentar um pouco do dia a dia, da família, dos amigos e do mundo de cada um, como veremos neste livro. O sucesso que Silvio Santos enxergou assim que bateu os olhos no seriado *Chaves* não estava em supercenários, brilhantes direções artísticas ou atores que poderiam concorrer ao Oscar, mas no humor diário e compreensível a qualquer telespectador, de norte a sul, hoje ou daqui a cinquenta anos.

E o sucesso avistado era uma vila, que seria capaz de contar um pouco a história da vida de cada um que passasse trinta minutos em frente à TV, percebendo que seus personagens contavam de maneira simples um pouco deles mesmos, espectadores. Sem dúvida essa foi uma das primeiras provas de que aquele ex-camelô sabia mesmo o que estava fazendo e no lugar certo. Um fato que muitos demoraram anos para constatar ele enxergou em dez ou talvez em cinco minutos de fita.

Silvio disse “sim” ao garoto pobre da vila, que deixava, pelo menos aqui no Brasil, de ser um menino órfão, sem imaginar que seu pai brasileiro estava lhe dando a oportunidade de conhecer o sucesso longe das terras mexicanas.

Chaves no ar!

A decisão foi tomada, e todo o trabalho necessário para que *Chaves* entrasse no ar começou a ser feito. O pacote incluía 275 episódios, entre episódios de *Chaves*, *Chapolin*, algumas vezes preenchidos por pequenos esquetes com outros personagens interpretados por Bolaños e seu grupo de atores. Apesar do número grande, os episódios não chegaram todos de uma vez, como veremos.

O primeiro passo era dublar os programas, trabalho feito por uma empresa independente, contratada pela TVS. A dublagem dos episódios restantes, assim como aqueles iniciais mencionados anteriormente, foi toda feita nos próprios estúdios da emissora, que cedia todo o equipamento necessário, enquanto a tradução, a direção e todos os dubladores eram de responsabilidade da empresa. De forma geral, os dubladores “oficiais” foram os mesmos escolhidos para aqueles primeiros episódios. O processo de dublagem durou alguns anos até que estivesse completo – mesmo após *Chaves* estreiar na TV, o trabalho ainda vinha sendo feito aos poucos. “O processo de tradução foi difícil, pois o programa tem muitas piadas e trocadilhos que tiveram de ser adaptados para ter sentido na versão brasileira”, conta Nelson Machado, tradutor e responsável pela direção de dublagem, além de fazer a voz do Quico e de outros personagens interpretados pelo ator mexicano Carlos Villagrán (falaremos mais sobre a dublagem posteriormente). Esse tempo foi suficiente para a TVS começar a ganhar seu espaço, criando uma programação que agradasse ao público.

Em 1984, a emissora de Silvio Santos já desfrutava de alguns bons índices de audiência, em sua maioria conquistados por novelas e filmes estrangeiros e pelo *Programa Silvio Santos*, que, como falamos, tomava conta das manhãs e tardes de domingo.

Para as crianças, e aqui entra o novo amigo mexicano dos brasileiros, a principal atração era o *Programa do Bozo*, que teve os direitos de produção adquiridos pela TVS um pouco antes da chegada de *Chaves*. Bozo tornou-se o palhaço mais famoso do país na década de 1980, e seu sucesso seria maior depois que o menino do barril decidiu aprontar suas peripécias durante o seu programa.

E foi assim que aconteceu. *Chaves* estreou oficialmente no Brasil em 25 de agosto de 1984, como uma das atrações do *Programa do Bozo*. E o primeiro episódio a que o público assistiu foi “Caçando Lagartixas”. Além de Chaves, o herói – ou anti-herói – Chapolin Colorado também dava os seus primeiros passos em terras brasileiras. Conhecido por ser muito simpático, nobre e, sobretudo, covarde, Chapolin já divertia simplesmente por ser a antítese de todos os super-heróis famosos.

Quem acompanhou as cenas e situações simples e inocentes do primeiro episódio de *Chaves* exibido no Brasil jamais poderia imaginar que aquela filmagem com cara de antiga e precária (em 1984, a fase mais famosa das gravações de *Chaves* já tinha se encerrado no México, por exemplo) se tornaria sinônimo de sucesso.

No início, a série conseguia manter o mesmo nível de audiência das demais atrações infantis da TVS, sempre um passo atrás da sua maior rival, a Rede Globo de Televisão, que transmitia os desenhos animados mais recentes e famosos de todo o mundo, como *He-Man*, *Thundercats* e *Superamigos*, entre outros. Mas essa turma de super-heróis não contava com a astúcia de um garoto pobre e franzino e de sua turma de amigos vindos de uma simples vila lá do México.

Com o tempo, *Chaves* começou a cativar e a ganhar o carinho de todos os que acompanhavam os episódios da série. Os números da audiência impulsionaram o programa, que, estando havia pouco tempo no ar, já se tornava parte principal de toda a programação infantil da TVS – repetindo o êxito que tivera na América Latina anos antes, como veremos. O repentino sucesso fez com que os diretores e produtores artísticos da emissora mudassem o discurso, passando a ver o seriado com outros olhos,

talvez os mesmos que levaram Silvio Santos a dizer “sim” àquela bonita e simples vizinhança. “O Silvio é um cara que tem visão. É o famoso camelô eclético. Ele apostou que o *Chaves* ia dar certo, e a gente, vendo a qualidade da fita, vendo a luz, vendo o cenário tão pobrezinho, apostou que não. São coisas que a gente não entende, que são fenômenos como o Pica-Pau”, comentou o diretor artístico Vanderlei Villa Nova.

Ao contrário do que se pensa, a TVS, na época, não comprou todos os 275 episódios que o SBT possui de uma vez só, em 1981. A aquisição foi feita ao longo de toda a década de 1980. O primeiro lote de episódios – que, como falamos, veio como um extra em um pacote da Televisa – era apenas uma parte, digamos, uma “amostra grátis tributada”. Diante do sucesso de *Chaves* e *Chapolin* ao longo dos anos, o dono da emissora paulistana foi, ocasionalmente, comprando novos capítulos. Isso, aliás, explica o fato de a dublagem também ter continuado por anos a fio, atravessando inclusive a barreira dos simbólicos anos 1980.

Em 1985, começaram os mistérios, muitos sem explicação até hoje. Episódios passaram a sumir e a voltar anos mais tarde, criando a famosa (entre fãs) história dos episódios perdidos, supostas fitas que teriam desaparecido em incêndios ou enchentes. Dorival Afonso, do arquivo de fitas do SBT, confirma: “Vários episódios foram danificados por intempéries ou mesmo desgaste natural, como oxidação”. Falaremos mais sobre esses episódios perdidos – e como alguns voltaram a ser exibidos milagrosamente – posteriormente.

O resultado foi que, em 1986, o número de episódios havia diminuído muito. Já em 1987, quando a TVS mudou seu nome para SBT (Sistema Brasileiro de Televisão), tornando-se uma rede nacional, aberturas nacionais de *Chaves* e *Chapolin* surgiram. Assim, o Brasil todo passou a ter os programas disponíveis.

Nesse mesmo período, os seriados tornaram-se independentes, ganhando espaço individual. As séries passaram a ter horários próprios, libertando-se da corrente do palhaço Bozo. Os horários perduraram por muitos anos, sendo sempre o *Chapolin* às 12h e *Chaves* às 12h30. A novidade para o ano de 1988 era, pela primeira vez, *Chaves* no horário nobre, entre 20h30 e 21h30, quando eram exibidos somente os episódios inéditos. No horário tradicional do meio-dia, eram reprisados os episódios “antigos”.

Chaves, a essa altura, já era uma realidade no Brasil. O sucesso foi maior que o esperado pelo SBT, e, no horário nobre, ele já incomodava importantes atrações das emissoras concorrentes. O seriado já recebia tratamento especial dos produtores de outros programas da emissora. Em 1989, Augusto Liberato, o Gugu, que apresentava o semanal *Viva a Noite*, foi até o México, onde conheceu todos os atores participantes das séries *Chaves* e *Chapolin*, exceto Ramón Valdés, o Seu Madruga, que havia falecido no ano anterior, e Carlos Villagrán, o Quico, que já não estava mais no elenco. Na época, porém, a maior parte da audiência que assistiu àquele *Viva a Noite* não tinha nem ideia de que todos os episódios que o SBT exibia tinham sido feitos na década anterior, de 1970. Resultado: muita gente cresceu achando que o auge de *Chaves* foi nos anos 1980. O programa acabou sendo fortemente vinculado a essa década, indo parar em almanaques e afins – tudo fruto da exibição tardia que tivemos por aqui.

No início dos anos 1990, *Chaves* virou mania entre as crianças e os adolescentes em todo o Brasil. Tamanho fanatismo abriu espaço para que as marcas de Bolaños fossem exploradas. Dezenas de produtos com temas do programa foram lançados, entre bonecos, álbum de figurinhas, gibis e discos em que os dubladores cantavam as músicas do seriado. Até um Tele 900 foi criado: quem ligasse poderia ouvir uma história da turma da vila a qualquer hora do dia. O texto era redigido por Luiz Mendes, na época diretor do *Bozo*. Não era tarefa das mais simples, já que ele tinha a responsabilidade de dar às histórias o mesmo tom inocente e hilariante criado por Bolaños, praticamente inimitável. “O texto do Bolaños é sensacional, ele escrevia para crianças e tinha o tom certo e bordões excelentes”, comenta Luiz Mendes, que também valoriza o trabalho da equipe de dublagem: “Mérito também de quem traduziu e dublou os episódios, porque se a tradução fosse feita ao pé da letra, *Chaves* jamais faria sucesso” (mais informações sobre o fenômeno *Chaves* podem ser encontradas no capítulo 3).

E a atração seguia todas as tardes na programação da emissora, sempre derrotando a concorrente no horário do almoço. Mesmo já com excessivas repetições de episódios, a média do ibope de *Chaves* nos anos 1990 era de 13 pontos, dois a mais do que apresentavam os programas jornalísticos *SPTV* (ou o antigo *São Paulo Já*), *Jornal Hoje* e *Globo Esporte*. E talvez esse seja um dos segredos do sucesso, ainda que este se dê sem querer,

querendo. “As pessoas gostam de assistir a reprises porque, muitas vezes, há quem não assistiu e há aqueles que assistem de novo, porque gostam”, revela Del Rangel, ex-diretor do programa *Os Trapalhões*. “A reprise atinge todas as gerações. Por exemplo, um programa começou a ser reprisado em 1990, quando uma criança tinha 5 anos. Em 1995, essa criança passa a ter 10, e quem nasceu em 1990 estará com 5 anos. Então há sempre um público novo, no caso do infantil, por isso é que dá tão certo”, completa.

Nem sempre no ar, como seu irmão *Chaves*, os episódios de *Chapolin* deixaram, por diversos momentos, de ser exibidos. Segundo Dorival Afonso, a audiência nunca foi igual para os dois. “Em termos de audiência, o *Chaves* sempre teve maior potencial e melhores resultados do que o *Chapolin*. Por isso, ele [*Chapolin*] não é constante na grade”, revela. Cada vez que *Chapolin* sai da grade de programação do SBT, uma enxurrada de e-mails, cartas e telefonemas invade a direção da emissora, que, atendendo aos pedidos dos inconformados fãs, recoloca o herói mexicano no ar, para eventualmente sacá-lo de novo tempos depois. Os fanáticos chegaram a criar o movimento “Volta, Chapolin”, que, de tanto ser usado, cada vez que o programa saía do ar, acabou fixo. As pesquisas do SBT podem indicar o contrário, mas, entre os fãs, *Chapolin* nunca decepcionou, sempre acompanhando o ritmo do seu companheiro *Chaves*. De qualquer maneira, *Chapolin* sempre acaba dando lugar a séries mais contemporâneas ou alternativas, que passam nos horários próximos ao de *Chaves*.

No entanto, o Polegar Vermelho não ficou em apuros sozinho. Em 2003, pouco depois de *Chaves* completar ininterruptos 19 anos no ar, os fãs passaram por uma situação que jamais imaginariam: ligar a TV numa gelada tarde de agosto e não ver mais a vila. Aquela vila que, por quase duas décadas, já era um pouquinho, ou muito, da casa de cada um. E, de repente, os personagens não estavam mais ali. Não havia mais *Chaves* brincando, ou Chiquinha chorando. Dona Florinda não estava em casa e o professor Girafales estava longe – estaria de férias? Naquela tarde o Sr. Barriga não deu as caras – seria por medo de ser recebido com outra pancada do pobre do *Chaves*? E o Seu Madruga? Fugiu do aluguel, foi para Acapulco? Quem ligava a TV não entendia. As tardes eram tristes, frias, o inverno ficara ainda mais sem graça. Todos procuravam explicação e se beliscavam. Quisera isso fosse um sonho. Mas não era. *Chaves*, durante

aquele período, saiu do ar, e sem dizer para onde foi nem por quê. Talvez o SBT tivesse se cansado de tantos e tantos anos e nada de o Seu Madruga pagar o aluguel. Mas espere aí. Não era para o SBT que o Seu Madruga devia.

Alguma coisa estava errada.

Dias se passaram e *Chaves* continuava fora do ar. Mas nem um dia sem transmissão seria necessário, porque horas depois do primeiro dia em que as portas da vila se fecharam a mais de oito milhões de crianças, jovens, adultos e idosos de todo o Brasil, o SBT recebia o recorde de mais de cinco mil e-mails, que pediam o retorno do menino que não podia passar sequer um dia longe da tela e da vida de seus inúmeros fãs. Não tardou muito e a primeira providência da emissora foi tomada. Uma semana depois, *Chaves* voltava. Sim, era possível encontrá-lo no fim da noite de sábado, pouco antes da hora de dormir. Mas não era o suficiente. Era como um namoro a distância, quando se vê pouco o outro, e entre *Chaves* e seu público não podia existir essa ausência. Seis dias sem visitar aquela vila tão carinhosa, com uma vizinhança tão cativante, era muito tempo. A produção da emissora recebe mais uma leva de milhares de e-mails e telefonemas, exigindo o retorno de *Chaves* à programação diária.

E assim aconteceu. Após duas longas semanas sem exposições diárias, *Chaves* voltou, trazendo junto o vermelhinho Chapolin (que, claro, futuramente sairia novamente do ar). Quando voltaram, *Chapolin* era exibido às 14h45, e *Chaves*, às 15h15. Aliás, a mudança de horários foi rotina durante toda a vida dos seriados mexicanos na TV brasileira. E, em qualquer hora do dia, *Chaves* era garantia de sucesso e de muitos pontos no iBope, como conta o diretor artístico Vanderlei Villa Nova: “*Chaves* agrada a todas as camadas: crianças, jovens, adolescentes, donas de casa, homens. Ele se transformou no grande curinga na mão do Silvio Santos, que podia colocar o programa em qualquer hora, que dava certo”.

Thiago Marocci, então produtor do extinto programa *Falando Francamente*, revelou que um dos motivos que levaram o SBT a retirar o seriado da grade foi o de querer avaliar a reação dos telespectadores, com a intenção de fazê-los sentir falta do programa: “Acho que o SBT queria mexer com o público, fazer cada fã sentir falta do *Chaves*, numa tentativa de aumentar ainda mais sua audiência quando retornasse ao ar”. E essa parece mesmo ser a única explicação um pouco mais aceitável para tirar

do ar aquele garoto que, com seus amigos e com toda aquela vila, é garantia certa de audiência e faz falta num simples passar pela sala, quando se sabe que ao ligar a TV ele não estará lá.

Em agosto de 2011, como parte das comemorações pelos trinta anos do SBT (e quarenta anos de *Chaves*), a emissora de Silvio Santos fez um especial do programa, usando parte de seu elenco para refazer um episódio do seriado (algo que Bolaños já costumava fazer). Nomes como Carlos Alberto de Nóbrega e Ratinho interpretaram os personagens da série e gravaram a sua versão do famoso episódio dos bilhetes trocados. Chamou a atenção o minucioso trabalho da produção do programa na montagem da vila, que ficou fiel ao que vemos na TV em seus menores detalhes.

Chaves não somente sustenta sua própria audiência como serve de gancho para alavancar outros programas. Quando a jornalista Sônia Abrão apresentava o vespertino *Falando Francamente*, na emissora de Silvio Santos, exibia uma série de reportagens sobre o seriado mexicano. Com matérias inéditas, Sônia procurava mostrar em seu programa o lado humano dos personagens, com entrevistas gravadas no próprio México, em que os atores contavam um pouco de sua vida e faziam revelações sobre a convivência do elenco e curiosidades que cercavam os estúdios de gravação. As matérias, apresentadas quase que diariamente, mostraram depoimentos emocionantes do próprio Bolaños, de María Antonieta de las Nieves (Chiquinha) e de Edgar Vivár (Sr. Barriga).

Durante suas frequentes visitas ao Brasil nos últimos anos, Edgar Vivár teve a oportunidade de perceber a importância do seriado para os brasileiros e todo o carinho manifestado pelos fãs, que acompanharam atentos cada declaração daquele que já era seu companheiro havia anos, o eterno Sr. Barriga. Em uma das declarações mais marcantes sobre o relacionamento entre o Brasil e o seriado, Vivár emocionou-se ao falar sobre o significado da nossa terra para sua vida e para o seriado. “A partir do momento em que conheci o carinho que as pessoas têm por mim aqui, o Brasil deixou de estar no mapa. Ele agora está no meu coração”, disse. Um país tão grande que não cabe no peito. E acaba indo para a barriga.

Somente essa declaração, de um ator que fez parte daquela vila, bastaria para que não só o SBT, mas cada um de nós – que muitas vezes nos envergonhamos quando questionados sobre o *Chaves* – desse mais valor e atenção para o que se passa diante de um cenário tão simples. Os 275

episódios de *Chaves* e *Chapolin* que foram comprados por direito pelo SBT sempre foram transmitidos e repetidos. Um casamento que deu certo e que deverá perdurar por anos ainda, graças ao acolhimento daqueles que se preocupam não só em assistir, mas também em aproximar cada vez mais as diferentes gerações, para que os nascidos antes da apresentação do primeiro episódio nunca deixem de assistir, e para que quem nasceu vendo *Chaves* leve muito tempo para descobrir como é a TV sem aquele barril, que há anos tem oferecido em nossas casas horas e mais horas de diversão, riso e alegria.

E tudo começou numa iniciante emissora mexicana, com uma rotineira negociação que trazia uma atração, num pacote com tantas outras, que apresentava um simples cenário, simples diálogos e um simples garoto, que ninguém imaginou que seria o segredo para o sucesso. *Chaves* desembarcou no Brasil em 1981, e de lá para cá desembarcou também na vida de muita gente, tornando-se insubstituível e parte viva do cotidiano de cada um que espera sua TV anunciar “Aí vem o Chaves, o Chaves, o Chaves...”. O resto é história. História de sucesso.

Acapulco me Espera! O México e Como Tudo Aconteceu

Quando já não estivermos aqui fisicamente, todas essas paixões humanas serão esquecidas. Ficarão o trabalho que fizemos, o que deixamos na TV.

Edgar Vivár

Um programa de tamanho sucesso como *Chaves* provou, especialmente ao longo das últimas décadas, ser um assunto inesgotável. Como o seriado permanece no ar, novas e novas gerações tornam a discutir os mesmos episódios que iam ao ar desde o distante ano de 1984, quando tudo começou no país. No México, novas e polêmicas notícias sempre aparecem, de tempos em tempos, com acusações e brigas na justiça pelos personagens de *Chaves*. Porém, é curioso que o início de tudo, por terras mexicanas, não tenha ocorrido com a turma da vila famosa (não, não estamos falando da Vila Belmiro, mas da vila do Chaves, o nosso herói, que, aliás, é um grande admirador do Rei Pelé). O sucesso, na verdade, começou com outro grande marco na carreira de Roberto Gómez Bolaños, autor e criador de *Chaves* e *Chapolin*, este último uma espécie de caricatura dos heróis americanos.

Pois sente-se (um pouco mais) confortavelmente agora. Ao longo das próximas páginas, faremos uma linha cronológica detalhada de como Bolaños chegou ao universo “chavístico”.

Ao longo dos anos 1960, Bolaños trabalhava na agência de publicidade D’Arcy e fazia esquetes regulares para a TV. Em meio a seus trabalhos diários, ele começou a perceber aos poucos a importância que a mídia televisiva teria dali para a frente. Vale contextualizar o que acontecia na época: em 1969, o homem chegou à Lua, em um evento que o mundo inteiro viu pela TV. A Copa de 1970 foi o primeiro evento esportivo visto

ao vivo por dezenas de países. Em 1973, Elvis Presley fez um show ao vivo no Havaí transmitido para mais de quarenta países. A TV já havia transformado a maneira como as pessoas consumiam o entretenimento e, com o aumento da tecnologia, passava a ter escala global. Vale lembrar que o México foi o quarto país no mundo a ter a televisão, atrás apenas da Inglaterra, dos Estados Unidos e da França (e oito dias na frente do Brasil).

O sociólogo canadense Marshall McLuhan define o fenômeno da televisão como parte do processo de uma “aldeia global”, um meio de comunicação de massa com alcance internacional que difunde as mesmas mensagens, mesmo nos pontos mais remotos. Bolaños estava percebendo que a TV seria o caminho para que ele utilizasse melhor sua criatividade.

O México fervilhava como o centro das atenções naquele 1970, ano de festa para os mexicanos em uma Copa do Mundo que até hoje é lembrada pela alegria de seu povo e, obviamente, pelo show de bola dado pelos astros do futebol brasileiro. No ano da Copa, a briga de audiência já tomava conta das principais emissoras do país, a Telesistema Mexicano e a Televisión Independiente de México (TIM), e a final entre Brasil e Itália foi uma das maiores audiências do ano.

Mas, como nossa ideia não é falar da seleção nem de futebol, vamos aos poucos nos distanciando do Estádio Azteca, local onde foi realizado o último jogo. Saímos de lá e paramos na citada TV TIM, canal 8. Dois anos antes, em 1968, a emissora havia adquirido os estúdios San Angelín e estava em franco crescimento. Era lá que Bolaños exercitava seu 1,60 m de altura com muito trabalho. Esse trabalho consistia justamente na criação de seu primeiro personagem expressivo: o Chapolin Colorado.

Antes, porém, vamos voltar no tempo e explicar como isso aconteceu.

O cubano Sergio Peña, artista ligado a muitos projetos televisivos na época, teve uma breve, porém interessante experiência com o talento de Bolaños. Peña pediu que Chespirito criasse um programa a ser estrelado pela esposa do cubano, Kippy Casado. O programa nasceu e recebeu o nome de *El Hotel de Kippy*. Duas coincidências marcaram o futuro das séries de Bolaños nesse momento: primeiramente, o personagem que faria o papel de um velhinho no episódio-piloto da série jamais apareceu no estúdio. Para salvar a história, o próprio Bolaños assumiu o papel – uma

versão embrionária do Dr. Chapatin, uma de suas mais famosas caracterizações.

A outra coincidência é que o programa jamais foi ao ar. A estrela, Kippy Casado, engravidou e, por aconselhamento médico, teve que se afastar do trabalho por problemas de saúde.

O projeto não deu certo, mas o nome de Bolaños estava gravado na memória de Peña, de forma que, no início de 1969, o pequenino ator recebeu uma ligação do cubano, que a essa altura atuava justamente como diretor da TV TIM. Sergio Peña era o responsável pelo programa *Sábados de La Fortuna*, que trazia musicais e afins. Sabendo do sucesso que Bolaños já vinha fazendo com outros quadros (entre eles o esquete *Cómicos y Canciones*, como veremos em sua biografia, capítulo 6), ele ofereceu ao comediante um espaço de vinte minutos para criar o que quisesse.

Assim nasceu *La Mesa Cuadrada*, que rapidamente fez tanto sucesso que se tornou um programa próprio, com nome mais comprido (*Los Supergenios de la Mesa Cuadrada*) e que, pouco depois, mudaria de novo, desta vez para *Chespirito*. Esse acabou por ser o nome definitivo dos programas de Bolaños na TV – as únicas exceções foram mesmo para *Chaves* e *Chapolin*, que tiveram horários próprios durante um período.

Los Supergenios já dava mostras dos rumos do ator e escritor Bolaños, ao menos em relação ao elenco, base dos seus posteriores sucessos. O show contava com o próprio Bolaños, Rubén Aguirre e Ramón Valdés, entre os atores mais famosos – pouco depois, entrou também para o grupo María Antonieta de las Nieves. No roteiro, Las Nieves lia cartas com perguntas do público (na verdade eram cartas fictícias escritas por Bolaños), enquanto os três “gênios” (Bolaños, Valdés e Aguirre) respondiam. Talvez esse tenha sido o primeiro show humorístico com uma vertente política – quem sabe uma aurora do global *Casseta e Planeta Urgente!*, guardadas as devidas proporções.

Em *Los Supergenios*, Bolaños ampliou seu primeiro grande personagem: Dr. Chapatin, o médico velhinho e teimoso que ele interpretou até a aposentadoria.

O programa tornou-se um sucesso, porém foi descartado por Bolaños. Ele considerava o show “localizado” demais. A estrutura de *Supergenios* girava em torno de atualidades políticas e culturais – em uma época em

que o videoteipe já existia, os diálogos perdiam o efeito poucas semanas depois. Quando eram reprisados, perdiam sua força.

Analisando hoje, vemos que a decisão de Bolaños mostrou-se brilhante, já que *Chaves* e *Chapolin* fizeram sucesso justamente pela razão oposta: são atemporais e universais. Tivesse Bolaños decidido pela permanência de *Supergenios*, certamente não teria feito o mesmo sucesso global que alcançou – e provavelmente você nem estaria lendo este livro (que não teria razão para existir).

Não contavam com sua astúcia! Nasce o *vermelhinho*

Com o fim do debate entre gênios na TV, seria necessário colocar um novo programa no lugar do quadro removido. Bolaños resolveu então usar um personagem apresentado anteriormente, em um quadro em que os personagens da mesa quadrada gravavam do centro de uma arena de touros. Esse personagem era justamente o Chapolin.

Muitas pessoas pensam que os personagens são construídos à base de muitas pesquisas e detalhes observados por seu criador, enquanto outros acreditam que bolar um personagem cômico é uma tarefa simples e rápida – basta olhar ao redor para capturar imagens e traços que possam ser engraçados em um palco ou na TV.

Aqui no Brasil, Max Nunes, o criador do hilário quadro *Primo Rico e Primo Pobre*, famoso nos anos 1970, afirma, no livro *Pais da TV*, que criar um personagem é uma questão de texto. Não somente de observar, mas, sim, de estudar cada ação do personagem e planejá-lo seriamente para que o público possa ver nele um bom motivo para rir. Bolaños, um escritor por natureza, se encaixa nas ideias de Max Nunes.

O herói mais popular da América Latina possuía, originalmente, outro nome – ele foi batizado como *Chapolin Justiceiro*, em uma tradução livre. Pouco depois, a mudança do “sobrenome” foi feita por decisões técnicas. Durante a criação do personagem Chapolin, surgiram dúvidas quanto à cor de seu uniforme. Bolaños preferia o verde, talvez em homenagem ao inseto (sim, *chapulín* é um inseto, como veremos adiante), mas teve de desistir. O vestuário usado pelo herói (*collant*) era dificilmente encontrado nessa cor. Os tons mais comuns, na verdade, eram preto, azul, branco e vermelho. Preto foi eliminado por lembrar luto. O azul ficou de fora por causar problemas durante os efeitos com *Chroma Key* (aqueles que fazem

o Chapolin voar, entre outras peripécias). Os efeitos “especiais” do programa, aliás, eram sempre bastante trabalhosos. O episódio em que reproduzem o conto da Branca de Neve, por exemplo, foi dos mais longos a serem produzidos, afinal, os anões eram interpretados pelos próprios atores!

Após o descarte do uniforme azul, Bolaños pensou no branco, que também foi eliminado, porque poderia causar problemas de reflexo. Sobrou o vermelho. Com a nova cor, o sobrenome também mudou. *Colorado* foi escolhido pela alusão à cor rubra, mas também por lembrar uma antiga forma de terminar contos e cantigas no idioma espanhol: *y colorín colorado, este cuento se ha acabado*.

“Chapulín” é o nome de um gafanhoto típico do México, que muitas pessoas, inclusive, comem nas ruas com pimenta – talvez mais uma iguaria na terra dos feijões saltadores e do guacamole. Desde sua criação, Bolaños sempre afirmou que Chapolin era um orgulho, por ser um herói latino e enfrentar seus medos sem ser perfeito. “Seus únicos poderes são as anteninhas de vinil, que captam muito mal, e sua pastilha encolhedora, que na verdade o deixa ainda mais fraco”, afirmou Bolaños em uma entrevista ao Brasil no fim dos anos 1980. Não demorou muito e o “Polegar Vermelho” caiu nas graças da audiência, conquistando os telespectadores por sua nobreza e carisma e, principalmente, por ser uma pessoa comum, o que quase nunca é a característica mais evidente de um super-herói tradicional. O programa estava no ar havia poucas semanas e as pessoas já repetiam nas ruas o famoso bordão “não contavam com minha astúcia”, que chegou até a ser usado em campanhas políticas na época.

Isso, isso, isso! *Chaves* no ar!

El Chapulín Colorado fazia parte do programa *Chespirito*, como já mencionado. Além do herói latino, outros quadros eram exibidos, entre eles, um chamado *Los Chifladitos*, em que Bolaños e Aguirre faziam papéis de malucos em diálogos precisamente montados para dois “lelés”. Porém, Aguirre recebeu uma proposta de emprego para estrelar em outro canal e pediu para sair. Bolaños manteve as portas abertas e o liberou, mas removeu o esquete, já que acreditava que Aguirre era insubstituível. Assim, teria de criar mais uma atração para ocupar o espaço deixado.

E nós damos um sanduíche de presunto para quem adivinhar qual foi.

El Chavo del Ocho (o número 8, originalmente, não representava a idade de Chaves, como muitos pensam, mas sim o canal onde o programa era exibido – TV TIM, canal 8) foi mais uma ideia aproveitada por Bolaños anteriormente. Um dos esquetes de apenas dez minutos usados por ele em seu programa incluía um garoto (o Chaves) e um vendedor de balões (Ramón Valdés, em uma versão embrionária do Seu Madruga). Chespirito resolveu aumentar o esquete até que se tornasse algo parecido com a vila que conhecemos.

Em uma das ideias do escritor, surgiu o pensamento de colocar um barril na vila. Mas por que um barril? Segundo Bolaños, o barril surgiu por coincidência, quando ele passou por um no caminho do trabalho um dia. Como sempre foi ágil, achou que seria uma boa ideia ter um barril para que o menino pudesse entrar e sair. Ainda segundo Chespirito, o barril também é um esconderijo, algo de que toda criança precisa. “Toda criança tem um lugar especial, onde se esconde e pode sonhar”, afirmou em uma entrevista pela internet em meados de 2011.

Com o tempo, a explicação para a origem de *Chaves* foi ganhando mais detalhes por parte de Bolaños e sua esposa, Florinda. Especialmente, a imagem de que o garoto Chaves é apenas uma criança com fome, algo que existe em toda a América Latina – falaremos mais sobre esse estereótipo.

O nome do programa foi erroneamente traduzido/aportuguesado como *Chaves* no Brasil. Na verdade, “chavo”, em espanhol, quer dizer “garoto”, “moleque”. Acabou vindo ao Brasil como *Chaves* por um simples erro de *portunhol*. Hoje, a verdade é que ninguém nem sonha em mudar esse nome tão conhecido pelo país.

Entre os quadros apresentados em *Chespirito*, destacaram-se justamente *Chapolin* e *Chaves*. Aliás, a fama foi tão grande que foram promovidos a seriado, ganhando meia hora por semana (segundas e quartas) cada um.

Embora o grande sucesso ainda fosse *Chapolin*, *Chaves* começava a “incomodar” seu irmão mais velho, dando sinais do seu potencial. Em 1971 foram ao ar alguns episódios, enquanto o início, com mais estrutura, veio no ano seguinte. Apesar de já conviver com o sucesso de *Chapolin*, Bolaños na verdade não esperava que *Chaves* pudesse fazer o sucesso que acabaria fazendo. De fato, enquanto foi transmitido na TV TIM, o fenômeno foi pouco mais que regional. *Chaves* já merecia uma atenção

maior; a prova disso são os próprios episódios. É exatamente nesse período que se notam as mais graves falhas técnicas, como a iluminação pobre e o cenário sofrível, que incluía o próprio piso do estúdio como o chão da vila. Claro, as falhas não eram exclusividade de *Chaves*: em *Chapolin*, que incluía quadros do Dr. Chapatin e esquetes genéricos, a produção era ainda mais escassa. Com cenários utilizados de forma descartável, o cuidado conseguia ser menor. Alguns episódios nem sequer possuíam cenário, na verdade, apenas alguns móveis, uma luz baixa e a parede do estúdio ao fundo. O elenco de apoio, que se juntava aos atores principais, também era sofrível: figurantes de péssimo nível técnico e habilidades cênicas notadamente amadoras. Destaque negativo também para o áudio do programa. No Brasil, o problema foi amenizado pela dublagem. Porém, nos episódios mais antigos em espanhol, fica nítida a precária qualidade de captação das vozes dos personagens, que muitas vezes tinham de gritar ou agir como se estivessem no teatro. Talvez por isso, Bolaños tenha decidido por regravar muitos roteiros, quando as “vacas já estavam mais gordas”. Claro, apesar de toda a limitação técnica, esse início já era mais do que suficiente para dar sinais da genialidade do texto criado por Bolaños – que, reforçamos, escrevia *todas* as piadas e cenas dos programas, além de atuar.

Em 1971, o elenco contava novamente com Rubén Aguirre, o professor Girafales, conhecido do sucesso anterior de Bolaños que, em *Chaves*, ganhava o nome de “Inocência Girafales” (embora seja raríssima a oportunidade em que alguém o chame assim no programa). Vale lembrar que todos os atores da série foram escolhidos por Bolaños, e seus personagens, criados de acordo com as características que o escritor via em cada um (pensamento nem sempre condizente com o de alguns atores do elenco, como você verá). Por isso atores com características físicas tão distintas.

Ramón Valdés e María Antonieta de las Nieves também eram parte do elenco até aquele momento. Com o espaço próprio para as séries, o grupo precisou aumentar – era uma questão matemática: Bolaños precisava de mais personagens para colocar mais falas e cenas. Para dar mais estrutura à série, foi convidada uma veterana do teatro e do cinema latinos, a atriz espanhola Angelines Fernández, que fazia o papel da Bruxa do... digo, da Srta. Clotilde. Durante os primeiros anos da série, o papel de Angelines

não era totalmente definido. Momentaneamente, ela deixou de participar de alguns episódios, e havia no grupo a atriz Janet Arceo, que fazia o papel da “louca da escada” (*la loca de la escalera*). Mas, rapidamente, a Bruxa do 71 mostrou-se pronta para o papel. Angelines já vinha de uma carreira bem-sucedida no cinema, trabalhando inclusive ao lado do comediante mexicano Cantinflas, um dos maiores ídolos do próprio Bolaños.

Nesses primeiros anos de *Chaves*, é curioso notar que nem os personagens nem os cenários possuíam características que os marcariam, como roupas ou bordões ou, no caso dos cenários, casas e decorações. Chaves, por exemplo, chorava de uma maneira diferente, enquanto o Seu Madruga vestia uma camisa amarela, ou por vezes aparecia com outras roupas e usava uma boina em lugar do tradicional chapéu desbotado que o acompanharia até o fim do programa. A vila também era um pouco diferente – e nem estamos falando do acabamento que ela foi recebendo ao longo dos anos. A mudança era de casa mesmo. O lar do Seu Madruga e da Chiquinha ainda não era no tradicional número 72, ficava no espaço correspondente ao domicílio da Dona Florinda, que ainda não fazia parte do elenco. Em entrevista ao programa *Agora é Tarde*, em 2012, o apresentador pergunta ao convidado Edgar Vivár qual a lógica em ter as casas 71 e 72 ao lado da 14. A resposta de Vivár revela: “Não sei. Apenas atuávamos. Mas, provavelmente, eram os números cenográficos que tínhamos à mão no início das gravações”. Apesar de a resposta não bater com o que ouvimos de outras fontes, serve como uma amostra da precária estrutura que tinham na época.

Um fator que muitos costumam pensar que ocorria frequentemente durante as gravações de *Chaves* e *Chapolin* é o improvisado. Claro, por se tratar de um programa de humor, isso seria quase automático. Mas a verdade é que Bolaños é, acima de tudo, um escritor e autor. Para ele, era fundamental que o que fosse passado aos atores estivesse integralmente na cena. Por isso, era muito raro que alguma fala do roteiro fosse alterada. Segundo Edgar Vivár, “o único que podia improvisar era o próprio Roberto [Bolaños]. Para nós, bastava memorizar o texto e gravar”. Diferentemente dos atores e atrizes dos dramalhões, que, por sinal, também são exibidos pelo SBT, nenhum ator do elenco usava o ponto eletrônico, famoso apetrecho muito usado também aqui no Brasil pelos apresentadores de

programas. “Na comédia, a espontaneidade faz o ritmo, mais ou menos como um pingue-pongue”, diz Vivár.

Alguns especialistas consideram o início oficial de Chaves em 1972. Há divergências, mas a certeza é que foi nesse ano que a série passou a contar com importantes reforços (falaremos mais sobre os atores no capítulo das biografias), que se tornariam a essência do elenco mais famoso da história do grupo. Carlos Villagrán, o Quico, ingressava na vila para ser um contraponto ao Chaves – rico, mimado e inocente. Sua mãe seria Dona Florinda, vivida por Florinda Meza. Desde o momento em que entrou para o elenco, a beleza da jovem atriz chamou a atenção de Bolaños – que, na ocasião, era casado e tinha seis filhos.

A mãe de Quico era, no início, bastante carrancuda e batia no Seu Madruga por praticamente qualquer motivo. Com o passar dos anos, Bolaños decidiu criar o romance entre ela e o Professor Girafales, justamente para tentar “humanizar” um pouco mais sua personagem, quase sempre a menos querida pelo público. Rubén Aguirre confirmou, durante entrevista a um vespertino na TV chilena em 2011: “Roberto Gómez Bolaños viu que a personagem de Florinda não era popular, então criou esse romance entre ela e o Girafales para humanizá-la. Genial”.

Também entrou para a série o médico frustrado Edgar Vivár, o Sr. Barriga, que, até então, seria apenas o zelador da vila, e nem nome tinha. O “Barriga” surgiu algum tempo depois, devido às características físicas do ator (essa vocês já imaginavam). Edgar Vivár conta que optou pela interpretação após dois anos em que se decepçcionou como médico. Segundo ele, a maior decepção era tratar os pacientes como números e, muitas vezes, realizar cirurgias apenas pelo dinheiro. Os plantões de madrugada também o incomodavam.

Ocasionalmente, os atores viviam papéis diferentes dentro da mesma série. Ou seja, o Sr. Barriga interpretava o próprio filho, Nhonho, enquanto Florinda Meza dava vida à sobrinha de Dona Florinda, Pópis. María Antonieta de las Nieves também interpretou um segundo personagem, a Dona Neves. Mas isso será mencionado com mais detalhes daqui a algumas páginas.

Outro fato curioso, que infelizmente se perdeu na tradução para a versão brasileira, são os nomes usados nas séries. Mais em *Chapolin* do que em *Chaves*, é comum o personagem interpretado levar o nome do ator. Por

exemplo, o Seu Madruga, que aqui no Brasil ficou tão famoso com essa alcunha, carrega o nome de Don Ramón, em espanhol, nome do ator que o interpreta. Carlos Villagrán, nos episódios de *Chapolin*, quase sempre vivia personagens com seu próprio nome (continue lendo para saber mais sobre a escolha dos nomes dos personagens no Brasil).

Novamente, ainda não há bordões ou chavões (sem trocadilhos) previamente definidos. Quico e Dona Florinda seriam apenas uma família sem o pai, sendo que Quico ainda não tinha as dificuldades de raciocínio que marcariam o personagem. Um dos episódios marcantes desse período é o dos balões do Chaves, em que, no fim, ele sai voando levado pelas bexigas.

O visível sucesso das séries de Bolaños passou a atrair os *más grandes*, como diriam nossos *hermanos*. Bolaños, por mais de uma oportunidade, foi sondado pelo poderoso Telesistema, canal 2. O canal 2 era conhecido na época como *la competencia*, por contar com os melhores programas e profissionais da época. Seria algo como a Globo fazer uma oferta a um programa da Bandeirantes ou da Rede TV!, em um exemplo informal.

A Telesistema buscava seduzir o “homem do barril” com tentadoras ofertas para levar seus programas e seu elenco para outra casa. O ator e escritor jamais chegou a negar veementemente as ofertas que recebia, porém, afirmava que só sairia após cumprir os contratos que tinha com a TV TIM. Seus esforços de recusa, no entanto, acabariam sendo em vão. Em 1973, a TV TIM se uniu à Telesistema, criando uma nova e moderna emissora, que tinha como proposta na época ser a primeira rede nacional do México, a *Televisión via Satélite* ou, simplesmente, Televisa. O canal mexicano tornou-se um dos maiores conglomerados de comunicação do mundo e o segundo na América Latina, atrás apenas das organizações Globo.

Chaves mudava, então, de casa. Na ocasião, os dirigentes do recém-criado canal sugeriram que o nome da série mudasse sutilmente: de *El Chavo del Ocho* para *El Chavo del Dos* (em alusão ao canal 2). Chaves do Dois? Felizmente, Bolaños retrucou, e a partir de então o número 8 do título passou a designar somente a idade do protagonista.

Se algo, até aquele momento, faltava ao seriado *Chaves* para que se tornasse um sucesso, ficou comprovado que não faltava mais. Com a

Televisa, o programa passou por uma “reciclagem técnica” e ganhou um cenário mais completo, figurinos melhores e, finalmente, um piso. A audiência foi às alturas. Nem por isso o programa perdeu suas características principais: a inocência e a simplicidade, combinadas a textos muito bem formulados e ao desempenho cada vez melhor dos atores. No entanto, apesar da melhoria nos cenários e na iluminação, muitas falhas continuavam ocorrendo, em razão da carência tecnológica na época, principalmente no México, que, como o Brasil, continua sócio do clube dos países em desenvolvimento.

Com a criação da Televisa, houve também uma dedicação maior à exportação dos programas, que até então era tímida. *Chaves* e *Chapolin* passaram a romper fronteiras e a chegar a cada vez mais países de língua espanhola nas Américas Central e do Sul. *Chaves* finalmente tornava-se grande.

Os papéis dos personagens também mudavam sensivelmente. Dona Clotilde, que era a aristocrata do cenário, perdeu essa função para Dona Florinda, passando a ser uma velha solitária e misteriosa que vivia dando em cima do Seu Madruga, sua eterna paixão. O Sr. Barriga, que era um mero cobrador de aluguel, passou a ser dono da vila. Bolaños, em alguns episódios, usa a personagem Malicha, sobrinha do Seu Madruga, interpretada por Maria Luisa Alcalá. Malicha apareceu em apenas alguns episódios; no Brasil, é dublada com a mesma voz da Chiquinha e é conhecida como Malu. Apesar de tantas vitórias, o seriado sofre um desfalque no fim do ano: María Antonieta de las Nieves, a Chiquinha, é convidada para um programa solo no canal 13, chamado *Pampa Pipiltzin*, e abandona as séries – ela voltaria cerca de um ano e meio depois, após o insucesso na carreira solo. Dentro de *Chaves*, Bolaños decide dizer que a filha de Seu Madruga foi morar com as tias de Guanajuato – por aqui, a dublagem usou a acolhedora cidade de Presidente Prudente, no interior de São Paulo.

Após tantas mudanças, veio a consolidação. Aos poucos, alguns atores foram se destacando. Isso fica claro no ano de 1974, que, mesmo sem a Chiquinha, rendeu episódios, digamos, “clássicos”, como aquele do “Madruguinha”, em que Quico ganha um cachorrinho, batizando-o de Madruguinha em “homenagem” à figura do Seu Madruga. Os dois (Quico e Seu Madruga), a partir desse episódio, tornam-se peças importantes do

enredo e ganham cada vez mais espaço. No lado de *Chapolin*, o sucesso era o mesmo. Foi nesse ano que surgiu a sequência de episódios do Velho Oeste, com personagens como Racha-Cuca, um vilão sem escrúpulos interpretado por Ramón Valdés, e Rosa, a Rumorosa, uma bela senhorita vivida pela atriz Florinda Meza. No fim daquele ano, María Antonieta de las Nieves voltaria a atuar pelo grupo, já que sua atração solo não havia emplacado.

Shows pela América

Paralelamente, o elenco de Bolaños tinha outra maneira de expandir seu sucesso. O grupo fazia viagens por todo o México, apresentando-se em casas de shows, paradas em carro aberto e até estádios de futebol – sempre lotados. Com o sucesso vertiginoso de *Chaves*, que a essa altura já era um dos programas mais vistos do México, as viagens cresceram e atingiram o exterior.

Talvez hoje, você que assiste ao *Chaves* todo dia, como algo normal e cotidiano, tenha dificuldade para aceitar. Mas, acredite, em um curto espaço de tempo todo o elenco que trabalhava nas séries passou a ser de celebridades *estelares* – e, como você sabe, ainda levaria uns dez anos para o Brasil conhecer esse sucesso.

Autógrafos, coletivas de imprensa e tietagem de homens e – especialmente – mulheres tornaram-se comuns, massageando muito o ego, mesmo dos mais humildes. Nos bastidores, Bolaños começava a revelar um início de relação íntima – e extraconjugal – com Florinda, especialmente durante as viagens, quando sua esposa não estava.

O Brasil nunca teve oportunidade de ver um show do *Chaves*. Mas o que havia nesses concertos? Tratava-se de, basicamente, reproduzir um pouco do que se via na TV. Além dos diálogos e cenas envolvendo quadros dos dois programas carros-chefe, os atores faziam musicais e danças, interagindo com convidados locais. Rapidamente, o *tour* foi tão expressivo que atingiu todos os países da América Latina, com exceção de Cuba – e do Brasil.

Cada apresentação da trupe de Bolaños era extremamente concorrida. Em Santiago, no Chile, por exemplo, o governo decidiu não dar falta aos milhares de alunos que deixaram de ir às escolas públicas no dia em que o elenco chegou ao aeroporto da cidade para um show. E, da pista de pouso

até o hotel onde os atores ficariam hospedados, formou-se nas ruas uma multidão que aplaudiu toda a trajetória do grupo. Naquela mesma visita, a apresentação do elenco foi feita para um estádio lotado com 80 mil pessoas. Mas falaremos mais sobre o fenômeno nos palcos no próximo capítulo. De volta à TV.

Nos estúdios, o cenário de *Chaves* seguia se aprimorando. O segundo pátio da vila ganhou mais detalhes e foi incluído até um portão de entrada principal, além de um aquecedor com fusíveis (segundo o Quico, “revolvíveis”).

O meio da década de 1970 marca o início da maturação do programa, com as melhores histórias e o elenco completo, com sua capacidade de atuar mais aprimorada. Em 1976, ocorre uma mudança significativa nos enredos de *Chapolin*, que passa a focar também o auxílio a pessoas comuns, tocando em um lado mais social. Um dos episódios da série do herói colorado mais marcantes nesse sentido é o do Seu Mundinho, um senhor interpretado por Ramón Valdés que se sente mal por ser fiscal sanitário e é amparado pelo Chapolin, que faz o papel de sua consciência. Mais uma vez, ficava clara a mensagem de herói crível do “Polegar”.

Em cada viagem, em cada novo recorde de audiência, ficava claro que o processo de ápice do seriado estava cada vez maior. A essa altura, *Chaves*, em especial, já era um programa maior do que Bolaños e, por vezes, difícil de controlar.

Acapulco me espera!

E o auge finalmente chegara. O ano era 1978, e a Televisa decidiu que, pela primeira vez, deveria levar a trupe para ser filmada sob a luz solar, longe dos holofotes dos estúdios. O palco, a bela e turística cidade de Acapulco, que até hoje é um polo de turismo na costa mexicana e, nos anos 1970, era considerada a viagem dos sonhos de muitas pessoas. Acapulco era o destino dos sonhos de qualquer conhecedor de praias. Vivia o seu pico de fama mundial, abrigando na mesma época o concurso de Miss Universo (que, aliás, rendeu um episódio de *Chaves* sobre o tema) e já tinha até sido pano de fundo para um dos filmes açucarados de Elvis Presley. Para a trupe da vila, portanto, nada mais justo do que celebrar seu sucesso nesse local, a menos de 400 quilômetros da capital, Cidade do México, onde os programas eram filmados.

Os episódios de *Chaves* e *Chapolin* em Acapulco, os favoritos da maioria dos fãs, surgiram em razão da parceria do canal mexicano com o hotel Hyatt, hoje Hotel Continental Emporio Acapulco. Pela primeira vez, as filmagens das duas séries de Bolaños incluíam imagens externas, e foram encerradas após duas longas semanas de trabalho. Os atores contam que, durante a produção, o número de hóspedes dobrou. No Brasil, a dublagem faz uma pequena confusão nessa sequência de três episódios do *Chaves*, sendo o primeiro ainda na vila, quando Seu Madruga ganha duas passagens para Acapulco em um sorteio e, no fim das contas, todos o acompanham nessa viagem. Na continuação dos episódios, já no hotel, em Acapulco, a dublagem resolve chamar o local de Guarujá, praia no litoral do estado de São Paulo, famosa e badalada nos anos 1980, tentando uma forçada e desnecessária proximidade com a realidade brasileira (a recomendação era de Silvio Santos, como veremos adiante).

Tanto *Chaves* como *Chapolin* ganharam episódios em Acapulco, sendo o do “vermelhinho” os bastidores de uma filmagem em que o herói se vê às voltas com o “Homem Nuclear”, uma sátira do protagonista da série norte-americana *O Homem de Seis Milhões de Dólares*, interpretado por Carlos Villagrán.

Apesar do sucesso junto ao público, o episódio de Acapulco não é o mais memorável entre o próprio elenco. Talvez pelo fato de a trama ter sido mais “comercial” do que as filmadas no estúdio – por trás da viagem a Acapulco, estava a exposição maciça do hotel, que era do grupo Televisa. O hotel, aliás, até hoje recebe fãs do mundo todo que querem ficar no mesmo lugar em que se hospedou a turma. Quem assistir aos episódios pode notar como os personagens não poupam elogios ao local.

No mesmo ano de 1978, a turma ganhou um pouco mais de visibilidade estrelando na Sétima Arte. A Televisa passou a produzir filmes, por meio da empresa Televicine, e decidiu começar justamente com um roteiro de Bolaños. O comediante achou por bem não realizar um filme sobre o Chaves ou o Chapolin, por achar que o público não teria interesse em pagar para assistir a algo que via de graça em casa (décadas depois, Matt Groening, criador dos *Simpsons*, disse que demorou para decidir fazer um filme de sua obra pelo mesmo receio). Em relação ao Chapolin, um motivo a mais: os efeitos especiais seriam ainda mais custosos – um fator impeditivo e tanto no precário cinema mexicano.

Foi assim que nasceu, portanto, o filme *El Chanfle*, que mostra o dia a dia do América, um popular time de futebol do México, e todos os problemas para chegar à vitória. *El Chanfle* é lembrado pelos fãs mais apaixonados por ser o único trabalho que envolve, em um mesmo momento, toda a formação clássica de *Chaves*, incluindo Ramón Valdés, Carlos Villagrán e Raúl Padilla (Jaiminho), algo que nunca aconteceu na vila (curiosamente, os três atores jamais dividem uma mesma cena ao longo do filme). Os atores desempenharam os seguintes papéis: Bolaños era *El Chanfle*, roupeiro, ajudante geral do time e incapaz de fazer algo errado; Florinda era sua esposa; Carlos Villagrán, o astro do time, mulherengo e desonesto; Edgar Vivár, o médico do clube; Ramón Valdés, o técnico; Rubén Aguirre viveu o presidente do time. María Antonieta de las Nieves teve um pequeno papel como fã de Valentino (Carlos Villagrán), enquanto Raúl Padilla e Angelines Fernández fizeram um casal que, ao longo do filme, se envolve em confusões com Chanfle.

Chama a atenção o fato de Bolaños desenhar, para ele, o papel de um roupeiro tão puro de coração que nem sequer aceita que um jogador do time finja um pênalti, enquanto o papel de Villagrán é o oposto, atrás apenas de dinheiro, mulheres e caminho fácil.

Apesar de o roteiro não ser dos melhores, o filme conta com uma estrutura razoável. As cenas de futebol, por exemplo, foram todas filmadas no já citado Estádio Azteca, o mesmo usado na final da Copa do Mundo de 1970. Bolaños reutiliza vários esquetes de seus programas na TV. Apesar de o filme não ser exibido pela TV brasileira, é facilmente encontrado na internet.

A produção, claro, foi um sucesso e quebrou todos os recordes de bilheteria até então no país. Rendeu, inclusive, uma sequência, batizada de *El Chanfle II*, que foi exibida em 1982. Contou com o mesmo elenco, com exceção de Ramón Valdés, que não pôde participar do filme por problemas de saúde, e Carlos Villagrán, que não trabalhava mais com Bolaños. E é sobre essas duas ausências que falaremos agora.

O adeus de Quico

Nesse momento, os programas *Chaves* e *Chapolin* já haviam atingido a maturidade, como citado anteriormente. Eram conhecidos internacionalmente. Junto com a fama, porém, começaram a surgir as

primeiras desavenças. Rubén Aguirre, em entrevista ao jornal argentino *El Diario de Paraná*, disse: “Claro que havia brigas. Se em famílias já existem discussões, imagine em um grupo de trabalho...”. Edgar Vivár também resume de forma bem clara o que aconteceu, em entrevista a um vespertino argentino em 2008: “Não há nada permanente. Somos apenas humanos”.

Apesar de alguns descontentamentos, de maneira geral, havia um bom entendimento entre todos. Todos, menos um: Carlos Villagrán, o Quico, constantemente ia contra a maré. Durante algumas viagens no *tour* do grupo, ele foi assediado de forma mais especial que os demais. Seu ego certamente agradeceu. Villagrán começou a trabalhar em projetos paralelos. Enquanto todo o grupo gravava um disco (LP) com canções dos programas, ele decidia gravar um álbum próprio. Segundo o ator de Quico, a essa altura a família *Chaves* já estava saturada. Havia uma enorme disputa de egos, inveja e poder. “Roberto Gómez ‘Bola de Años’ ficava com todo o faturamento sobre os personagens de *Chaves*”, contou Villagrán durante entrevista para o programa *Enemigos Intimos*, em 2009. A questão financeira nunca pareceu ter incomodado os demais participantes do grupo. Bolaños, quando perguntado se ganhou muito dinheiro com a série, chegou a afirmar em entrevistas: “Muito menos do que as pessoas pensam, mas muito mais do que jamais pensei que teria”.

Alguns meses antes dos episódios filmados em Acapulco, Villagrán já havia anunciado a Bolaños que iria estrelar um programa próprio, usando o personagem que lhe dera a fama. Segundo Bolaños conta em sua biografia, os dois tiveram um jantar e Villagrán pediu permissão para usar o Quico em outra atração. O criador da série nada pôde fazer a não ser desejar ao companheiro toda a sorte em suas novas empreitadas.

Porém, os problemas apenas começaram depois disso.

Alguns anos depois, ainda segundo Bolaños, Carlos regressou à Televisa. Ofereceu à emissora um programa estrelado pelo Quico. Quando Chespirito foi informado disso, apenas pediu que os créditos do programa dessem a ele a autoria da criação do personagem. Villagrán não aceitou, afirmando que o personagem era dele. “Bolaños é o dono da caricatura, porém, quem deu vida ao personagem fui eu. As bochechas inchadas são minhas, o modo de falar e chorar sempre foram meus”, disse o comediante em uma coletiva de imprensa em Lima, Peru, no fim dos anos 1990.

Afirmava que características como bordões, a bochecha inchada e o modo de falar e chorar foram criações dele.

O que caracteriza a criação de um personagem? Bolaños afirmou em entrevista, na ocasião do lançamento do livro *El Diario del Chavo del Ocho*, quando perguntado sobre a briga com María Antonieta de las Nieves: “É obrigação de todo ator ‘vestir’ o personagem e entregar o máximo possível de suas habilidades a ele. Mas isso não faz com que seja o proprietário daquele personagem”.

A disputa tornou-se pública e foi parar na justiça. Bolaños exibiu, como prova, um documento assinado anos antes por Carlos, em que este afirmava que o personagem era criação de Chespirito. O intérprete de Quico retrucou, dizendo que havia assinado o documento sob ameaça de não receber o salário. Há divergência entre o próprio elenco. “Isso é um absurdo. Jamais iriam bloquear o salário dele”, revelou Rubén Aguirre, em entrevista para o programa *La Historia Detras Del Mito*, em 2008.

A questão jamais foi resolvida e Carlos, sempre que pode, joga novas lenhas nessa fogueira de vaidade e histórias mal contadas. Numa das últimas, acusou Florinda de se envolver com Bolaños por interesse. Chespirito decidiu não brigar mais, porém Carlos Villagrán foi proibido por muitos anos de atuar como Quico no México. A saída foi, portanto, viver o personagem em outros países da América Latina, algo que o ator faz até hoje – inclusive no Brasil, onde já esteve algumas vezes participando de programas de televisão, sempre mediante polpudos pagamentos adiantados – em 2010, para fazer uma aparição no programa da apresentadora Eliana, foram 5 mil dólares.

Apesar das rusgas, o personagem Quico não foi banido dos produtos de *merchandising* da série, incluindo o bem-sucedido desenho animado (ao contrário do que aconteceu com a Chiquinha, como veremos).

Mas, afinal, por que Carlos Villagrán resolveu sair de *Chaves*? A série estava fazendo grande sucesso em praticamente toda a América, com exceção do Brasil e do Canadá. Ele ganhava um bom dinheiro, assim como os demais integrantes do elenco. A resposta para essa pergunta paira, de novo, no cenário das histórias incompletas, lendas, boatos e rumores que só os grandes, famosos e longevos grupos podem ter.

Desde que saiu de *Chaves*, Villagrán tornou-se um especialista em alardear para a imprensa que era rechaçado pelo restante do elenco devido

ao sucesso de seu personagem, que seria mais popular que os demais. Ele diz que saiu por causa da falta de espaço para seu personagem crescer e compara a turma de *Chaves* a uma famosa banda de rock: “Quando saíamos em turnê, durante as coletivas de imprensa, 80% das perguntas eram dirigidas a Bolaños. Quando me ofereciam novos trabalhos, Bolaños negava. Todo o crédito ficava para ele. Isso gerou uma insatisfação geral”, diz o ator. “Sempre que um grupo se transforma em celebridade, termina mal, como com os Beatles”, afirma.

Em sua visão, Quico já era mais importante que Chaves – e isso, de novo segundo ele, não podia acontecer aos olhos de Bolaños. Afinal, Quico era o vilão. A forma de chorar, os bordões, tudo em Quico era mais atrativo que no Chaves. Na verdade, se analisarmos melhor, Chaves é o elo central de uma corrente com vários atores talentosos no papel de personagens muito bem definidos. Decidir qual é o melhor, no entanto, não cabe a nós.

Além dos motivos citados por Villagrán, circulam uma terceira e quarta versões para a saída do ator. E as duas envolvem Florinda Meza (Dona Florinda), casada com Bolaños até hoje.

A terceira versão diz respeito a um envolvimento amoroso que Carlos Villagrán teve com Florinda. Há aqui uma curiosa antítese: embora Villagrán fale abertamente sobre as outras questões dentro de *Chaves*, ele raramente toca nesse assunto. Mas, nas poucas vezes em que o faz, admite. A mais recente, a uma TV peruana em 2011, quando confirmou: “Sim, tivemos um romance, durante as gravações de *Chaves*, bem no princípio”. Normalmente, porém, ele prefere sair pela tangente com piadas ou simplesmente fecha a cara. De fato, Villagrán e Florinda tiveram, sim, um breve relacionamento, que tomou curso pouco antes de a atriz entrar para o elenco de *Chaves*. Como já dito aqui, Bolaños começou uma relação extraconjugal com Florinda na segunda metade dos anos 1970. Se esse foi um dos motivos para Villagrán sair de *Chaves*, não se sabe. Mas, como todo homem que se preze, ele não deve ter ficado feliz ao ver que Florinda agora estava nos braços justamente de Bolaños.

Já a quarta versão para a saída de Villagrán diz respeito à interferência profissional de Florinda no andamento da série. Esteban Valdés, um dos filhos de Ramón Valdés (o Seu Madruga), contou em entrevista a um programa de televisão do Chile que, após ter início a relação amorosa de Florinda e Bolaños, a atriz passou a interferir na direção do programa, que

era então feita pelo próprio Chespirito e por Enrique Segoviano, contratado da emissora. Edgar Vivár e Villagrán também revelaram, em entrevistas ocasionais, que Florinda começou, aos poucos, a atravessar as orientações de Bolaños – essa teria sido, inclusive, uma das razões para o ator de Seu Madruga deixar o programa.

É importante contextualizar para o leitor brasileiro de que maneira a relação de Bolaños e Florinda é vista no México e em muitos países da América Latina. Em diversos programas de comédia ou tiras de jornais, a companheira de Bolaños é tratada como controladora, manipuladora e, por vezes, intérprete do marido. A atriz, 19 anos mais jovem que o companheiro, passou a nutrir um sentimento de proteção sobre Bolaños, especialmente quando ele começou a mostrar uma limitação por conta da idade avançada. Porém, em alguns momentos essa preocupação parece ultrapassar os limites. Não raro, entrevistas concedidas pelos dois são dadas apenas por Florinda – Roberto é interrompido e muitas vezes parece não ter direito a dar uma opinião (sem se incomodar com isso, verdade seja dita). Isso ficou claro, por exemplo, durante uma coletiva de imprensa em Buenos Aires, em 2005, para o lançamento do livro *El Diario de el Chavo del Ocho*. A esposa de Bolaños foi ríspida com os jornalistas, recusou-se a falar sobre os problemas com o elenco e, em muitos momentos, impedia Bolaños de falar. Em 2011, durante um *webcast* com Chespirito, que respondia a perguntas enviadas por internautas, a interferência de Florinda também foi notada. Em determinado momento, ela assume o microfone e responde pelo marido.

Já que o grupo inglês The Beatles foi mencionado há pouco, teria Florinda Meza sido a Yoko Ono de *Chaves*?

Especulações e trocas de farpas de lado, voltemos à saída de Villagrán. Ele e Bolaños nunca mais cultivaram um relacionamento após as brigas. A única exceção publicamente conhecida foi em 2000, quando a Televisa fez um dia de homenagens a Bolaños – por 24 horas, toda a programação do canal trouxe atrações relacionadas ao escritor. Ao fim do especial, atores e envolvidos com a história de Chespirito se encontraram em um palco. Lá estava Carlos Villagrán. Em frente às telas, a dupla apareceu publicamente trocando abraços e calorosos apertos de mão. Mas ficou nisso. Na semana seguinte, Villagrán estava dando uma entrevista na Venezuela e mais uma

vez atacava o colega. O ator de Quico afirma que não há uma má relação, nem boa – ela simplesmente não existe.

A saída de Quico do elenco fez com que as imagens de Acapulco ficassem ainda mais famosas, não só pelo sucesso que fizeram, mas pelo que *seria* o último episódio com o ator no elenco. Pelo menos é o que pensam muitos fãs e admiradores da série. Como falamos, isso é mais do que normal em grupos longevos. Com o passar dos anos, as histórias e datas do programa acabaram por entrar em uma nuvem de mistério que parece não se dissipar nunca. Nesse caso, a lenda famosa diz que o episódio de Acapulco foi a despedida de Villagrán, e que Chaves inclusive teria entoado a famosa canção “Boa Noite, Vizinhança” (*Buenas Noches Vecindad*) para o companheiro, como uma forma de despedida.

O próprio Villagrán, porém, nega. Diz ele que ficou por mais algum tempo nas filmagens até decidir sair de vez. Edgar Vivár também nos garantiu que Villagrán continuou após o episódio de Acapulco por alguns meses. De qualquer forma, informações envolvendo *Chaves*, mesmo quando dadas pelos próprios atores, devem sempre ser vistas com cuidado. O seriado está cercado por muitos mitos, debates eternos, imprecisões e esquecimentos.

De qualquer forma, a canção “Boa Noite Vizinhança” acabou por se tornar uma das mais conhecidas interpretações do grupo, um grande hino, junto com o outro *hit* *Que Bonita Vecindad* (“Que Bonita Vizinhança”) e o inesquecível “Se Você é Jovem Ainda”.

Sem Madruga

Você se lembra, quando falamos do filme *El Chanfle II*, que Villagrán e Valdés não faziam mais parte do elenco. Pois é, Quico não deixou a série sozinho. Em solidariedade ao amigo (seria só isso?), poucos meses depois de sua saída, parte Ramón Valdés, para juntar-se ao Quico em seu programa na Venezuela. Disse Edgar Vivár, em entrevista ao vespertino *Gente Como Tu*, do Chile, em 2008, que Villagrán recebeu a oferta de 1 milhão de dólares para estrelar o programa na Venezuela. Ou seja, se for verdade, talvez o motivo da saída tenha sido dinheiro mesmo.

Com a ausência de dois dos principais atores, a série ficou desfalcada. Bolaños decidiu não substituí-los – achava que um ator jamais poderia ser trocado por outro que fizesse o mesmo papel (antes que você ache isso

estranho, saiba que é um procedimento muito comum na TV do México. Alguém se lembra, por exemplo, que o ator que fazia o papel do bedel Firmino no dramalhão *Carrossel* foi trocado sem nenhuma explicação?). Chespirito achou por bem adicionar dois novos papéis ao programa. O primeiro, com o acréscimo de um novo ator. Raúl Padilla passava a interpretar Jaiminho, o carteiro, que veio de Tangamandápio e sempre buscava evitar a fadiga. Também passou a fazer parte fixa do elenco a Dona Neves, mãe do Seu Madruga e interpretada por María Antonieta de las Nieves. A bisavó de Chiquinha já havia aparecido na série antes, mas apenas com menções e em episódios especiais.

Existe um problema em comum com todos os grupos cujos elementos atuam juntos por um longo período. O ator acaba sendo obrigado a se acostumar com o sucesso e tem de carregar para o resto da vida o personagem de sucesso. E o pior disso é que, trabalhando em conjunto, eles percebem que sozinhos não têm a mesma força, tornam-se apenas uma sombra do que foram. Isso também acontece no Brasil. Por exemplo, em 1983 o grupo humorístico *Os Trapalhões* teve uma separação. Dedé, Mussum e Zacarias resolveram fazer um filme sem Renato Aragão, o Didi. O resultado foi sofrível, e não devido à ausência do Didi em especial, mas pela ausência de um deles. No fim, todos acabam se juntando novamente (mas isso é outro livro). Renata Pallottini descreve problemas como esse no livro *Dramaturgia de Televisão*: “O seriado funciona por acumulação; ao longo de sua feitura, os autores vão criando os casos, as histórias, os enredos que poderiam ter envolvido aquele grupo humano e que tenham a ver com a filosofia geral que conduz a série. Cada um dos personagens, criado e construído no começo de tudo, tem suas feições, suas peculiaridades, seu ser, enfim”.

Não é preciso dar muitas explicações, depois disso, para a causa do fracasso do programa solo de Quico, *Federrico*, na Venezuela, logo após sua saída de *Chaves*. Mesmo com a presença de Ramón Valdés, os dois, comprovadamente importantíssimos para o seriado mexicano, não conseguiram garantir o êxito e conquistar o gosto do público, que queria vê-los com o resto da turma. Embora a tentativa não tenha rendido muita audiência, Villagrán não se importou – e por muitos anos seguiu assim, se apresentando em shows pagos na pele de um enrugado e maquiado Quico.

Esse foi o problema com *Chaves*. O molde, perfeito para aquele modelo, que com o passar dos anos foi ficando mais e mais aprimorado, foi rompido. Carlos Villagrán, em entrevista para o programa latino *Enemigos Intimos* em 2009, afirmou convenientemente que, após a sua saída e a de Ramón Valdés, o programa deveria ter acabado. Já falamos da função central que o personagem Chaves representa dentro do seriado. Mas Villagrán tem razão ao mencionar o Seu Madruga como um dos principais nomes da série. Ele era, sem dúvida, o elo que passava por toda a trama de *Chaves*. Afinal, sem o Seu Madruga:

- ★Chiquinha passava a ser órfã;
- ★Chaves perdia seu mentor;
- ★Dona Florinda já não tinha mais ninguém para dar a bofetada ou a quem se referir como “gentalha”;
- ★O Sr. Barriga não tinha mais de quem cobrar os 14 meses de aluguel (embora a dívida tivesse sido “transferida” para Dona Neves);
- ★Quico não gritaria “gentalha, gentalha”;
- ★A Bruxa do 71 não teria mais seu eterno amor platônico na série.

Além disso, toda a teia central de *Chaves* também perdia pedaços: Quico bate em Chaves, Chaves tenta descontar e, no último segundo, Seu Madruga aparece para impedir a agressão. Nesse meio-tempo, Dona Florinda chegava e, por um mal-entendido, achava que o agressor era justamente Seu Madruga.

Estaria Villagrán certo? *Chaves* deveria ter acabado? Há os mais puristas que defendem que, após esse período, o programa nunca mais foi o mesmo. Mas, no Brasil, é muito difícil levantar qualquer tese mais aprofundada, já que o país assiste, desde 1984, quase que somente aos episódios dessa fase estelar – a única exceção ocorreu em tentativas de exibir os episódios mais modernos, que não deram certo, como falaremos posteriormente.

Conjecturas de nada adiantam, e a história nos mostra que Bolaños ignorou qualquer possibilidade de tirar seu programa do ar. E, ironicamente, a audiência de *Chaves* subiu após a saída de Villagrán e Valdés. “Quando Quico saiu do programa, pensamos que teríamos uma queda de popularidade. Mas o número de telespectadores aumentou”,

afirmou para a TV CHV, do México, Rubén Aguirre. Bolaños também afirmou, em sua biografia, que a audiência de seu programa aumentou ainda mais após a saída dos dois atores.

Talvez para apimentar um pouco a série e dar-lhe novos ares, que não lembrariam os personagens ausentes, 1979, o ano seguinte à saída dos dois atores citados, é justamente o que traz mais novidades. Além dos personagens de Dona Neves e Jaiminho, há a estreia de novos cenários e situações. Na maior delas, Dona Florinda decide comprar um bar e transformá-lo em um restaurante. A partir daí, os episódios deixam de ser somente na vila, revezando-se entre o restaurante e também em mais histórias na escola do professor Girafales. *Chaves* ainda era líder de audiência, portanto a Televisa não poupava despesas para ampliar o universo do menino do barril. Isso fica claro quando, também nesse ano, um novo cenário é montado especialmente para o Natal, e a turma vai à casa do Sr. Barriga enquanto a vila é reformada. Durante esse episódio, Chaves comenta que jamais havia recebido um presente de Natal. Em uma das cenas, ele ganha um presente do Sr. Barriga, e, após a exibição, centenas de brinquedos chegaram pelo correio à Televisa.

O ano de 1979 marcou também a despedida “oficial” do Chapolin, mas essa é uma história que você pode conferir em *Curiosidades*, capítulo 7.

Em 1980, *Chaves* deixa de ser uma atração própria e volta a ser exibido como parte do programa maior *Chespirito*. O figurino de alguns personagens começa a mudar sensivelmente. Mas a mudança que vai chamando mais atenção é algo que acabaria por se tornar uma tradição nos programas de Bolaños: os *remakes*, ou regravações, de episódios. Segundo Bolaños, esses episódios eram refilmados por conter histórias muito boas, e, em novas versões, poderiam ficar melhores – normalmente, ficavam piores. Engana-se quem pensa que Bolaños apenas gravava as mesmas histórias com atores diferentes. Em diversas ocasiões, o elenco completo chegou a gravar a mesma trama. O episódio (perdido) dos espíritos zombeteiros, por exemplo, foi gravado em duas ocasiões, ambas com Villagrán e Valdés no grupo. As piadas, cenários e diálogos também eram aproveitados em “plataformas” diferentes. O exemplar episódio do julgamento do Chaves, com suas piadas tão incríveis, teve uma versão poucos anos antes, em um esquete do Dr. Chapatin de 1973. No lugar do Chaves, o réu era o próprio Chapatin. O atropelado era um cão, por um

carro. Tirando poucas mudanças, a maior parte do quadro é bastante similar à sequência do julgamento do Chaves.

Quando a refilmagem incluía a troca de alguns personagens – como o Nhonho ou Pópis no lugar do Quico – e a ausência do Seu Madruga, esses *remakes* soavam comerciais e sem a mesma inspiração. As filmagens de 1980 nunca passaram no Brasil, assim como as do ano seguinte. O ano de 1981 conta com um reforço para a série: Ramón Valdés volta às gravações, sem a companhia de Carlos Villagrán. Em cena, no episódio em que regressa à vila, Valdés diz que estava se aventurando pelo mundo (esse episódio também é inédito no Brasil).

Para os fãs saudosistas, o retorno de Seu Madruga ao *Chaves* é algo como a volta de Michael Schumacher às pistas, de Michael Jordan às quadras ou um novo filme com Sylvester Stallone no papel de Rocky Balboa. Porém, mesmo com sua volta (e as explicações que demos sobre a importância desse personagem), a corrente não ficava completa sem o Quico. Afinal, por que Dona Florinda daria uma bofetada em Seu Madruga sem o seu filho para proteger? Bolaños precisou criar textos que usassem novas razões para que Seu Madruga pudesse apanhar da senhora do 14. E, ainda assim, soava estranho. Após a bofetada, ficava faltando que Florinda falasse: “Vamos, Quico, não se misture com essa gentinha!”.

O destaque dessa volta de Seu Madruga ocorre em dois episódios: no primeiro, com seu regresso oficial (chegando com um paletó e mala), Chiquinha dá-lhe um abraço tão bonito e sincero que transparece o carinho que María Antonieta de las Nieves sentia por Don Ramón. Carinho não só dela, diga-se. Em meio a tantas brigas e desavenças, a única unanimidade percebida em todo o elenco é o incrível carinho e admiração que sentem por Valdés. Edgar Vivár, amigo do ator, não esconde a emoção toda vez que fala sobre os últimos momentos vividos pelo amigo.

No outro episódio destaque dessa “temporada”, Chaves sonha que Seu Madruga está se casando com a Srta. Clotilde. A cerimônia é tão hilária quanto surreal. O professor Girafales revela-se o padre, o que causa comoção em Florinda. Chiquinha acompanha os noivos, também em prantos, pela nova madrasta que teria. Os noivos não esboçam nenhum sorriso, enquanto uma versão soturna de *Jesus, Alegria dos Homens* reina como som de fundo – esses dois episódios são inéditos no Brasil.

A participação de Valdés, contudo, durou muito pouco. Logo ele sairia novamente da série, para se aventurar com seu circo no Peru. Infelizmente, lá mesmo ele começou a ter problemas de saúde. Fumante inveterado, o ator foi diagnosticado com câncer no pulmão pouco tempo depois. A doença foi rápida e devastadora. Valdés morreu em 9 de agosto de 1988, a primeira grande perda definitiva do elenco (veja mais sobre Valdés no capítulo 6, biografias).

Após a segunda saída de Seu Madruga, a série perdeu mais uma vez a força. Ainda assim, apesar de desfalques e de um sutil declínio do ponto de vista técnico, *Chespirito* (a série) continuava dando bons índices de audiência. E, paralelamente, as turnês com apresentações por toda a América Latina seguiam em ritmo intenso e sempre com excelentes resultados.

Os últimos anos

Entre o fim dos anos 1980 e início dos 1990, todo o grupo foi ficando mais enfraquecido, à mesma medida que o cenário e os figurinos iam melhorando. Parte dessa fase de atuação foi ao ar no Brasil dentro do programa que conhecemos como *Clube do Chaves*, no SBT, em 2001 (os episódios também foram exibidos anteriormente pela TV Gazeta). Com cenários modernos, atores mais velhos e figurinos contemporâneos, o sucesso, não só no Brasil como em outros países, foi menor do que o esperado – mais explicações estão na seção *Curiosidades*, capítulo 7. As gravações de *Chespirito* foram encerradas definitivamente em 1995. “Não lembro exatamente qual foi o roteiro do último episódio que gravamos, mas foi algum *remake* filmado na escolinha”, recorda Edgar Vivár. Infelizmente, o fim ocorreu de forma melancólica.

Quando o programa de Bolaños estava próximo de completar 25 anos de exibição, a Televisa decidiu encerrar as produções humorísticas da casa para focar apenas novelas. Apesar disso, houve tempo para *Chespirito*, o programa, completar 25 anos, e a emissora voltou atrás, permitindo que Bolaños continuasse gravando. Mas o ator não quis mais. A idade, somada às recentes baixas de elenco, com as mortes de Angelines Fernández e Raul “Chato” Padilla (ambos faleceram em 1994), pesou na decisão do escritor.

Embora alguns atores ainda vistam os trajes e interpretem seus personagens, como é o caso de María Antonieta de las Nieves, isso aos poucos vai se tornando cada vez mais raro. A explicação para isso, segundo Edgar Vivár, é simples e, ao mesmo tempo, poética: “Pagamos tributo à vida”, diz. O tempo passou e nenhum deles conseguia mais manter a aparência de um garoto ou mesmo de um jovem. No caso dos atores que faziam papéis de criança, a barreira era ainda maior. Naturalmente que nenhum deles queria convencer alguém de que eram crianças, mas ainda traziam consigo uma jovialidade aparente. Em visita ao Brasil, em 2010, Villagrán revelou por que estava deixando para trás o personagem Quico: “Faço isso em respeito ao personagem, que já tem mais de 30 anos, e principalmente a vocês”.

A mudança de fisionomia foi uma das principais razões para o fracasso de *Clube do Chaves* no Brasil, também de acordo com Edgar Vivár. Questionado sobre os resultados, muito aquém do esperado, Edgar tenta explicar: “Eu não sei exatamente a razão de não ter funcionado. Disseram que as pessoas estavam acostumadas com o antigo”, diz. “Roberto [Bolaños] já não possuía mais a fisionomia de um menino, já tinha rugas, essa é a verdade. Ele tinha o mesmo humor, mas não apresentava mais os traços de um menino, e as pessoas não aceitaram essa diferença”, lamenta Edgar.

Embora os programas com o elenco tenham sido gravados por mais de vinte anos, foi mesmo nos anos 1970 que ocorreu o auge do seriado, quando ainda possuía o elenco completo. Foram gravados mais de mil episódios, de acordo com Vivár, com uma média de quatro programas por mês, durante duas semanas. O restante do mês era usado para a pós-produção.

Como tudo na vida, existe um ciclo, com início, meio e fim. O início, o começo de tudo, seja de um namoro, seja de uma banda de garagem ou de um grupo de atores, é marcado pelo entusiasmo e pela energia. O meio é lembrado pela maturidade, pela experiência e pelo conhecimento. Não foi a primeira nem será a última vez em que uma série de sucesso é obrigada a se render ao poder do tempo. Com a turma de *Chaves* não foi diferente. É sempre difícil saber o momento de parar, seja qual for a profissão. Não é fácil para um jogador de futebol, que por tantas vezes fez a alegria de

diferentes torcidas, reconhecer que já não consegue ter o mesmo pique do garoto de 20 anos. Essa percepção muitas vezes vem de maneira doída.

Para atores que durante tantos anos fizeram o que tinham de fazer da melhor maneira possível, perceber que o tempo passou é uma experiência dolorosa, mas que deve ser enfrentada.

Afinal, o mundo vai muito além de uma vila.



O Bendito Transistor – O Fenômeno Chaves

A polícia peruana levou mais de duas horas para dispersar os mais de 50 mil fãs que invadiram as pistas do aeroporto para ver o Chaves.

Florinda Meza

Quando Bolaños idealizou seu programa, não almejava muito. Não teve grandes ideias nem planejou tudo antecipadamente. Como já vimos, *Chapolin* e *Chaves* foram programas nascidos para tapar buracos deixados por outros, e suas criações partiram de sobras de materiais que Bolaños tinha criado anteriormente. Seria esse, no entanto, o mesmo humor da palavra inglesa criada no século XVII? Na mesma Inglaterra onde surgiu o primeiro canal de televisão formal, a BBC de Londres, e a mesma e velha Inglaterra da já citada proximidade de Bolaños com Shakespeare?

O que torna *Chaves* um fenômeno? Afinal, um seriado latino que é reprisado durante tanto tempo na mesma emissora deve ter algum segredo. O extinto programa *Falando Francamente*, já citado, tinha uma média de 4 a 5 pontos, e aumentava consideravelmente sua base de telespectadores quando colocava no ar algo sobre os seriados mexicanos – para 7, 8 ou até 10 pontos (lembrando que cada ponto no ibope equivale a uma média nacional de um milhão de telespectadores). Os quadros tornaram-se fixos durante o curto período em que *Chaves* saiu do ar, sob o nome *O Barril do Chaves*. Thiago Marocci, produtor, afirmou no capítulo 1 que os episódios saíram do ar para provocar a audiência. No entanto, Elias Abrão, irmão da apresentadora Sônia Abrão e então diretor do programa, revelou o verdadeiro motivo. Os quadros de *Chaves* faziam parte de uma anacrônica comemoração de 22 anos da emissora, tratando-se apenas de uma coincidência. “O *Chaves* sempre deu audiência, independentemente do

nosso programa. O que fez com que parasse de ser exibido foi a remasterização das fitas, que passaram por um processo digital”, afirmou Abrão. Dorival Afonso, do SBT, confirma a história. “Todo o acervo que estava em condições de exibição foi remasterizado. Já há alguns anos, a exibição é feita em fitas digitais”, afirmou o funcionário em 2010.

A comemoração de 22 anos, no entanto, soa estranha. Pode até ser verdade, mas, como foi informado anteriormente, os números dizem o contrário. O fato é que sempre que colocava quadros do humorístico no ar, o programa de Sônia Abrão praticamente dobrava sua audiência.

Certamente esse não foi um privilégio da apresentadora, que, aliás, já saiu do SBT e regularmente troca de emissora. Alguns concorrentes de peso já sentiram como é perder para o seriado. Vanderlei Villa Nova, o mesmo que estava presente na história da compra dos episódios (capítulo 1), relembra um dos mais famosos casos de sucesso de *Chaves*, em detalhes.

Em 1999, a apresentadora Ana Maria Braga vivia um dilema. Não estava satisfeita no comando do seu programa *Note e Anote*, que já vinha fazendo sucesso havia seis anos. A insatisfação, em parte, devia-se à chegada de novas atrações na Record, como Fábio Jr. e a estreia da *Escolinha do Barulho*. Para comprovar suas reclamações, na madrugada de 8 de abril daquele ano a apresentadora saiu às ruas com seu carro somente para contar o número de *outdoors* com Fábio Jr. espalhados pela cidade (na época, ainda não vigorava em São Paulo a Lei Cidade Limpa). Resultado: na manhã seguinte, pediu demissão.

A apresentadora nega a história, mas esse não é o enfoque do livro. Entre boatos e verdades, sua amiga e produtora Marlene Mattos acertou, enfim, seu contrato com o gigante das comunicações Rede Globo. Para qualquer artista que se preze, mudar para a Globo sempre parece ser um passo à frente. Meses se passaram até que ficou acertada sua estreia para o dia 18 de outubro de 1999, com direito a um novo programa, o *Mais Você*, um feminino do tipo que a Globo não possuía desde os tempos de *TV Mulher*, aquele com Marta Suplicy (na época, ela ainda não era política).

A reviravolta no mundo da TV foi grande. Villa Nova lembra-se do alvoroço nos corredores do SBT, então principal rival da emissora carioca: “Quando o SBT soube que a Ana Maria Braga ia estreiar na Globo, todos entraram em pânico. Ninguém sabia exatamente como proceder para

tentar, ao menos, diminuir o impacto do compressor global que vinha pela frente. Na Record, a apresentadora alcançava até 8 pontos no ibope, o que significava que na Globo a probabilidade de esse número triplicar era muito grande, ainda mais em se tratando de estreia”, conta.

Reuniões foram marcadas pela alta cúpula do SBT para que se decidisse o que deveria ir ao ar no mesmo horário. *Mais Você* iria estreiar às 13h40, horário que antes era ocupado pelo *Vídeo Show*. Na Globo, a expectativa era obter, no mínimo, 16 pontos, índice alcançado pelo antecessor, na época ainda apresentado por Miguel Falabella.

Deveria o SBT criar uma nova atração nos moldes dos femininos? Que tal um jornal diário com notícias ou fofocas? Uma novela reprisada? Após muita discussão, novamente a decisão final veio por parte de Silvio Santos. A ordem foi clara e precisa: “Coloquem o *Chaves*”, disse o dono da emissora. Vale lembrar que, em 1999, *Chaves* já estava sendo transmitido e reprisado pelo SBT havia quinze anos e, portanto, não teria a mesma vitalidade de outrora. Isso, pelo menos, foi o que disseram ou provavelmente pensaram alguns funcionários do SBT quando souberam da decisão do patrão – uma espécie de nova geração da turma que havia sido contra a exibição do programa pela primeira vez, em 1984. Também eles foram contra o programa. E, mais uma vez, não contavam com a astúcia do Homem do Baú.

Pois, no dia 18 de outubro de 1999, Silvio Santos, Roberto Bolaños e elenco provaram a todos que os pessimistas estavam errados. Ao final do programa de Ana Maria Braga, poucos conseguiam acreditar no que havia acontecido. Mas os números estavam lá para comprovar. *Chaves* havia conseguido uma média de 16 pontos contra 8 de *Mais Você*, em plena estreia, sendo que a estrela voltava às telas após quase oito meses distante. Alguns poderiam argumentar, até com um pouco de razão, que o grande público ainda não estava acostumado com a nova atração logo no primeiro dia. Pior, poderia ainda nem saber dela. Pois bem, como se não bastasse, o menino do barril foi cruel. A audiência nos (vários) dias seguintes comprovou que o aluguel não estava sendo pago pela mais nova estrela loira da Globo. Pior: dois meses após a estreia, os números descreviam mais uma vez o que é o fenômeno Chaves:

--	--	--

	SBT – Chaves	GLOBO
4/11/99	14	13
10/11/99	18	17
12/11/99	16	14
17/11/99	13	12
18/11/99	15	14
19/11/99	14	12
20/11/99	11	10
22/11/99	16	13
24/11/99	16	14
25/11/99	14	13
26/11/99	16	15

Fonte: Ibope

“O Silvio [Santos] percebeu que de manhã funcionava, mas se ele punha de tarde, ia bem, botava de noite e também acertava. Para vencer uma estreia na Globo, só pode mesmo ser um fenômeno. Em qualquer horário, quantas vezes por dia, vai dar certo”, diz Villa Nova.

O ocorrido gerou muita polêmica na mídia, sendo que até mesmo o SBT se aproveitou do momento, com anúncios publicitários da(s) vitória(s) nos principais jornais do país. A consagração não veio somente naquele momento, já que em dezembro de 2000 *Chaves* atingiu a surpreendente marca de 20 pontos no ibope, contra 11 do vespertino da Globo. Quanto à derrotada, Ana Maria Braga, afirmou estar passando por uma crise de depressão. Coincidência ou não, essa crise só teve fim quando a cúpula da Rede Globo achou por bem mudar a atração de horário. *Mais Você* passou a ser exibido de manhã, livrou-se do incômodo mexicano e se consolidou.

Mas o *rolete* (como os da lavadora?) compressor de *Chaves* não para por aí.

Alguns anos depois, em 2005, *Chaves* voltou à mídia. E, mais uma vez, sob ameaça de sair do ar. O contrato com o SBT estava expirando, e, sem

uma razão específica, o grupo mexicano decidiu cobrar US\$ 1,5 milhão por um ano de exibição em vez dos habituais US\$ 500 mil. O SBT relutou, e o programa pela primeira vez esteve perto de ser exibido em outra emissora no Brasil. Rede TV!, Bandeirantes, Record e até a Globo se interessaram pela compra do seriado.

Por um breve momento, o SBT chegou a cogitar a ideia de não pagar ao dono da venda, isto é, a Televisa. Mas esse pensamento muito rapidamente atravessou as portas dos Estúdios Anhanguera. E, novamente, Silvio Santos interveio a favor da trupe mexicana. Durante o período em que *Chaves* foi exibido sob a ameaça de que se fechassem os portões da vila, a audiência surpreendeu a todos, como pode ser comprovado em dados do Ibope de maio de 2005:

Dia	Audiência (média)
23/5	13
24/5	13
25/5	16
26/5	12
27/5	13
30/5	14
31/5	13

Fonte: Ibope

Hélio Vargas, diretor artístico e de programação da Rede Record [quando entrevistado], atuava como gerente de programação da então TVS em 1984. Assim como seus colegas, assistiu a *Chaves* antes de todos, porém, ainda com o som original, em espanhol. Mais de duas décadas se passaram e o diretor lamenta a opinião que deu ao patrão naquele momento: “Quando o Silvio Santos mostrou o *Chaves* para mim na década de 80, fui um dos que não acreditavam que o programa seria um sucesso. Vários diretores condenaram a qualidade técnica e a produção sem recursos”, relembra.

No entanto, Hélio Vargas mostra-se hoje mais um fã do programa e justifica o interesse que a Rede Record teve em comprar o seriado: “O tempo passou e o Silvio provou estar certo. Tentei comprar o programa porque acho que é uma opção de entretenimento testada, que tem um público cativo. Da mesma maneira que conquistou espectadores durante estes anos, pode fazer novos fãs ao longo do tempo”, afirmou, categórico.

E pode mesmo. *Chaves* está há tanto tempo no ar que atravessou uma linha imaginária, porém muito poderosa, e que o alça praticamente até o fim dos tempos: a internet. Mas falaremos sobre isso daqui a pouco.

Apesar do constante interesse de outras emissoras e boatos, *Chaves* passou quase três décadas intrinsecamente associado à emissora de Silvio Santos. Isso acabou por criar um vínculo direto, bom para o SBT, mas não necessariamente para a atração. *Chaves*, embora fazendo sucesso e genuinamente consolidado entre os fãs, esteve sempre preso ao canal de Silvio Santos. Os interessados pelo programa passaram décadas sujeitos às intempéries do canal, às mudanças de horário sem prévio aviso ou tendo de ver episódios que eram picotados para que se encaixassem na grade de programação.

Isso começou a mudar quando o canal pago Cartoon Network, um dos primeiros a aparecer no Brasil, em meados dos anos 1990, comprou os direitos de exibição dos desenhos animados do *Chaves*. Somente isso já significaria uma importante libertação. A animação da vila havia sido criada em 2007 e, poucos anos depois, já estava em exibição em mais de um canal.

Porém, a libertação seria muito maior.

Em 1º de novembro de 2010, o Cartoon Network passou a exibir, no horário nobre das 20h, episódios das séries originais *Chaves* e *Chapolin*. Naquele momento, pela primeira vez, o telespectador teria oportunidade de assistir às séries famosas, do jeito que foram dubladas, longe das manobras do SBT. A única exceção aconteceu quando a rede CNT, no começo da década de 1990, exibiu os episódios que conhecemos como *Clube do Chaves*, que, como vimos, foram redublados anos depois pelo time original de dubladores.

A alegria dos fãs foi ainda maior, já que, junto com *Chaves*, veio a série *Chapolin*, que regularmente entra e (mais) sai da grade do SBT. Adicionalmente, a comunidade que acompanha os programas ficou feliz

em ver os episódios na íntegra – sem cortes ou edições, como regularmente faz o SBT. Imagine então a alegria da comunidade ao ver que a íntegra incluía até mesmo as aberturas e encerramentos originais, com créditos, *nunca* exibidos na TV aberta. Em meio à nuvem de incertezas da evolução cronológica das séries de Bolaños, os nomes nos créditos e aberturas são importantes pistas para os “detetives do barril” (termo inventado por nós agora), que tentam decifrar como se dividem as temporadas dos programas.

Madison Square Garden lotado. Duas vezes

Se o fenômeno Chaves já é incrível no país, no restante da América não é diferente. Saindo um pouco do Brasil, notamos que *Chaves* já vem conquistando países desde os anos 1970. Em 1977, a atração com a trupe de Bolaños lotou duas vezes, no mesmo domingo, o estádio de futebol de Santiago, no Chile, cuja capacidade é de 80 mil pessoas – na chegada ao aeroporto, os carros onde estavam os atores foram recebidos em uma verdadeira parada que se estendeu pelas ruas até a chegada ao hotel onde ficariam. Em Valparaíso, também no Chile, uma multidão entoou em coro a música “Que Bonita Vizinhança” para os atores.

Em Buenos Aires, Argentina, no Auditório Luna Park, com capacidade para 25 mil pessoas, Bolaños fez sete apresentações seguidas com capacidade esgotada – e só não fez mais porque a agenda incluía outras cidades do país, como Córdoba e Mendoza, todas igualmente com lotação esgotada. Nove anos depois, o grupo retornou à cidade, para mais nove shows no mesmo Luna Park, todos ocupados em sua capacidade máxima.

Florinda Meza conta no livro *El Diario de el Chavo del Ocho*:

“Em certa ocasião, um homem pediu para tirar uma foto com Bolaños. Afirmou que, em dois anos, aquela foto teria local de destaque na Casa Rosada, a sede presidencial da Argentina. Aquele homem era ninguém menos que Carlos Menem [*presidente daquele país entre 1989 e 1999*]”.

Durante apresentação na Costa Rica, um político local afirmou que, se Chaves fosse candidato à presidência, ganharia com 99% dos votos. Um garoto de San Juan, Porto Rico, deu a Bolaños 2 dólares para que Chaves pudesse comprar novos sapatos. Taxistas de diversos países se recusavam a cobrar quando o cliente era Chespirito ou alguém de seu elenco.

Até 1983, o lendário Madison Square Garden, em Nova York, já havia exibido astros como Elvis Presley, Pink Floyd e Led Zeppelin. Mas, em um domingo desse mesmo ano, um espetáculo latino surpreende, com duas sessões lotadas em um só domingo: *El Show de Chespirito* entrou para a lista das grandes apresentações do “The Garden” do ano de 1983.

Chaves já foi exibido em mais de oitenta países, entre eles Rússia, Coreia do Sul, Arábia Saudita e Japão. Villagrán diverte-se, em entrevistas, tentando repetir suas frases em coreano.

Na Colômbia, o sucesso entrou para a história. Os atores fizeram desfile em carro aberto pela capital, Bogotá. Edgar Vivár relembra o resto: “Deram-nos nacionalidade colombiana. Fizemos um desfile em que cada um que visse teria de pagar 1 peso, que seria revertido para instituições. Desfilamos nas ruas e arrecadamos 3 milhões de pesos. Hoje em dia, não preciso de passaporte. Quando vou à Colômbia, basta dar o número do decreto presidencial”, diz.

Show no Brasil?

Apesar de tanto sucesso em apresentações pelas Américas, as pessoas costumam perguntar qual o motivo de a vila nunca ter vindo se apresentar no Brasil. Embora alguns atores já tenham vindo às terras tupiniquins para apresentações individuais, como é o caso de Carlos Villagrán, o elenco nunca esteve completo por aqui. Segundo Edgar Vivár, o maior desafio era mesmo o idioma – vale lembrar que a série só chegou por aqui, como contrapeso ainda, nos anos 1980, muito depois dos países vizinhos –, porém, ainda assim eles estavam preparando um show exclusivamente em nosso idioma. “Íamos ao Brasil, queríamos montar um show em português. As poucas palavras que sabíamos em português serviriam para esse show”, conta. As frases que eles estavam aprendendo, na verdade, nada mais eram do que os bordões dos personagens, dublados e tão conhecidos aqui. Villagrán, por exemplo, foi “vítima” do sucesso de seu dublador, como veremos mais à frente. Todos os atores da série reconhecem o talento dos anônimos brasileiros.

A vinda ao Brasil estava marcada para o início de 1994, mas os planos acabaram sendo adiados e nunca mais foram retomados: “Quando já estávamos nos preparando, Roberto [Bolaños] ficou doente, e depois disso faleceu Raúl Padilla, o Jaiminho, quando já tínhamos agendado doze

apresentações. Infelizmente não retomamos a ideia após os dois acontecimentos”, justificou Vivár. Pouco tempo depois, como você já leu, Bolaños iria aposentar de vez os personagens de Chaves e Chapolin.

O que explica, então, que mesmo sem vir ao Brasil o programa tenha chegado a um estágio de reconhecimento que qualquer pessoa, independentemente da faixa etária, faça logo uma relação, por menor que seja, com os personagens assim que seus nomes são mencionados? Qual a fórmula mágica? Tinha de ser o Chaves mesmo? Por que tinha de ser ele, exatamente ele, o criador da fórmula de humor que já atravessou o oceano e perdura até os dias de hoje?

Sérgio Buarque de Holanda, em seu livro *Raízes do Brasil*, comenta a famosa receptividade brasileira, o acolhimento que é marca registrada de nosso país, como o samba ou o futebol, acolhimento esse que não se restringe somente a pessoas, mas, como podemos ver, também aos programas de televisão.

Suzy Camacho, psicóloga e fã declarada de *Chaves*, apresenta suas razões para o sucesso do programa. “O que atrai o telespectador é o lado humano do seriado”, diz ela. “Diferente de um desenho animado, ele mexe com pessoas reais, de uma maneira infantil e ao mesmo tempo comum, ou seja, se em um desenho os personagens não envelhecem, o mesmo não acontece com Chaves”, explica. De fato, todos sabem que os atores vão envelhecendo, e isso acaba atraindo ainda mais a atenção das pessoas, já que o humor se torna mais humano do que em um desenho. Ainda assim, *Chaves* diferencia-se levemente da tese, já que os atores envelhecem sem envelhecer. Afinal, as reprises são as mesmas desde 1984.

Seria só isso? Certamente não. Difícil decifrar a fórmula usada por Bolaños para criar todos os personagens da vila. A única certeza é a de que não houve anotação de fórmula após o uso. Perdeu-se, e não se sabe quais foram os ingredientes.

A última façanha de *Chaves* é tentar ingressar no livro dos recordes, o *Guinness Book*. O objetivo é mostrar e comprovar que esse é o primeiro seriado a atingir a liderança na audiência pelo menos uma vez em todos os países onde já foi exibido.

“Ele é um arquétipo por causa de todas as suas características humanas, do seu jeito de agir, seu lado criança e ingênuo. Coisas que todos nós possuímos e com as quais nos identificamos”, continua Suzy Camacho.

Outro ponto apontado pela psicóloga são os caricatos: “Encontramos os personagens de *Chaves* na forma de estereótipos no nosso dia a dia: a vizinha fofqueira, o menino mimado, o malandro e o professor autoritário, por exemplo”.

Por ser um humor de fácil entendimento e percepção, *Chaves* não exige um prévio e vasto conhecimento para ser engraçado. Além do mais, as séries, com exceção das sequências de um ou dois capítulos, nunca foram gravadas de forma contínua, ou seja, é diferente do que ocorre com as novelas ou séries norte-americanas, em que o telespectador acaba se prendendo em frente à televisão, condenando atos que não ocorram em frente ao aparelho, limitando a sua vida ao horário das nove. A falta de continuidade lembra, também, características dos desenhos: não importa o que aconteça com o Pica-Pau, as crianças sabem que no quadro seguinte ele estará de volta ao que é.

Chaves é diferente disso. Ele não prende o telespectador, pelo contrário, exige o mínimo de atenção possível. Com exceção de fãs ardorosos, muitos abandonam o seriado no meio para se dedicar a outras atividades. Atos como esse, que poderiam representar uma ameaça ao futuro do programa, acabam tendo um efeito inverso. Por “soltar” o seu telespectador e permitir que faça o que bem entender em qualquer horário, ele acaba cativando-o ainda mais. Quem compartilha dessa opinião é a psicóloga Dirce Escaramai da Silva: “*Chaves* acaba cativando o público de uma maneira diferente das novelas. Não sufoca nem desespera; alivia e descontraí”, diz. Segundo ela, o “namoro” entre *Chaves* e o telespectador é “livre, sem crises de ciúmes ou discussão do relacionamento”; pelo contrário, os dois andam livres por onde bem entendem, pois, no dia seguinte, estarão de volta para continuar sua história de amor.

Foram quase 25 anos de filmagens. Mais de mil episódios produzidos – o número é uma estimativa de Edgar Vivár. O Brasil não possui nem a metade, como mostramos. Em 1995 os atores encerraram definitivamente as gravações. Desse modo, é natural que, após uma certa exposição, começassem as reprises. Por aqui, claro, o número de episódios é tão baixo que elas começaram cedo, para não ter mais fim. Ter uma noção exata de quantas vezes *cada* episódio foi exibido pelo SBT é uma tarefa hercúlea, quase impossível; no entanto, fazendo uma base simplista e extremamente conservadora, calculamos que cada episódio de *Chaves*, entre agosto de

1984 e fevereiro de 2012, foi exibido pelo menos 45 vezes. Em todos esses anos, a emissora mostrou o menino do barril quase três mil vezes! Claro, como falamos, esse número serve apenas como uma curiosidade digna de bar, já que: 1) os 275 episódios que o SBT tem não foram todos exibidos em ordem sequencial; 2) o número de exibições de *Chaves* em um dia variou dezenas de vezes; 3) alguns episódios temáticos, com do Dia dos Namorados ou do Natal, foram exibidos apenas uma vez por ano; 4) não somos matemáticos; e 5) a veiculação de *Chaves* sempre esteve sujeita às súbitas e comuns mudanças que fazem parte do cotidiano da grade de programação do SBT.

Tantas reprises são mais uma indicação do sucesso, segundo Suzy. Para ela, as reprises oferecem aos adultos e, principalmente, às crianças, uma fixação maior. Mesmo sabendo o que irá ocorrer, fazem questão de presenciar. Alguns, até, gabam-se de adivinhar quais as próximas frases a serem pronunciadas pelos atores, promovendo uma espécie de “competição”. O jornalista Carlos Costa é mais um a reforçar a tese: “O ser humano gosta do conhecido. Ele sente-se confortável ao ver algo que já conhece, isso o deixa ‘no comando’. Por isso, cada vez que vemos *Chaves*, estamos confortando nosso ego”, explica.

Preste atenção no seguinte trecho de um episódio.

Seu Madruga vê Chaves apoiado no muro da vila, no mesmo local em que Quico costuma entrar em prantos. Ele se aproxima, para ver o que há, pensando que Chaves está chorando. Na verdade, ele está brincando de esconde-esconde e contando enquanto Quico e Chiquinha procuram por um esconderijo. Intrigado, Seu Madruga pergunta a Chaves:

- *Ei, Chaves, por que está chorando?*
- *Eu não estou chorando, estou contando.*
- *Ah, sim? E o que conta?*
- *Eu vou bem, e o senhor?*

Essa piada foi exibida em um episódio no meio dos anos 1970, mais provavelmente em 1974 ou 1975. Se tivesse sido dita pela primeira vez anteontem, o entendimento seria o mesmo.

Esse é outro ponto levantado por Suzy Camacho. “O humor é atemporal, que sempre mostra características do ser humano”. Para ela, não conta somente o humor, mas também a linguagem do programa. “*Chaves* usa linguagem do povo”, diz. Nessa questão, conta, e muito, o esforço dos

dubladores do programa, que contribuíram para a popularização dos bordões ditos pelos personagens. Para o público brasileiro, Quico nunca irá dizer *Cala-te, cala-te, cala-te que me desesperas*, nem Seu Madruga será conhecido por *Que paso, que paso, vamos ahi*, mas, sim, respectivamente, “Ai, cale-se, cale-se, cale-se que me deixa louco!!!” e “Que que foi, que que foi, que que há?”. A eficiência da dublagem brasileira no programa é reconhecida inclusive pelos atores do seriado, e acaba ganhando mais importância, visto que em outros países da América Latina o sucesso foi imediato por ter o mesmo idioma. No Brasil, uma equipe inteira teve de se dedicar ao programa e saber, antes de todos, um pouco mais sobre *El Chavo del Ocho*, para, aí sim, dar a ele uma faceta tupiniquim. É sobre isso que falaremos agora.

Dubladores – um toque brasileiro no sucesso

É sabido que o sucesso de *Chaves* no Brasil deve-se também ao trabalho de alguns artistas brasileiros, normalmente menos prestigiados e pouco conhecidos nas ruas, os dubladores. Em uma pequena sala dos estúdios da antiga TVS, na Vila Guilherme, em São Paulo, um grupo de profissionais da voz entrava para a história da televisão, sem sequer imaginar isso. Para eles era mais uma série, aliás, uma série qualquer. Um material que havia chegado do México para preencher a compra de um novo lote de dramalhões latinos. O tempo e os altos índices de audiência provaram o contrário. Se não imediatamente, o reconhecimento do trabalho de dublagem veio com os anos, acompanhado pelo sucesso avassalador do programa.

Os trabalhos de dublagem e sonorização dos seriados *Chaves*, *Chapolin* e demais esquetes feitos pelo grupo começaram em 1981, quando o programa chegou por aqui, e terminaram apenas uma década depois, no início dos anos 1990. Cecília Lemes, a voz de Chiquinha, relembra: “Começamos a dublar por volta de 1981, mas não foi algo direto, todo dia. Dublávamos um determinado lote de episódios e, quando acabavam, ficávamos um tempo sem fazer *Chaves*. Semanas ou meses depois, o SBT ligava novamente para nós, pedindo uma nova dublagem de mais uma sequência de episódios”. Mário Lúcio de Freitas, o responsável por todos os efeitos sonoros aplicados nas versões brasileiras das séries, confirma:

“O Silvio não comprou tudo de uma vez; ele foi comprando. Via que dava audiência, mandava comprar mais”.

A dublagem foi feita em todos os episódios comprados pelo canal – porém, alguns foram perdidos por desgaste natural ou outros problemas, como falaremos posteriormente. Tudo era feito no próprio estúdio da TVS, então na Vila Guilherme. Na ocasião, a emissora havia terceirizado todo o processo de dublagem. Havia muita demanda. Como você leu, o canal de Silvio Santos apoiava-se muito em materiais importados, o que exigia um trabalho constante da dublagem. Eram três empresas responsáveis por aplicar as vozes brasileiras aos programas comprados pela TVS – uma delas era a Maga, onde trabalhava Marcelo Gastaldi, cantor e dublador e, justamente, a voz do Chaves (ele também fazia a voz de Charlie Brown, da turma do Snoopy). Para facilitar, a TVS já oferecia toda a aparelhagem de estúdio, incluindo a mixagem. Só os dubladores eram contratados das empresas. A Maga, futuramente, contaria com sede própria e mudaria seu nome para Marshmallow, hoje uma das maiores empresas de dublagem do país.

Marcelo Gastaldi não era apenas funcionário, mas um dos donos da Maga. Em seu trabalho diário, contava com dois fiéis parceiros: Nelson Machado, também dublador, e justamente Mário Lúcio de Freitas, músico e produtor musical. Machado, além de emprestar sua voz ao Quico, ficou conhecido por trabalhos em seriados como *Punky, a Levada da Breca* (ele fazia a voz do personagem Glomer) e por dublar algumas vozes famosas, como a do ator Wesley Snipes (não se lembra? Assista à versão dublada de *Homens Brancos não Sabem Enterrar*) e a de Robin Williams. Já Freitas fazia (e faria, anos depois) as principais vinhetas do canal, incluindo programas como *Hebe*, *TJ Brasil* e *Aqui Agora*. Machado e Freitas já mantinham uma parceria longa com Gastaldi, que remontava aos tempos da TV Tupi e até de uma banda da Jovem Guarda.

Ao todo, a equipe principal era formada por dez dubladores: Marcelo Gastaldi (voz de Chaves), Nelson Machado (voz de Quico), Sandra Azevedo (que começou fazendo Chiquinha e Dona Neves, mas por causa de uma viagem à Itália perdeu o papel – definitivamente – para Cecília Lemes, já que, quando ela voltou ao país, Silvio Santos pediu que Cecília continuasse), Carlos Seidl (voz de Seu Madruga), Helena Samara (voz de Dona Clotilde), Older Cazarré (voz de Jaiminho), Mário Villela (voz de

Nhonho e Sr. Barriga), Marta Volpiani (voz de Dona Florinda), Osmiro Campos (voz do professor Girafales) e Silton Cardoso (voz de Godinez).

Esse foi o time principal de dubladores das séries, embora ocasionalmente alguns nomes mudassem. Potiguara Lopes, por exemplo, também dublou algumas falas do professor Girafales ainda no primeiro lote, trabalho feito a pedido do próprio Silvio Santos (mais informações sobre esse primeiro lote em *Curiosidades*).

A razão para a escolha dos dubladores variou. Em alguns casos, foi pensada, mas, na maioria das vezes, foi aleatória. A saudosa Helena Samara, por exemplo, confessou-nos que estava passando pelos corredores da emissora quando a chamaram para uma dublagem de última hora – algo muito comum nesse mundo. “Precisavam de alguém para fazer uma voz de bruxa”, lembrou. Helena não sabia, mas começaria ali, por acaso, a dublar a Dona Clotilde.

O time responsável pela dublagem de *Chaves*, com o passar dos anos, tornou-se referência do ramo, sempre atuando como profissionais de dublagem nos mais importantes estúdios do país. O elenco de dublagem de *Chaves* não está mais completo, já que Marcelo Gastaldi, Helena Samara, Mário Villela e Older Cazarré não estão mais conosco.

Sem emprestar sua voz, mas com igual importância, Mário Lúcio de Freitas era o responsável por incluir nos episódios os efeitos sonoros. Efeitos sonoros? Mas o episódio não exigia apenas a inclusão das vozes?

Na verdade, não. Ao longo dos anos 1980, a tecnologia evoluiu e o processo para dublar um programa mudou bastante. “Quando recebemos os episódios de *Chaves*, eles ainda possuíam apenas um canal de áudio, em fita. Era impossível separar as vozes dos atores dos demais sons nos episódios”, explica. Ou seja, você entendeu bem, caro leitor: para colocar *Chaves* e *Chapolin* no ar, era necessário que *todo o áudio* dos episódios fosse inteiramente refeito. Isso inclui, por exemplo, a trilha sonora usada no momento em que Dona Florinda e Professor Girafales se encontram pela primeira vez no episódio. Na versão nacional, Freitas usou o que tinha à mão. “Peguei uma música de filme famosa e coloquei”, revela. No caso, a música usada foi a mais famosa do filme *E o Vento Levou*, conhecida como “Tema de Tara”.

O trabalho de Mário era extenso. Como músico, ele também era o responsável por cantar em alguns momentos ou até tocar instrumentos. A

famosa música de abertura do seriado no Brasil, “Aí vem o Chaves”, é de coautoria dele, por exemplo. Nos episódios em que Chaves canta com a turminha, é na verdade Mário Lúcio fazendo toda a canção. O mesmo vale para os esquetes de *Chapolin*, como na música “Superar os Cometas” (que giram, que giram, que giram...).

Ao longo da década, os novos episódios adquiridos pelo SBT passaram a chegar em tecnologias melhores. Começou a ser possível separar os canais de áudio, mantendo parte do som original e adaptando, ou refazendo, apenas partes dele. O último trabalho de dublagem e sonorização de *Chaves*, dentro do lote de episódios mais reprisados pelo SBT, aconteceu no início da década de 1990, já nos estúdios da Marshmallow. Lá, com equipamentos modernos e tecnologia já mais avançada, foi possível fazer uma versão mais caprichada, usando inclusive composições próprias, como as músicas-tema de alguns personagens e efeitos sonoros diversos. Uma amostra dessa dublagem está na sequência de episódios da versão mais famosa do *Festival da Boa Vizinhança*, em que Seu Madruga atua como diretor (mas, por favor, não caçoe dele).

Entre os dubladores em atividade, um dos mais procurados para contar sua experiência na série é Nelson Machado, o dublador do Quico. No início da década de 1990, auge do seriado *Chaves* no Brasil, Machado chegou a gravar vários discos, um deles só com músicas do Quico (*A Discoteca do Quico*) e outros com todo o elenco de dubladores. Também gravou programas junto com o ator Carlos Villagrán, com quem realizou uma turnê por todo o Brasil, incluindo shows musicais de seu personagem. Originalmente, essas apresentações seriam feitas com a própria voz de Villagrán, mas o público não aprovou e fez questão de ouvir a voz do “Quico brasileiro”. O próprio Villagrán, aliás, era um admirador da voz de Machado, e, durante as apresentações no Brasil, foi quem solicitou ao dublador que o acompanhasse durante a turnê no Brasil. Não só isso: fez questão de aprender as expressões de Machado em português, como “Você não vai com a minha cara?”, para que a plateia tivesse certeza de que estava com o “verdadeiro” Quico. Em entrevistas no exterior, é comum deparar-se com os atores reproduzindo os bordões de seus personagens em português, provocando risadas dos entrevistadores portenhos.

Se o trabalho de sonorização em *Chaves* não foi moleza, igualmente desafiador foi aplicar as vozes. Tornar a versão brasileira tão engraçada

quanto a original nem sempre foi fácil. O humor de *Chaves*, embora contenha piadas universais, também é feito de pequenos trocadilhos e menções que não teriam o menor sentido se traduzidos de maneira indevida ou ao pé da letra. De fato, alguns episódios apresentam desencontros resultantes de frases sem sentido e piadas que, em português, não provocam nenhum riso (se bem que, após tantas reprises, a verdade é que até mesmo as piadas sem sentido já fazem graça). No início, a direção ficava por conta de Gastaldi e Osmiro. Porém, devido a outros compromissos, algumas vezes acontecia de a tradução e a dublagem ocorrerem sem coordenação. Nesses casos, os episódios eram enviados diretamente para o tradutor. A tradução era feita sem nenhum tipo de acompanhamento ou direção de adaptação, e depois os episódios eram encaminhados para os dubladores, que simplesmente gravavam no estúdio o que havia sido traduzido. Embora poucas vezes, os resultados podem ser notados em episódios que apresentam *mexicanismos*, ou seja, piadas que perderam totalmente a função original.

Outro problema enfrentado durante a tradução inicial do programa eram os episódios da escolinha do Professor Girafales. Em algumas aulas, os alunos estão aprendendo a história do México, e todas as piadas e trocadilhos eram feitos em cima de personagens históricos mexicanos. Preocupado com o andamento da série, Nelson Machado passou aos poucos a ser o responsável pela tradução dos episódios do *Chaves*, adaptando personagens para a realidade brasileira quando necessário e fazendo com que, dependendo do contexto, Hernán Cortez fosse ou não chamado de Pedro Álvares Cabral.

No livro *Pais da TV*, o saudoso Herbert Richers (sim, aquele mesmo), criador da instituição de dublagem que leva o seu nome, falou um pouco sobre a dificuldade de dublar programas em espanhol: “Por serem línguas parecidas, ocorrem confusões na tradução. O brasileiro tem mania de achar que entende espanhol, mas fala, na verdade, uma espécie de *portunhol*. Misturam-se muitas palavras que nada têm a ver com o significado original”.

Além disso, ele menciona as vantagens de um programa ser dublado em relação à legenda, sua principal concorrente: “Dublagem é uma questão de hábito desenvolvido pelo público, uma comodidade para as pessoas que

não querem ler. Além disso, ao ler as legendas, perde-se 60% do que está passando no filme, porque a atenção é canalizada para as legendas”.

Buscando inserir na dublagem a melhor maneira de interpretação dos personagens, Machado também procurou saber um pouco mais da história do México, para poder adaptar para o cotidiano brasileiro todas as situações do seriado, sem que elas perdessem o caráter humorístico. Uma das curiosidades reveladas por Nelson Machado, quando perguntado sobre as dificuldades na tradução do seriado, refere-se ao episódio em que o Seu Madruga está na vila preparando o “grude”, assim traduzido no Brasil, já que no original fala-se “cola”. A adaptação foi necessária para que, na versão brasileira, o trocadilho fosse feito com “comida”, diferente da versão em espanhol, quando o trocadilho é feito com a palavra “cola”, que também pode ser interpretada como “rabo”. Se assim fosse traduzido, ao pé da letra, a situação se tornaria incompreensível e sem graça para os telespectadores brasileiros.

Essa fatia importante da história do sucesso de *Chaves* não se repetiu nas dublagens do *Clube do Chaves*, que trazia episódios mais recentes, exibido no final dos anos 1990 na TV Gazeta e em 2001 no SBT – apesar dos esforços de Silvio Santos. Cecília Lemes, que além das vozes de Chiquinha e de Dona Neves fez a voz da temida Bruxa Baratuxa no seriado *Chapolin*, relembra esse momento: “Quando o SBT comprou o *Clube do Chaves*, o Silvio [Santos] nos chamou para que fosse feita uma redublagem”. Ela diz que o dono do SBT não ficou satisfeito com a dublagem que viera da TV Gazeta, completamente diferente. “Então, como na década de 1980, mais uma vez nos reunimos para dublar o *Chaves*”, diz Cecília, que também admira o programa e até hoje participa de eventos organizados por fãs. A direção de dublagem do *Clube do Chaves* ficou por conta de Mário Lúcio de Freitas, que por vezes também emprestava sua voz ao Godinez.

Freitas sabia da dificuldade que teria pela frente. Em especial, relacionada à ausência de Marcelo Gastaldi, que havia falecido anos antes, em 1995. Sem a voz do principal ator da série, Freitas foi atrás de uma alternativa interessante. “Procurei por um imitador, e não um dublador”. Foi assim que Cassiano Ricardo, até então um ator de teatro, foi chamado para fazer a voz do Chaves. “Chamei o Cassiano porque ele sabia fazer

vozes, era bom nisso. Mas, mesmo assim, o pessoal não gostou muito”, admite Freitas.

Apesar do esforço, o resultado não surtiu efeito. Foram feitas tentativas de modernizar as piadas, tornando os personagens parte da atualidade, com gírias e comportamentos distantes da simplicidade e inocência da dublagem original, além, é claro, da ausência de Gastaldi para a voz do personagem principal (mais informações sobre o *Clube do Chaves* estão no capítulo 7, *Curiosidades*). Outro ponto a ser destacado é o fato de que as dublagens originais de *Chaves* foram feitas de forma relativamente sequencial, isto é, os episódios todos já tinham sido produzidos havia muitos anos e já estavam em poder do SBT, era só questão de dublá-los aos poucos. Isso permitiu que as vozes fossem praticamente as mesmas em todos os episódios. Mas poderia não ter sido assim. “Muitas vezes problemas de contrato, desentendimento entre o dono do estúdio e o dublador ou problemas de agenda podem impedir que a mesma voz seja usada em uma nova temporada, por exemplo”, explica Cecília Lemes. Mudanças de vozes são comuns em séries como *Os Simpsons*, por exemplo. Quem nunca se incomodou com uma “nova” voz de Homer?

Os dubladores se reuniram novamente, alguns anos depois, para redublar episódios de *Chaves* que saíram em DVD. Posteriormente, mais uma vez entraram em ação, agora para o desenho animado do *Chaves* – com exceção de Nelson Machado, que se recusou a dublar o Quico animado por achar que sua voz já tinha se alterado muito com os anos e o trabalho poderia não ficar como o público esperava. Já Cecília esteve nas gravações do DVD, mas não do desenho, já que a personagem Chiquinha não é mais usada em ações de marketing atuais de *Chaves* por problemas legais (chegaremos lá).

O Barril dos Ovos de Ouro

No Brasil, o nome *Chaves* não é sucesso somente na tela da televisão. Também é sucesso em marcas. O *merchandising* de produtos está sempre presente, embora tenha sido mais forte no fim dos anos 1980 e início dos 1990, quando o programa era exibido em horário nobre e estava no ápice de audiência.

Ainda em 1989, foi lançado o LP *Chaves*, com a trilha sonora do programa, que contou com o apoio dos estúdios Maga, a essa altura já com

o nome Marshmallow, e dos dubladores. Eram dez canções interpretadas pelos dubladores, entre elas músicas-tema dos principais personagens, composições de Bolaños adaptadas e traduzidas e outras que foram produzidas aqui no Brasil mesmo. O disco saiu pela Polygram e hoje em dia é material para colecionador, já que não foi convertido para CD.

Entre as ironias citadas neste livro, nenhuma talvez seja maior do que a descrita a seguir. Embarcando no trem comercial em que *Chaves* e *Chapolin* viajavam nesse período, a Editora Globo, parte do conglomerado da família Marinho, resolveu criar a revista em quadrinhos *Chapolim* (sim, com M... de Monchito) & *Chaves*. Os gibis foram às bancas de todo o país e fizeram um relativo sucesso. No entanto, ficou claro que se tratava de uma estratégia puramente comercial, assim como já vimos revistas em quadrinhos com *Aventuras do Gugu* ou do Sérgio Mallandro. Logicamente, assim como esses outros títulos, após alguns meses a revista saiu de circulação.

A Globo não foi a única a se aproveitar do sucesso embalado por *Chaves*. Diversas outras empresas traziam ao mercado produtos que, nitidamente, não tinham a mínima relação com o seriado, mas apenas carregavam o nome “Chaves”. A Estrela, por exemplo, criou a “Língua Maluca do Chaves”, um brinquedo em que uma espécie de língua de lagarto deveria agarrar os objetos do jogo. Diante disso, fica uma pergunta: o que Chaves tem a ver com um lagarto?

A Tec Toy também entrou na onda, em 1992. Na época em que os *minigames* estavam em alta, surgiu o “Mini Game do Chaves”. Nele, o protagonista da série deveria sobreviver a inúmeras intempéries para chegar ao portão da vila e vencer. Um estilo de *game* padrão – somente colocaram o personagem ali e denominaram a chegada de “portão da vila”. Um ano depois, em 1993, a Tec Toy desenvolveu um cartucho para o Master System, um precursor dos *video games* atuais, que, no entanto, já trazia uma tecnologia superior à do clássico Atari. E, pela primeira vez, o homenageado não era o Chaves, mas o herói Chapolin Colorado. Intitulado *Chapolin x Drácula*, o *game* consistia em levar o “Vermelhinho” até a fase final, passando por castelos assombrados e labirintos com perigos a todo momento, até o ápice, quando Chapolin enfrentava o Drácula, o vilão final. Apesar de o personagem ter sido bem desenvolvido pela empresa e

de contar com sua marreta biônica para vencer os inimigos, essa é a única relação com o herói.

A Tec Toy acabou perdendo a oportunidade de criar vilões semelhantes aos vividos pelos atores na série, como o Botija, interpretado por Edgar Vivár (Sr. Barriga), ou ainda o Tripa Seca, interpretado por Ramón Valdés. O *game* do Chapolin está disponível na internet em praticamente qualquer site sobre o programa e pode ser instalado rapidamente. Então, qualquer um pode assumir o papel do Polegar Vermelho na aventura.

O espírito colaborativo da internet e dos fãs de Chaves propiciou o nascimento de outro jogo: *Street Chaves*. Nascido em 2003, o *game* tinha basicamente a mesma plataforma do famoso *Street Fighter II*, porém com os personagens da vila se digladiando. Apesar do acabamento amador, o *game* virou hit na internet e foi baixado milhares de vezes. Chamam a atenção os detalhes. Os criadores incluíram até mesmo os cenários da vila, como a casa do Seu Madruga, o pátio da vila, o terreno onde os meninos aprendem a jogar futebol americano e até mesmo a casa do Sr. Barriga.

Apesar disso, não foram os *games* que mais ficaram marcados entre as gerações que já assistiram a *Chaves*. O produto que certamente está entre os mais lembrados são os “Óculos do Chaves”, uma espécie de canudo enrolado que tinha formato de óculos, de maneira que o líquido sugado passava pela frente dos olhos de quem o utilizasse. A propaganda de TV mostrava um desenho animado do Chaves na vila bebendo e girando os olhos para ver o líquido passando pelo canudo. Claro que é inevitável questionar se Chaves, em algum momento do programa, chegou a usar óculos. É óbvio que não, ele nunca usou. Novamente, não há nenhuma relação com o enredo, ou com a história do programa ou dos personagens. Era apenas mais uma tentativa comercial de emplacar um produto que já existia havia anos com o nome do momento, que, nesse caso, era Chaves.

Além dos óculos, outros produtos surgiram com o passar dos anos. Álbum de figurinhas, lancheiras, bonecos, máscaras e até um Tele 900, quando isso era uma febre no Brasil, no início dos anos 1990 (as histórias ouvidas no Tele 900, aliás, eram redigidas por Luiz Mendes, como já vimos no capítulo inicial). O SBT também realizou um concurso interessante em 2008, que funcionava por SMS (mensagens de texto via celular), quando isso também era uma febre. Nesse caso, tratava-se de um *quiz*, ou um jogo de perguntas e respostas. Cada resposta enviada

correspondia ao preço de um SMS mais uma taxa e impostos. Após inúmeras perguntas, que iam aumentando em dificuldade, o vencedor levava uma viagem... para Acapulco!

Em 2010, foi a vez de a rede de lanchonetes McDonald's embarcar na onda do *Chaves*, já bem impulsionado pelo desenho animado criado pelo filho de Bolaños alguns anos antes – desenho que, aliás, rende também bons números de audiência para o SBT, com uma média de 5 a 6 pontos nos primeiros meses de 2010. A rede de lanchonetes trouxe ao Brasil oito personagens em forma de pequenos bonecos para serem vendidos junto com o McLanche Feliz. Além do Chaves, era possível ter bonecos do Quico, de Seu Madruga, Dona Florinda, Professor Girafales, Nhonho, Pópis e Paty – sim, havia um boneco da Paty, paixão dos meninos da vila, mas não da Chiquinha. Curiosamente, o Sr. Barriga também não estava incluso.

Os bonecos, que tiveram os traços inspirados no desenho animado, venderam como água. “Trabalho no McDonald's há muitos anos, mas jamais vi uma campanha do McLanche Feliz vender tanto como essa”, revelou uma funcionária que pediu para não ser identificada. Segundo a moça, as pessoas compravam os bonecos de forma avulsa e, normalmente, eram mais adultos que crianças. A assessoria de comunicação do McDonald's, por meio da Publicom, se limitou a dizer que a promoção foi “um sucesso”. Deve ter sido mesmo, já que, no ano seguinte, a rede de lanchonetes trouxe uma nova leva de brindes do *Chaves*, desta vez no formato pelúcia. E, de novo, esgotou rapidamente.

Se no Brasil Chaves já vende bem, isso não se compara ao mercado mexicano, país onde tudo teve início. Por lá, existe um sem-número de produtos que carregam a marca do *Chaves*. Jogos de tabuleiro, bonecos, fantasias, chaveiros, lancheiras, DVDs, *buttons*, livros, tudo tem potencial para virar algo que pode ser vendido com os personagens da vila. Claro, sempre com a expressa autorização e devidos direitos de Roberto Gómez Bolaños – negócios que são gerenciados pelo filho do escritor, Roberto Gómez Fernández. Por lá, porém, os produtos são mais bem idealizados. É o caso do jogo *Se Me Chispoteó!*, em que os personagens devem andar por um tabuleiro em forma de vila e derrubar sanduíches de presunto que outros levam em bandejas.

Como todo programa de televisão, não basta ter qualidade ou ser bem-feito. Tem de vender muito bem também.

Um programa que atrai diferentes classes

Dados do Ibope confirmam: *Chaves* é um programa que agrada às mais variadas classes e faixas etárias. Não só isso: exibido em horários distintos, o sucesso é o mesmo. Em 2003, o SBT adotou a ideia de exibir o programa também nas noites de sábado, sob o título *Chaves Especial*. O porquê de ser especial é difícil saber, já que os episódios são os mesmos de sempre. Fica nítida a jogada de marketing da emissora, apenas adicionando a palavra “especial” para polir um pouco a atração.

Essa decisão foi posta em prática no dia 16 de agosto de 2003 e mostrou ser muito rentável para a emissora. Além de conquistar uma média de 8 pontos na audiência, acabou por alavancar a atração seguinte na grade, o tradicional humorístico *A Praça é Nossa*. A confirmação veio do próprio apresentador Carlos Alberto de Nóbrega.

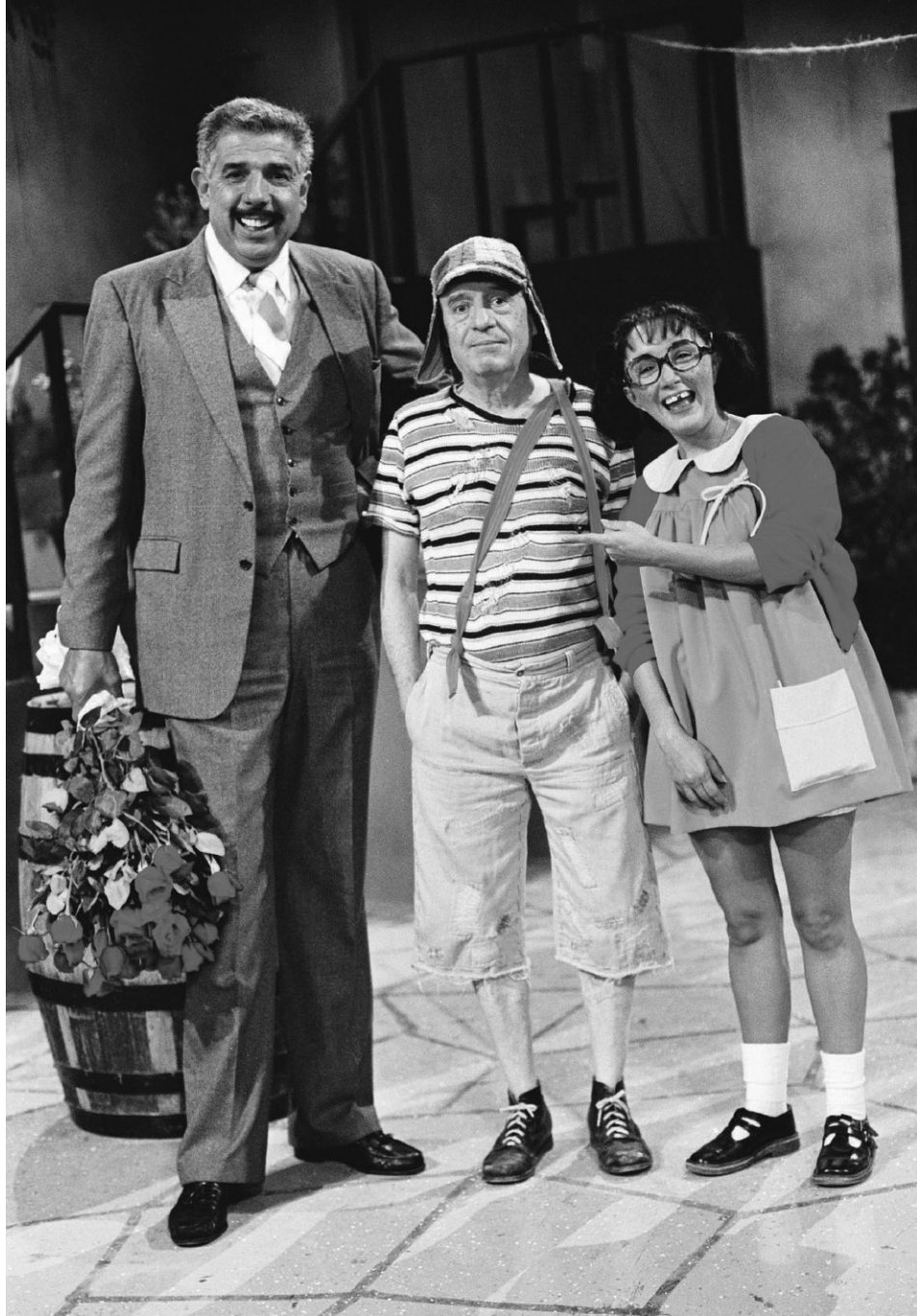
Nas ocasiões em que foi exibido diariamente à tarde, *Chaves* quase sempre conseguiu uma média de 8 a 10 pontos. O mais interessante, no entanto, é o perfil da audiência. Dados de agosto e setembro de 2003 mostram que o programa tende ligeiramente a ser mais assistido pelas mulheres, que têm uma participação de 54%, contra 46% do público masculino. O foco maior é o público de 4 a 11 anos de idade das classes C, D e E. No entanto, também existe uma boa aceitação entre as classes A e B e o público de 35 a 49 anos ou de mais de 50.

Os números não mudaram muito com o tempo. Entre 2006 e 2010, a média de telespectadores de *Chaves* se manteve em cerca de 30% para a classe AB; 40% para a classe C e 30% para a classe DE. Em relação à faixa etária, os números, de novo, impressionam: dependendo do horário exibido, *Chaves* atinge com folga números altos para pessoas com mais de 50 anos, 4 a 11 anos ou 25 a 34. A média é incrivelmente similar: 17% para 4 a 11 anos; 15% para 12 a 17 anos; 15% para 18 a 24 anos; 18% para 25 a 34 anos; 18% para 35 a 49 anos e, novamente, 18% para os que têm mais de 50 anos.

Em relação ao gênero, as mulheres continuam sendo maioria, mas com uma pequena queda: são 52% de mulheres contra 48% de homens.

Vanderlei Villa Nova já sabia da força do *Chaves* ainda no tempo em que trabalhava no SBT: “As pesquisas que chegavam em nossas mãos diziam que o programa agradava a todas as camadas, a todas as idades e classes, por ser um humor ingênuo. Porque, se você faz um humor em que o indivíduo tem de pensar muito, você não agrada a todo tipo de pessoa. Se é uma piada em que você tem de raciocinar para rir, então as classes C, D e E não vão dar uma resposta imediata. Agora, com um humor tão simples e tão pastelão, você agrada A, B, C, D, E, F, G e assim por diante”, diz (o capítulo 4 explica melhor como fãs de diferentes gerações assistem ao programa e se mantêm fiéis).

É exatamente esse o segredo de *Chaves*. Ao subverter a velha máxima de que uma piada repetida várias vezes perde a graça, ele foi conquistando espaço em todas as classes sociais, fazendo de seu humor ingênuo uma arma poderosa contra a mesmice e um certo mau gosto das tardes televisivas. Tardes, noites, manhãs e até madrugada – *Chaves* passou por todos os horários televisivos possíveis. Mas isso é assunto para o próximo capítulo.



Gentalha, Gentalha! A Geração Chaves

Já sendo considerado um ícone da programação diária do SBT, *Chaves* passou a conquistar uma legião de fãs em todo o Brasil na década de 1980. Desde os menores, passando por jovens e adultos, até os mais idosos, o seriado cativa por sua simplicidade na maneira de fazer humor. A comédia representada em *Chaves*, de maneira incansável, mostrou que o seriado não seria apenas um momento ou uma moda, mas um estilo de humor que perdura até hoje. Todos esses anos serviram para conquistar o público brasileiro. Até mesmo humoristas brasileiros reconhecem e admiram o seriado.

Ao longo de todo esse tempo, o carinho adquirido pelo seriado fez com que as inúmeras repetições de episódios não cansassem o telespectador, que descobre a cada reapresentação uma nova piada ou recorda, já com saudade, momentos que marcaram a história do *Chaves*.

Em 1992, então com 12 anos, André Urbano voltava das aulas no horário do almoço. Uma rotina quase ortodoxa acompanhava o garoto à cozinha: antes de comer, antes de lavar as mãos (quando as lavava), ele sintonizava a pequena TV de 14 polegadas da cozinha no canal 4. Imagem ajustada, volume controlado, André podia, enfim, sentar-se à mesa e almoçar enquanto assistia a *Chaves* e *Chapolin*.

O tempo passou, mas André não deixou de assistir às suas séries favoritas: “Para mim, não importa se é reprise. Eu sei que já vi o programa, mas, mesmo assim, faço questão de vê-lo novamente, e rio como se fosse a primeira vez”, diz. Talvez André risse até mais do que na primeira vez em que assistiu ao episódio, já que o fator *repetição* é um importante aspecto do sucesso de *Chaves*.

E ele não é o único.

Por mais incrível que possa soar, André é apenas um entre muitos a fazer isso. Ele faz parte de um grupo de pessoas marcadas pela geração *Chaves*.

Nos fãs, *Chaves* desperta uma adoração pouco usual. Eles sabem as frases de cor, lembram-se de detalhes irrisórios, riem até de piadas que ficaram erradas na dublagem e, em um caso de puro extremismo de fã, lamentam a ausência de perguntas sobre o programa no vestibular ou em entrevistas de emprego.

A apresentadora Ana Maria Braga, uma das vítimas – conforme já dito – do carrasco mexicano, disse uma vez: “Nenhum programa consegue atingir todos os segmentos”. Teria ela razão? Talvez tenha, de fato. Dificilmente acontece de alguma atração alcançar todas as classes do país e ainda ser considerada positiva pelos críticos ou até mesmo politicamente correta. Nem megaproduções como os globais *Big Brother Brasil* ou minisséries em HD são unanimidades. Correndo por fora, *Chaves* é provavelmente o que mais se aproxima da façanha citada por Ana Maria Braga. Números do Ibope que revelamos no capítulo anterior mostram isso.

O público-alvo

Muito se fala sobre o público-alvo de *Chaves*. Afinal, é um programa infantil? A resposta espontânea de 9 entre 10 pessoas é “sim”. Embora pareça, essa não foi a ideia original de Roberto Gómez Bolaños. Na verdade, a solução é bem mais simples do que pensamos. Quando criou *Chaves*, Bolaños estava pensando em algo que ele mesmo, como telespectador – e adulto – gostaria de assistir na TV. Para sorte do escritor, muitas outras pessoas tinham – e têm – o mesmo gosto que ele.

Apesar de resposta contrária do criador, a audiência padrão de *Chaves* ainda é formada majoritariamente por crianças, já que o seriado, normalmente, é televisionado no horário da tarde, quando a audiência é quase totalmente infantil. Junta-se a isso o fator cultural. *Chaves* chegou ao país dentro do programa do Bozo. Desembarcou em uma década (1980) em que o SBT, se não tinha Xuxa, tinha todos os outros similares (além do palhaço, estavam na casa Mara Maravilha, Sérgio Mallandro e Eliana – esta última, já nos anos 1990). Em 1987 e 1988, o SBT fez paradas anuais para o Dia da Criança nas ruas de São Paulo. Em 1989, Gugu Liberato visitou o México para fazer uma reportagem com os atores do elenco de *Chaves*, conforme falado no capítulo inicial deste livro; naqueles tempos,

o SBT apoiava-se bastante na audiência de crianças. Ou seja, a emissora de Silvio Santos sempre encarou *Chaves* como um programa *infantil*.

O mesmo não ocorre no México, por exemplo. Por lá, o seriado sempre foi exibido em horários próprios, sem nenhum vínculo com crianças. Por aqui, *Chaves* pode até ter se livrado das correntes do palhaço Bozo, mas ficou, por muito tempo, conectado ao universo infantil de uma maneira quase intocável – fator que só mudou um pouco com o passar dos anos, quando as crianças dos anos 1980 tornaram-se adolescentes, adultos e assim por diante.

Por ser um programa humorístico e narrar a história de um menino órfão que vive se metendo em confusão, *Chaves* não teve dificuldades para conquistar a criançada, que se diverte com cada travessura e brincadeira dos personagens e passa, muitas vezes, a imitá-los na vida real.

Essa admiração dos pequenos por um programa televisivo poderia trazer preocupação aos pais e educadores, o que não acontece, tendo em vista que a maneira pura, singela e ingênua dos personagens faz com que *Chaves* seja também um dos preferidos para a manutenção de uma infância sadia e sem influências negativas. Os pais sempre admiram o programa: “*Chaves* mostra brincadeiras de criança e tenta resgatar na infância moderna o verdadeiro espírito do brincar, sem violência ou qualquer tipo de malícia”, comenta Oswaldo Nestor, administrador de empresas e pai de três filhos, todos fãs do seriado.

Sem malícia? Sim, se você assiste ao *Chaves*, sabe que há alguma malícia em certos momentos. Mas, dentro disso, o mais importante é que são valores humanos passados em todos os episódios. Sim, na vida há malícia. E *Chaves* consegue passar a dosagem exata para as crianças.

No entanto, o seriado não fica apenas entre os mais novos. Longe das salas de aula, o assunto também invade rodinhas de bar em periferias ou encontros sociais da alta classe. Quando uma piada é lembrada, fica claro como *Chaves* consegue unir as pessoas: a mesma piada que o menino de 10 anos ouviu no episódio que foi ao ar hoje também foi escutada pelo executivo de 35. As cenas provocam risos e trazem à memória um programa que não abandonaria a mente daqueles que o acompanharam por tantos anos.

Os episódios perdidos

Tudo que se fala sobre *Chaves*, entre os fãs, ganha tons de investigação secreta. Afinal, querem saber se foi precisamente em janeiro ou em fevereiro de 1971 que Bolaños criou determinado personagem ou se foi após Acapulco ou depois que Villagrán deixou o grupo. No Brasil, checam quais episódios são exibidos com mais frequência, qual o intervalo entre eles, qual a duração e em que trechos são editados.

Como citado há alguns parágrafos, a perpetuação de *Chaves* no ar fez também com que seus fãs da primeira geração crescessem assistindo a cada capítulo, provavelmente, mais de uma vez. Eis que, alguns anos depois, parte desses episódios simplesmente sumiu do SBT. Será mesmo?

Essa trama ganhou uma força particularmente especial com certos episódios que, supostamente, teriam desaparecido da grade de programação do SBT. Alguns sites sobre *Chaves* e cia. apontam mais de sessenta episódios que nunca mais foram exibidos. Teorizam a razão pela qual teriam sumido: desorganização do SBT; incêndio nos estúdios; enchentes; a não renovação de contratos com a Televisa; censura dentro da própria emissora; decisão de Silvio Santos e até uma possível perda de fitas quando a emissora se mudou para a sede localizada na rodovia Anhanguera. Há uma lenda, por exemplo, sobre um episódio censurado pelo SBT em que Quico estaria brincando com uma arma de brinquedo.

Entre os episódios perdidos mais citados, estão: “Proibido jogar bola no pátio”, “Malicha, sobrinha do Seu Madruga”, “Os Espíritos Zombeteiros”, “O Bilhete de Loteria” (não se trata do episódio inicial de Acapulco) e por aí vai. A lista também inclui algumas sequências de histórias, divididas em episódios separados, como “O Alfaiate Valente”, sátira filmada para *Chapolin*.

Sabendo disso, fomos falar com a pessoa responsável, diariamente, por colocar o *Chaves* no ar. Sim, ele é incumbido de decidir qual episódio será veiculado em determinado horário ou data. Dentro de uma pequena sala lotada de equipamentos caros de áudio e vídeo, Dorival Afonso, do arquivo de fitas da emissora de Silvio Santos, responde a algumas das perguntas mais feitas por fãs de *Chaves* no Brasil. No topo da lista: afinal, existem episódios perdidos?

Sim, existem. Dorival nos confirma que alguns episódios comprados e dublados pelo SBT já não estão mais em condições de ser exibidos. A causa é direta: intempéries e desgastes naturais. Entre os problemas, estão

enchentes e incêndios na antiga sede do SBT, na Vila Guilherme. Mas são minoria. “A maior parte dos episódios que não podem ser mais exibidos foi perdida por desgaste natural, especialmente oxidação devido ao tempo. Ficaram inutilizadas”, diz.

Isso significa que esses episódios estão totalmente perdidos? Alguns, não. Até podem ser identificados, mas não estão em condições de ser veiculados em uma rede nacional.

Não mesmo? Pois, em 2011, o SBT parece ter se dado conta da oportunidade de audiência e repercussão em cima dos tais episódios “perdidos”. O canal, subitamente, passou a explorar o tema em especiais de TV, incluindo inserções em jornais da casa – repórteres do SBT, em um falso tom investigativo, circulavam pelos corredores da empresa perguntando aos funcionários se eles já haviam ouvido falar da lenda. Em agosto daquele ano, alguns episódios “perdidos” foram ao ar, causando uma grande repercussão na mídia. A comunidade de fãs ficou em polvorosa. Equipamentos para gravação prontos, todos assistiram ao que o canal de Silvio Santos tinha para mostrar. Todos e mais um pouco. Na semana de agosto de 2011, justamente a que celebrava os 40 anos de *Chaves* e os 30 da emissora, *Chaves* manteve a vice-liderança isolada na audiência, de acordo com dados do Ibope. Episódios citados aqui, como “O Bilhete de Loteria”, foram veiculados.

Outra questão bastante comum envolvendo episódios perdidos diz respeito a supostos capítulos inéditos que, vez ou outra, aparecem no canal. Em 2007, por exemplo, era bastante comum ver quadros inéditos de *Chapolin*, o que causou um grande alvoroço no meio “chavístico”: os apaixonados pelas séries corriam para gravar as exibições diárias, com medo de que nunca mais as vissem. O episódio em que Chiquinha usa o Chaves como seu cãozinho de estimação, por exemplo, teria sido exibido só uma vez, em 1984, e depois apenas em 2003. O que explica que uma reprise tenha acontecido com um hiato de quase vinte anos, enquanto outras passavam em uma base praticamente mensal?

De acordo com Dorival, tudo não passa de uma falsa impressão dos telespectadores. Ele afirma, enfático: “O SBT, desde 1984, já exibiu todos os episódios adquiridos pela Televisa. Porém, devido às causas já mencionadas, uma parte deles ficou sem condições de ir ao ar”.

Não é o que dizem os fãs. No início de 2012, o SBT voltou a exibir episódios perdidos e, supostamente, inéditos. Como, por exemplo, uma regravação do famoso episódio dos espíritos zombeteiros – que, aliás, já era perdido –, dublado e ainda com Quico e Seu Madruga na trama. Quem está certo? Difícil dizer, entre a aparente desorganização do SBT e a adoração de fãs. Segundo a emissora, 24 episódios considerados inutilizáveis pela casa passaram por uma completa restauração. Enfim, ponto para os fãs e o público, que conseguiu provocar um investimento do SBT em um programa cujo custo é quase zero e a audiência é sempre garantida.

Mesmo que Dorival esteja certo em sua afirmação, ele não pode negar que alguns episódios são mais exibidos que outros – fato observado por fãs ao longo de tantos anos de reprise. Então, o que há de errado? Como é feita a escolha do capítulo que provavelmente foi – ou irá – ao ar hoje, enquanto você está lendo este livro?

“A exibição segue uma ordem já estabelecida, randômica. O seriado é exibido em diferentes horários. Além do fixo (de segunda a sábado, 12h45), também o exibimos aos sábados e domingos, e, nesses dias, também obedecendo à ordem normal de exibição. Então, o que ocorre eventualmente é uma proximidade de episódios, exibidos no fim de semana, com o horário diário”, tenta explicar Dorival, provavelmente não imaginando ainda que sua resposta não convencerá todos os fãs de *Chaves* – que continuarão de olho na incansável busca pelos perdidos, semelhantes e inéditos nos fóruns da internet – o grande ninho dos fãs, como veremos agora.

Caiu na rede, é *Chaves*

Há pouco, você leu sobre os inícios de transmissão de *Chaves* no canal pago Cartoon Network. Isso foi, sem dúvida, um golpe para o SBT. Mas não se compara ao que falaremos agora.

Talvez o mais importante fator para as séries de Bolaños terem alcançado o cobiçado degrau da “imortalidade”, se nos permitem os exageros que só fãs utilizam, tenha sido a internet. De forma silenciosa e discreta, na virada dos anos 1990, ela revolucionou a forma como vivemos, produzimos e consumimos informação na sociedade moderna.

A televisão, no modelo em que conhecemos hoje, foi idealizada como aldeia global, conforme falamos no início deste livro, nos pensamentos de Marshall McLuhan. Porém, o conceito de aldeia, em que as pessoas se falam e interagem, funciona muito melhor no cenário da web 2.0, em que o público-alvo deixa de ser apenas receptor, mas torna-se também parceiro no conteúdo que é criado e consumido. Nesse sentido, enquanto a TV é uma via de mão única, a internet colaborativa é muito mais que uma via de duas mãos – é uma via caótica, apresentando uma interatividade que a TV não possui – ainda. Ali, a vila mexicana do *Chaves* achou seu lugar cibernético. Ou melhor, achou vários.

Não há, em nenhum outro país do mundo – incluindo o México –, tantos sites dedicados aos seriados de Bolaños. Nesses ambientes on-line, os fãs de *Chaves* no Brasil encontraram uma maneira de se comunicar rapidamente e trocar ideias e opiniões sobre o programa. Tudo muito diferente daqueles fã-clubes dos nossos pais, com reuniões mensais na casa da árvore. Se o poder de *Chaves* “desconectado” já foi avassalador, imagine quando existe uma ferramenta que agiliza, e muito, a união de seguidores do programa e o compartilhamento de informação. É algo que não deve ser subestimado.

A partir do momento em que os episódios vão ao ar, o fenômeno da multiplicação acontece. Assim como as músicas, que são trocadas ilegalmente de inúmeras formas, *Chaves* também é uma espécie de “vítima” dessa pirataria sem fins lucrativos. Hoje, a verdade é que os fãs não dependem mais de Silvio Santos para assistir ao seu programa favorito. Eles os levam consigo, em seus HDs, *tablets*, *smartphones*, na “nuvem”, em sites de vídeos ou onde mais a tecnologia permitir. Mas, claro, nesse cenário virtual e digital ainda há muito espaço para encontros reais.

Considere, por exemplo, os episódios perdidos que citamos há pouco. Horas após eles serem exibidos, supostamente pela primeira vez em anos, já estavam disponíveis para *download*.

Um dos últimos “Festivais da Boa Vizinhança”, encontro de fãs que acontece regularmente em São Paulo, em maio de 2010, reuniu quase 10 mil pessoas, contando com a participação dos atores Carlos Villagrán e Edgar Vivár. O evento teve sua divulgação quase que exclusivamente feita

pela internet, em fóruns, em e-mails, redes sociais e sites dedicados aos programas mexicanos.

Nos ambientes digitais, os fãs trocam arquivos – incluindo episódios completos, em alta resolução. Qualquer adorador da série que se preze tem hoje alguns gigabytes de dados somente para guardar esses episódios. Para a maioria deles, sempre existirá o temor de *Chaves* sair do ar. A internet, nesse caso, exerce dupla função: além de propagar o legado de Bolaños por tempo indeterminado e em âmbito mundial, serve como “salvaguarda”: caso *Chaves* pare de passar na TV, já está garantido na internet. Outros programas de sucesso na TV mundial e brasileira não sobreviveram até a explosão da internet e hoje são raridades no meio digital. Ficaram estagnados na geração que os viu originalmente. Os exemplos são vários: *Os Trapalhões*, as séries japonesas dos anos 1960 como *Ultraman*, além de *Família Trapo*, e por aí vai. A história, inclusive, nos faz pensar: em 1995, a TV Globo começou a reprisar episódios randômicos dos Trapalhões no horário do almoço – mais ou menos como o SBT sempre fez com os seriados mexicanos de Bolaños. Apesar da boa audiência que davam, a emissora carioca achou por bem tirar o quadro do ar. Tivessem os executivos mantido o programa no ar até hoje, teriam os Trapalhões uma imagem diferente? *Ó psit*, nós apostamos um sanduíche de presunto que sim.

Um dos fãs precavidos de que falamos é Anderson Bellini, que possui em seu acervo cerca de 500 episódios, entre *Chaves* e *Chapolin*, desde os mais raros, incluindo alguns que nunca foram exibidos no Brasil, até os exibidos no dia a dia. Para conseguir essas pérolas “chavísticas”, Anderson recorre a amigos que viajam para outros países ou faz trocas pela internet. “Eu sou um colecionador de episódios. Comecei a gravá-los temendo que um dia não os visse mais na TV. Queria poder assistir sempre, na hora em que quisesse”, diz Anderson. Esse pavor em comum dos fãs de uma possível debandada do programa das telas não é infundado. Como já vimos, *Chaves* e *Chapolin*, de tempos em tempos, enfrentam as mais variadas adversidades. E, por mais que suas fórmulas sejam testadas, Silvio Santos não viverá para sempre e ninguém sabe o que irá acontecer depois.

A coleção de Anderson Bellini, que a iniciou na infância, sem compromisso, foi aumentando, e logo ele se deu conta de que era um

chavesmaníaco: “Eu sempre queria mais. Comecei a gravar episódios do programa ainda em VHS, em 1988, quando comprei meu primeiro videocassete. Nunca estou satisfeito com a quantidade da coleção. Comecei a procurar em outros países, como México e Argentina. Lá eles não têm o problema da dublagem, então há muito mais episódios do que aqui”, afirma.

O fanatismo já rendeu algumas “tristezas” ao estudante. Nos períodos festivos de fim de ano, ele costumava ficar em frente à televisão para assistir aos episódios de Natal e ano-novo do humorístico. Até aí, tudo bem. O problema era quando não havia no local um videocassete e uma televisão.

Sobre os episódios especiais, Dorival Afonso, do SBT, volta para confirmar que, dentro dos arquivos de *Chaves*, há um pequeno lote contendo apenas os capítulos temáticos: Natal, ano-novo, Dia das Crianças, Dia dos Namorados (ou “Dia de São Valentim”, como saiu na dublagem), Dia Internacional da Mulher e por aí vai. Esses, sim, são exibidos apenas uma vez por ano, naturalmente nas respectivas datas comemorativas. Será que fãs como Anderson perdem outros feriados por conta desses especiais?

O rapaz, que quando era mais novo já deixou de sair com os amigos para assistir ao programa, conseguiu resolver parcialmente esse problema. “Antigamente, quando viajava, e sabia que no local não seria transmitido o *Chaves*, ia munido com uma seleção dos melhores episódios gravados e um videocassete. Assim não corria o risco de não ter a presença da turma da vila comigo.”

Anderson não faz parte da geração mais nova a assistir aos programas – a chamada *geração Y*, que nasceu a partir dos anos 1980. Entre essa turma, os episódios são vistos na TV, mas também estão nas memórias dos celulares, *smartphones* e demais acessórios, como falamos. Quem fala sobre essa geração é Rodrigo Padrón, jornalista, especialista em comunicação e marketing e uma das referências em mídias digitais no Brasil, além de incansável pesquisador sobre o tema. “Para entender a influência da internet é preciso reconhecer que o crescimento do *ciberespaço* resulta de um movimento de jovens ávidos a experimentar, coletivamente, formas de comunicação diferentes daquelas que as mídias clássicas nos propõem. Esses jovens, com um pensamento renovado,

buscam romper com o tempo, com o espaço e com as coisas tais como as conhecemos. Trata-se de uma tentativa de desconstruir as convenções sociais estabelecidas no passado – éticas e morais – para propor e criar uma nova, e suposta, melhor ordem”, explica. Que levante a mão quem nunca ouviu por perto um toque de celular de *Chaves*, como, por exemplo, o famoso assobio de Godinez na escolinha (um dos mais populares).

Yves Mariano é um exemplo dessa amostra que busca “melhorar as coisas como as conhecemos”. Com 22 anos, o jovem é criador e dono do site <www.viladochaves.com>, um dos maiores do país sobre o gênero e que, em junho de 2010, recebia cerca de 1.200 visitas diárias únicas, totalizando quase 40 mil visitas por mês.

Yves possui seus episódios favoritos no computador, se bem que o número baixou recentemente. “Eu tinha mais de 350 episódios, mas meu HD queimou e perdi tudo. Agora, estou recuperando o terreno aos poucos. Devo ter uns 50, atualmente.”

Uma das principais características da geração Y é justamente o desprendimento em relação à TV. Os comerciais, programas favoritos e fontes de notícias vêm da internet. Para que se preocupar em esperar pela sua série favorita na TV? Baixe-a ou assista on-line pelo PC ou pelo celular. Com a palavra, novamente, Padrón: “*Chaves*, como outros programas de sucesso da TV, também está sendo impactado pelas novas formas de consumo da chamada *geração Y*. Na web, um jovem pode ter acesso ao conteúdo que melhor lhe convém, de forma quase customizada e na hora desejada, sem depender mais das programações engessadas das mídias tradicionais”, explica. Isso não acontece com qualquer programa. Mas, quando se trata de um seriado que é reprisado há mais de 25 anos, as coisas são diferentes.

Episódios completos dos programas de Bolaños não são difíceis de achar na web. Legal? Moral? Não cabe a nós julgar. De qualquer forma, a própria Televisa não se incomoda muito com isso. Em 2012, a emissora passou a disponibilizar os mais famosos episódios de *Chaves* no YouTube (com o áudio original ou a dublagem), maior rede social de vídeos do mundo. Em um mundo digital, onde a linha entre legalidade e pirataria é tênue, o que é inegável é mais uma prova do fenômeno que é *Chaves* e cia., que resiste ao tempo e rapidamente se torna popular em novas formas de comunicação de massa.

No entanto, um olhar um pouco mais atento e demorado nos mostra algo mais importante e que reflete o comportamento de todo um grupo de jovens: o SBT já não é dono de *Chaves*. Quando atravessou os portões dos estúdios Anhanguera para invadir a rede mundial de computadores, *Chaves* tornou-se global, porém local. “Sucesso de audiência na TV, *Chaves* está passando por um novo momento. Não mais na Televisa ou no SBT, mas na internet. Os divertidos episódios liderados por um humilde menino mexicano estão ganhando o mundo de uma outra forma, participando de diferentes culturas, potencializados pelo poder de amplificação da mensagem no *ciberespaço*”, complementa Padrón. É nesse cenário digital que o mundo de Bolaños segue ganhando mais fãs.

O toque do celular de Yves é uma música de fundo do *Chaves*. “Toda vez que meu celular toca, chove gente querendo que eu lhe passe a música via *Bluetooth*”, conta. Qualquer pequena piada ou montagem sobre a série na rede social Facebook gera centenas ou milhares de “curtir” e “compartilhar”. A chance de que seus amigos na rede também conheçam aquela piada é enorme.

Para Anderson, a razão do sucesso do programa é a simplicidade com que foi feito. Ele ainda se lembra de quando viu *Chaves* pela primeira vez, dentro do show do palhaço Bozo. “Comecei a ver quando tinha 5 anos e não parei mais”, confessa. Apesar do vasto material que possui, conta que ter os mais de mil episódios gravados não é nada fácil, mesmo recorrendo aos países vizinhos. “Até em países como o México ou o Peru, fica difícil saber se todos são exibidos”, lamenta. De certa forma, a adoração pelo humorístico adquiriu um caráter autossustentável. Ele vende e troca episódios pela internet e o dinheiro é usado para pagar despesas com frete e correio dos novos materiais que vai adquirindo. “Eu não faço a venda de episódios por questão de dinheiro ou lucro, mas simplesmente para manter a minha coleção. Sempre estou procurando pelas novidades”, sentencia Anderson.

Já Yves credita o sucesso do programa ao elenco. “Os atores têm mais de 50% de responsabilidade no sucesso estrondoso dessa obra-prima que é *Chaves*”, afirma, sem o menor pudor de revelar sua paixão aberta pelo seriado. Em seu site, Yves revela que uma das páginas de maior sucesso é a *TV Chaves*, com episódios em tempo real. Além disso, os ávidos fãs acessam a página atrás das últimas notícias.

Inevitável, a questão que paira é: quais as novidades em um programa que, em sua maior parte, foi gravado nos anos 1970?

Para os fãs, muitas.

Chaves ganha ainda mais propriedade em suas falas dentro dos fóruns na internet. Neles, os participantes, armados com muito “conhecimento de causa” e uma ponta de arrogância (nem todos, é claro), discutem com muita vontade os assuntos relacionados. Muitos fãs de *Chaves* encontrados na web, inclusive, não são tão solícitos como foram nossos entrevistados. Isso, de certa forma, é compreensível. *Chaves* desperta em seus fãs um sentimento de possessão. Cada um deles, nos encontros em grupos de discussão, parece querer saber mais que o outro. Para entrar nesses grupos, basta saber muito, muito mais do que se imagina, sobre o programa. “Se uma pessoa nova que gosta das séries CH [*assim eles chamam os seriados de Bolaños*] resolve entrar e fazer comentários em fóruns, logo é ridicularizada ou menosprezada por pessoas que estão lá há mais tempo”, confidencia um ex-participante de um dos maiores fóruns sobre “as séries CH” no país, que preferiu não se identificar. Sim, nesses fóruns também existe o fanatismo, em que cada um acredita em sua crença e dificilmente aceita a tese do outro. Mas, como falado, a maioria não é assim.

Os apelidos usados nessas salas são os mais curiosos possíveis. Enquanto a maioria recorre a frases ou nomes clássicos, alguns exageram na dose, com pseudônimos tão incompreensíveis quanto a causa do sucesso do programa que cultuam. “487”, por exemplo, é um membro de um dos grupos de discussão sobre *Chaves* mais visitados na rede. A razão do apelido é algo que muitos nem sequer imaginariam: 487 é o número do bilhete sorteado com o qual Seu Madruga ganha duas passagens para Acapulco. Esse episódio deu início às aventuras da vila na cidade, como já dissemos anteriormente, e que, na dublagem brasileira, recebeu o sugestivo título de *Os Farofeiros*.

Dentro desses sites, os fãs conversam sobre os mais variados e bizarros temas, que podem ser enquetes, perguntas muito, muito específicas sobre os episódios ou, ainda, classificados, com troca de arquivos e *links* para baixá-los ou venda de *merchandising* – muitas vezes, caseiro mesmo.

O SBT deve aos fãs a manutenção de *Chaves* no ar. A fidelidade ao programa é algo quase incomparável. Sempre que *Chaves* ou *Chapolin* saem da TV, os fãs na internet começam a agir por meio de movimentos,

correntes e abaixo-assinados. A internet é hoje um prato cheio para os fãs, com dezenas de sites exclusivamente dedicados ao seriado só no Brasil. Tudo isso serve de alerta para o SBT, que pode ter uma ideia da resistência que irá enfrentar se algum dia deixar de exibir *Chaves* permanentemente.

Mesmo há anos e anos apresentando reprises, o público de *Chaves* parece não diminuir. Pelo contrário. Cada vez mais o programa recebe novos membros fascinados pelo humor cativante apresentado na série. Nos grupos de internet, é possível encontrar integrantes cuja idade varia dos 10 aos 30 anos.

Mas alguns têm mais.

José Francisco Alarcão Neto já tem mais de 70 anos. Militar aposentado, reconhece ser um fã de *Chaves* desde que assistiu ao programa pela primeira vez, ainda nos anos 1980: “Sempre gostei de assistir ao *Chaves*, porque é um seriado que não prende a sua atenção, você pode assistir sem ter de saber o que aconteceu antes ou no capítulo anterior. É fácil, mesmo para quem nunca assistiu antes, entender o que vai acontecer”, diz. Além disso, as reprises são valiosas, na opinião do militar. “Não assisto todos os dias, mas sempre que mudo de canal e vejo que está passando, deixo lá e esqueço um pouco da vida. Mesmo sabendo que é reprisado, eu vejo, acho a sensação reconfortante, pois você já sabe o que vai acontecer, fica mais familiarizado com o programa”, explica Alarcão.

Vale ressaltar, com a declaração de José Francisco, a importância que as reprises têm para o sucesso. A psicóloga Suzy Camacho confirma. “A repetição serve para assimilação da informação. Isso conforta o telespectador”, diz ela. Ou seja, na tentativa de “tapar um buraco” na grade de programação, o SBT acabou criando uma fórmula autossustentável para que *Chaves* continue gerando novos telespectadores e, ao mesmo tempo, *mantendo os atuais*. Um círculo vicioso, diria Chiquinha. Incrível.

Humoristas falam

Um programa que consegue prender a atenção sem fazê-lo de fato. Que consegue ser bom, mesmo sendo ruim. O antagonismo de *Chaves* chama a atenção de pessoas comuns, mas também encanta os profissionais do riso aqui no Brasil. Em uma época em que o humor “evoluiu” e as pessoas chocam para fazer rir, como as séries de Bolaños ainda conseguem cativar? “*Chaves* é um dos melhores humorísticos já produzidos. O humor

é eterno, a fórmula usada por eles é eterna, só muda a roupagem, e fará sucesso em qualquer lugar do mundo.” A frase é dita por um fã ilustre, que aqui no Brasil é conhecido como Dedé Santana.

“Não existe humor velho. Existe humor bem-feito”, disse uma vez Chico Anysio.

Dedé também não acredita em data de vencimento para o humor. “Não precisa inventar muito. *Chaves* faz uma comédia inocente e está aí até hoje”, diz. Dedé, que tem como um de seus ídolos Ankito, famoso humorista peruano, valoriza não somente o ator, mas também o dublador. “A dublagem é fundamental. Os profissionais dubladores estão entre os mais injustiçados no setor artístico. Existem ótimos atores, hoje conhecidos, que nasceram entre esses profissionais. É o caso do Osmar Prado, por exemplo.”

“*Chaves* é diferente de tudo que já surgiu na televisão. Eles usam sempre o mesmo cenário, seguram a atenção do telespectador com pequenas variações de gestos”, diz o ex-trapalhão, possivelmente o melhor humorista-escada (aquele que prepara a piada para o parceiro) do Brasil.

A afirmação de Dedé é verdadeira e ganha ainda mais peso se considerarmos que *Chaves* ainda tem de vencer um suposto aliado: o próprio SBT. De novo, o antagonismo em cena.

A televisão brasileira tem uma tradição que já é antiga, e tem tudo a ver com a emissora de Silvio Santos. Tal tradição, que incomoda o público, é aquela que mexe com a programação inteira e nem sempre surte efeito. Quem por acaso não se lembra de pelo menos um programa no SBT que não tenha mudado de horário? O extinto *Programa Livre*, apresentado por Serginho Groissman, mudou de horário nada menos que 38 vezes, batendo todos os recordes da televisão nacional. Pois, no nosso caso, *Chaves* não fica muito atrás. Analisando os números do Ibope junto com a grade de programação do SBT apenas entre 2006 e 2010, chegamos ao incrível número de 21 horários diferentes para *Chaves*. E essa é uma pequena amostra dentro do longo universo de *Chaves* no ar. Somem-se a isso as mudanças nos dezenove anos anteriores, e o recorde do apresentador Serginho ficaria “no chinelo” facilmente.

No entanto, de manhã, de tarde ou de noite, desde sua estreia, em 1984, *Chaves* sempre manteve uma média de audiência que passa pelos 6 a 10 pontos. A única faixa de horário em que não apresentou o mesmo número

foi nas madrugadas – sim, acredite, *Chaves* também já incomodou o *Corujão*, da Globo. Desde 2006, o seriado também vai ao ar, de tempos em tempos, enquanto a maioria está dormindo. Naquele mesmo ano, aliás, *Chaves* era exibido nada menos que *sete* vezes em apenas um dia. Às 5h da manhã, *A Turma do Chaves*; 5h30, *Chaves*; 12h40, *Chaves*; 14h15, *Chaves*; 15h20, *Chaves*; 18h, *Chaves* e, finalmente, mais um episódio às 18h30. E, acredite: em *todos* os horários exibidos, o SBT garantia ao menos o segundo lugar de audiência nacional. Na faixa das 12h40, horário mais tradicional do programa, ele encostava na Globo: média de 12,7 contra 14,4 da emissora de Roberto Marinho. Alguém ainda acha que Silvio Santos não é um gênio?

No ano seguinte, 2007, o SBT provavelmente achou que estava explorando pouco o humorístico. Então o número aumentou para oito – sim, oito vezes *Chaves* em apenas um dia –, número muito alto, mesmo se comparado a canais mexicanos. Naquele ano, colocaram a turma da vila também na faixa das 19h.

Já em 2010, uma nova faixa de horário foi criada para *Chaves*, com duas horas de duração: das 9h às 11h – curiosamente, o período mais visto por crianças e no qual *Chaves* estreou, dentro do programa do Bozo. Dois anos depois, em 2012, dá-lhe o menino do barril: nada menos que 14 horas semanais de *Chaves*.

Mesmo com tantas exibições no período de 24 horas, não é raro esperar pelo início do programa e saber de supetão que ele está em uma nova faixa. E lá vão os fãs à caça dos programas, procurando a grade de programação mais próxima.

Curiosamente, o humorista Batoré aponta as mudanças de horário como uma das causas do sucesso. “No humor são poucas as pessoas que têm o dom de fazer os outros rirem, pois é difícil fazer humor. Quando aparece na televisão um caso de talento, como é o caso do programa *Chaves* – e as pessoas estão carentes desse tipo de humor –, mesmo reprises e mudanças de horário fazem o maior sucesso”, diz.

Se as pessoas estão carentes desse tipo de humor, significa que, desde que *Chaves* entrou no ar, não houve humor de qualidade no Brasil?

“Quase isso”, radicaliza Batoré. “Sempre esteve em falta. Você não vê mais um programa como *Os Trapalhões*. O que você vê são pessoas ao redor do Didi [referindo-se ao programa *Turma do Didi*, espécie de

substituto do anterior] que não têm 10% da graça que tinha a turma original, desde *Os Insociáveis* [o precursor de *Os Trapalhões*, com o mesmo elenco] à *Família Trapo*”.

Como explicar que *Chaves*, um programa que depende muito do visual e da imagem, consiga atrair até mesmo quem não pode ver? Geraldo Magela, o popular Ceguinho, começa a entrevista afirmando ser uma exceção no Brasil: irreverente, ele diz que deve ser um dos poucos no Brasil que nunca viram *Chaves*.

Mesmo assim, Magela consegue decifrar o humor do programa, que, nesse caso, é detectado com uma curiosa sensibilidade. “*Chaves* tem um estilo que agrada à maioria. Embora não seja um fã habitual, acredito que tanto a linha de humor que pratico como a presente no seriado se assemelham. Não buscamos a apelação nem a sensualidade para chamar a atenção”, diz. Os humoristas provam e comprovam o sucesso de *Chaves*. Humor simples, ingênuo e circense, em que o palhaço na verdade é triste e faz rir por meio de sua tristeza.

Batoré continua sua teoria para a ausência de algo parecido aqui no Brasil e destaca um ponto importante. “Aqui no Brasil, desde que acabou a censura, perdeu-se a criatividade. Qualquer palavrão hoje em dia é motivo para a pessoa rir. Para mim, isso não é criatividade”, afirma. Segundo Batoré, no período da repressão, os humoristas se desdobravam, ora para enganar a censura, ora para simplesmente buscar o engraçado sem o errado. O resultado era um humor mais ingênuo, feito de maneira mais divertida. O humor dos dias de hoje é mais fácil e mais rápido; o fato de utilizar um pouco de sensualidade ou apelação, ou seja, fazer algo que seja considerado imoral segundo os padrões, já é chamado de humor por muitos.

“Criatividade, para mim, era na época da ditadura, quando o Chico Anysio, para falar de algum assunto, se virava até enganar a censura”, finaliza Batoré. Guardadas as devidas proporções, *Chaves*, conforme essa teoria, prova ser ainda mais espantoso. A televisão no México, hoje, sofre do mesmo mal que no Brasil. Bolaños, em entrevista à revista *Veja*, afirmou uma vez que “quando o humor é chulo, falta talento. E quando não há talento, tudo é passageiro”.

Sobrevivendo ao estilo de humor atual

As afirmações anteriores mostram a mudança que a televisão – reflexo da sociedade – sofreu nas últimas décadas. Como consequência, isso chegou até o humor. Para fazer rir no Brasil – e em boa parte do mundo – de hoje, usa-se muito sarcasmo, muita temporalidade e, especialmente, agressão. Programas de sucesso como *Pânico na TV* e *CQC* usam fórmulas que mesclam prestação de serviço com ataque e vulgaridade. A internet e as redes sociais tiveram, e têm, um papel fundamental nessa mudança de comportamento. Tudo está mais explícito e fácil. Qualquer criança, por exemplo, pode digitar o que quiser no Google e, se não tiver a supervisão de um adulto, pode achar assuntos que jamais imaginou.

O que nos faz rir hoje é reflexo desse comportamento. Para muitos, já não há espaço para a simplicidade. Exponha, revele, transgrida, ultrapasse e, se preciso, seja politicamente incorreto. Em um mundo mais explícito, o ser humano ri do que também é desnudado em frente às câmeras.

Mas alto lá. Tudo isso acontece e *Chaves*, reprisado à exaustão, ainda mantém sua audiência fiel – dos mais jovens aos mais velhos. Então, ainda há espaço para o simples na TV.

No período em que *Chaves* foi filmado, não havia no México uma censura como aconteceu no Brasil nos anos 60 e 70, por exemplo. Mesmo assim, Bolaños buscou o que há de mais natural no humor para fazer sucesso. E conseguiu.

O humorista Castrinho relacionou Bolaños a Charles Chaplin, o qual o próprio ator mexicano já homenageou em alguns episódios. “*Chaves* é humor infantil com quebra de autoridade de Chaplin, com bordões em que o pobre coitado vai às farras”. Se o humor é algo muito particular, por que *Chaves* consegue agradar à maioria? Castrinho dispara: “O paladar também é uma coisa particular, e a Coca-Cola agrada à maioria”.

Refrigerantes à parte, *Chaves* “é a real” (ou “é isso aí”, para os mais antigos). Para Castrinho, não existe fórmula eterna, existe apenas um público que ainda não a viu.

Quanto aos humoristas, o ponto comum entre quase todos é a comparação de *Chaves* e *Chapolin* com *Os Trapalhões*. Perguntado sobre essa semelhança, Dedé Santana responde: “O humor que aprendi a fazer também é circense. De cair, tomar tapa etc. No entanto, *Chaves* é ainda mais ingênuo, mais inocente”, diz. “É um programa muito bem-feito. É incrível, a maneira simples, o humor contagiante que nos faz querer ver

até episódios repetidos”, afirma Dedé, que, durante a entrevista, estava bem-humorado e disposto. No entanto, fez somente uma reclamação: havia sido interrompido no meio de seu programa predileto para falar conosco. Ora, que programa era esse?

Justamente *Chaves*.

Os Espíritos Zombeteiros – Chaves e o Imaginário

O estereótipo

O estereótipo tem, em muito do seu significado, uma ligação com o desejo do homem de se ver; nossos primeiros antepassados já tinham prazer em assistir a si mesmos, o que, no caso, indica ver outro ser humano, um irmão, por assim dizer. Quando vê os outros, o homem na verdade enxerga uma imagem própria, o maior objetivo da cerimônia. É exatamente o que ocorre quando cada um enxerga o seu personagem em *Chaves*.

O herói mendigo

Chaves desperta em todos da América Latina, em especial, o imaginário do herói latente. Diferentemente de Chapolin, que sempre vence por ser um herói, *Chaves* ganha esse título por ser de origem humilde e, apesar disso, vencer as adversidades.

“*Chaves*, na mesma estrutura do imaginário e do simbólico, repete a saga de Carlitos e Cantinflas”, diz o psicanalista Jacob Pinheiro Goldberg. Para ele, o programa remete ao infantil enquanto ao mesmo tempo mantém a realidade de uma vila pobre. Outro motivo que atrai o adulto, particularmente, é o fato de o programa ter atores reais, não sendo um desenho animado. Pode-se notar que não é tão comum ver um adulto assistindo a uma animação, mas vê-lo assistindo a *Chaves* ou a *Chapolin* é corriqueiro. Por ser composto de seres humanos reais, com defeitos e virtudes, *Chaves* se torna diferente mesmo de desenhos antigos. O primeiro ponto aí é o que a sociedade automaticamente impõe a todo adulto. “As regras morais do nosso mundo dizem que não é maduro um adulto assistir a desenhos infantis”, diz o psicanalista. Logicamente, não seria também considerado adequado que esse mesmo adulto sintonizasse seu televisor no horário do seriado mexicano. O que acontece, no fim, é que muitas vezes ele deixa, sim, de assistir aos desenhos. Mas deixar de ver o *Chaves*? Isso é algo para inglês ver... digo... ou não?!

Goldberg continua defendendo o sucesso do programa: “São heróis e vítimas, na tradição quixotesca, que despertam o lúdico e o infantil na sua exposição máxima. É a mentira e a hipocrisia da linguagem e da sociedade”, diz ele, para concluir a seguir: “Isso tudo no tempo pobre da pobre América Latina”.

Cláudio Tognolli, jornalista e mestre em psicanálise, é um empolgado. Ele admira o seriado não só pelo lado humorístico, mas principalmente pelo imaginário que desperta nos adultos. Para explicar, Tognolli traça até uma linha cronológica que vai terminar no programa: “*Chaves* representa o personagem que viveu no início dos tempos. Ele é todo instinto, não representa o planejamento, e sim o agora, o hoje”. A ligação com a infância, nesse caso, também é quase automática. O personagem principal da vila é uma espécie de “dobra temporal”, ou seja, uma dobra no tempo, na qual o ser humano pode se projetar e ser o que quiser.

Ser o que quiser? Lembrando a expressão “herói mendigo”, cabe aqui uma análise do heroísmo feita por nada menos do que o próprio criador do Chapolin, Roberto Gómez Bolaños, durante uma entrevista em 1987. “He-Man, Super-Homem e Batman não são heróis. Herói é o Chapolin Colorado. Heroísmo não significa não ter medo, mas superá-lo. Personagens como Batman e Super-Homem são poderosos, não podem ter medo. O Chapolin morre de medo em determinadas situações e perde de vez em quando – outra característica que define os verdadeiros heróis.”

Engana-se quem assiste a *Chaves* pensando ver um programa infantil. Bolaños criou um tipo de atração que pode ser vista por pessoas de absolutamente *qualquer idade*. Alguns enxergam uma dura crítica social em *Chaves*. Apesar das piadas, das mensagens de solidariedade e compaixão, muito da arte ali imita a vida. Em um dado episódio, por exemplo, Dona Florinda, Quico e o professor Girafales ficam consternados ao saber que Chaves – que está com eles na casa – não tem o que comer. Porém, mesmo assim, os três começam a comer saborosos biscoitos e sorver quentes goles de café, enquanto discutem o problema da fome na infância de boca cheia, sem oferecer um mísero biscoito ao menino. Chaves, tristonho, sai de cena enquanto os ricos continuam mostrando sua indignação com a pobreza ao sabor de bolachas sortidas. O fundo musical encaixa-se perfeitamente com o momento “faça o que eu digo, mas não faça o que eu faço”.



A psicanálise estuda os poderes ocultos da mente, procura desvendar o imaginário e a mensagem em cada pessoa ou situação. Quem assiste ao humorístico não procura somente rir, segundo Tognolli. “Ele [Chaves] é despojado, é despretensioso. É a pessoa sem maldade, ou seja, a criança”, analisa. “*Chaves* representa o nosso paraíso perdido”, diz.

Para as crianças, no entanto, o imaginário despertado em *Chaves* é muito menos complexo e seria o mesmo que aparece em desenhos como *Pica-Pau* ou *Tom e Jerry*. Neles, as alusões são feitas de maneira ainda mais sutil. Os acidentes envolvendo o gato Tom, por exemplo, podem ser os mais terríveis, mas no quadro seguinte ele está de volta, são e salvo. Em *Chaves* ocorre mais ou menos o mesmo. Assim como nos desenhos citados, a agressão propriamente dita nunca é mostrada. Em seu lugar, apenas sons onomatopaicos que procuram traduzir o que acontece longe das câmeras. Embora Dona Florinda bata no Seu Madruga, que pode, naquele momento, aparecer de muletas ou mesmo ser levado em uma maca, todos sabem que no episódio seguinte ele estará de volta à vila, como se nada tivesse acontecido. As reprises, mais uma vez, ajudam no efeito de combate ao tempo. “As exhibições dos mesmos episódios, por tantos anos, colocaram a turma de *Chaves* em um período fixo no tempo”,

acrescenta Goldberg. Ou seja, *Chaves* hoje, graças ao SBT, possui uma imortalidade semelhante à dos personagens de desenho, que nunca envelhecem.

A psicóloga Elza Dias Pacheco afirma em *Televisão, Criança, Imaginário e Educação*:

“O Pica-Pau massacra e destrói, mas ninguém morre. É uma agressividade caricata e a criança não ignora isso. A partir daí, a criança parece elaborar os principais tabus e mitos: o nascimento, a vida e a morte, que sempre foram cercados de mistério”.

Chaves, Quico ou Chiquinha fazem as travessuras. A partir daí, a história se desenrola. Na maioria dos episódios, é mesmo o Quico quem provoca o Chaves, que, na tentativa de se vingar, acaba desferindo um golpe involuntário contra o Seu Madruga, que como sempre aparece no momento mais impróprio. Então surge a Dona Florinda, para amparar o filho. Como de costume, a culpa é do Seu Madruga, que, por sua vez, desconta no Chaves.

Esse é o roteiro principal de um típico episódio do seriado mexicano de maior sucesso já criado. Um filão que perdurou por anos, até a saída de Quico do programa e, mais tarde, do Seu Madruga. Não surpreende que depois disso o programa tenha perdido um pouco do seu rumo, que só foi retomado certo tempo depois, mesmo sem a força anterior – Carlos Villagrán, como já dissemos, afirma até hoje que a série deveria ter acabado após a sua saída e a de Ramón Valdés.

O que muitos não veem nessas cenas tão admiradas são as mensagens subliminares e, ainda, os estereótipos. Analisemos, então, o estereótipo que Bolaños idealizou para os principais personagens (ou melhor, que não foi idealizado propositalmente, segundo Bolaños, mas acabou por acontecer).

Os adultos

★ **Sr. Barriga** – é o trabalhador da série. Sr. Barriga representa o povo que tanto luta a cada dia para obter o sucesso. Geralmente nascem pobres, e por isso mesmo não se esquecem da origem humilde jamais. Além do professor Girafales, é o único que tem um trabalho fixo. Faz parte da alta sociedade, é daqueles que conseguem reunir muito dinheiro começando de baixo, mas sempre faz questão de ajudar os que precisam. Assim como o

Sr. Barriga, milhões de pessoas lutaram na vida e trabalham para manter o que conseguiram conquistar.

★ **Professor Girafales** – um bonachão. Como muitos que nos cercam todos os dias, Girafales representa o culto, o educado, o prestativo, ou muitas vezes o chato que adora corrigir os outros. É fácil encontrar esse tipo de pessoa nas altas rodas, contando vantagem, explicando termos de cultura inútil, desvendando a origem das palavras ou algo assim. Embora quase sempre dê a impressão de ser solícito, acaba soando arrogante e prepotente. Com um ar superior, esse tipo de pessoa parece querer ajudar somente para confirmar a teoria de que é superior aos demais (“somente uma vez me enganei. Quando pensei estar enganado” – sentença famosa do personagem).

★ **Dona Florinda** – a mãe do Quico também é uma figura muito comum em todos os países: uma senhora de classe média que vive da renda do marido. No caso de Florinda, o marido é falecido (já descansa em *pança*, segundo o Quico) e deixou apenas a pensão. Completando a imagem, esse é o estereótipo daquele que faz questão de jamais perder a pose, sempre vivendo à sombra do que um dia foi (ou, algumas vezes, nem foi), negando-se por diversas vezes a aceitar a realidade que a vida lhe reservou.

★ **Seu Madruga** – este é certamente o personagem que mais se aproxima da realidade brasileira, embora seja também um personagem comum nos mais variados cantos do planeta. Representa indivíduos que tiveram pouca ou nenhuma instrução e acabam resolvendo os problemas com o que têm à mão. De um modo ou de outro, acabam tocando a vida, geralmente bem-humorados, apesar de tantas dificuldades. Vivem de pequenos bicos, pulam de emprego em emprego e trocam de mulher a todo momento. Reclamam da vida, mas geralmente são felizes com o que têm no bolso e só.

★ **Srta. Clotilde** – a Bruxa do 71 é a típica solteirona, mas já com uma idade avançada. Uma pessoa que parece ter vivido sempre só. Adora fazer fofocas pela vizinhança, é uma cozinheira de mão cheia e mantém

costumes esquisitos. Quase nunca revela sua vida, o que sempre desperta boatos e comentários furtivos sobre sua pessoa.

As crianças

★ **Quico** – Frederico de Albuquerque, o Quico, é o garoto mimado. Esse tipo de criança cresceu com os maus costumes transmitidos pelos pais e somente sabe obter o que deseja por meio de chantagem. Bens materiais normalmente são motivo de orgulho – quanto mais inveja causarem, melhor. A mãe, normalmente solitária, enxerga no garoto uma última alegria e o protege de tudo; compra-lhe presentes caros, achando que o agrada, quando na verdade está prejudicando o futuro do próprio filho. E nega que esteja formando um adulto que será ganancioso e traiçoeiro. Lembrou de alguém? Nós também.

★ **Chiquinha** – esta representa a criança peralta, malandra, que normalmente se faz de boba, mas que na maioria das vezes acaba passando a perna nos outros e sempre sai na vantagem. No Brasil, é normalmente o garoto do morro carioca, o rapaz da periferia paulistana, que consegue se virar em qualquer situação e não perde a mania de fazer coisas erradas.

★ **Chaves** – a forma com que Bolaños via a América Latina. Uma criança com fome, travessa, mas de bom coração, extremamente pobre e ainda assim feliz – é o que mais se vê em todas as favelas da América do Sul. E Bolaños enxergou e viveu essa criança de uma maneira que ninguém jamais fez nem fará.

Seu Madruga e o Brasil

Os fãs que foram entrevistados costumam concordar: para eles, Seu Madruga é o melhor personagem do seriado. Qualquer semelhança com a maioria dos brasileiros não é mera coincidência. Seu Madruga é quase sempre o favorito, não só aqui como em muitos outros países. E o seu sucesso não acontece apenas entre os telespectadores, mas também entre o elenco que trabalhou com ele. Bolaños sempre afirmava com muita tristeza a dupla perda de Valdés. Villagrán relembrou com lágrimas a visita que fez ao ator quando ele estava em seu leito de morte, em 1988. E

Edgar Vivár, em entrevista aos autores deste livro, também se emocionou ao sentir a ausência de seu grande amigo.

A causa disso é aparentemente simples. Muito se deve à questão técnica do show, em que o ator se supera e consegue atrair a atenção de mais pessoas. Além disso, também ganha muito crédito, como já vimos, a dublagem, que nesse caso se supera com os bordões e o modo ranzinza de ser do personagem.



Segundo o jornalista Cláudio Tognolli, o motivo não é só esse. O vínculo do personagem do Seu Madruga com o Brasil é mais forte do que parece, apesar de o ator nunca ter vindo ao país. “Seu Madruga carrega muito da característica brasileira”, diz. “O brasileiro, independentemente da renda, tem o lado aguerrido, mas ao mesmo tempo malandro, algo que nos é familiar”, diz. Para ele, mesmo quem não se acha parecido com Seu Madruga acaba se familiarizando, por sua relação com o país. “Os garotos de classe alta, por exemplo, podem nunca ter trabalhado ou deixado de pagar algo, mas cenas como a luta diária do Seu Madruga para pagar o aluguel, ou a vontade de se dar bem sem trabalhar duro são características que eles veem na televisão quase que diariamente.” Tognolli, no entanto, não gosta dessa familiarização. “Infelizmente, essa é a natureza do povo brasileiro, que com certeza não é a correta nem a mais apropriada, mas simplesmente é assim”, diz.

Quando Bolaños aproveitou o esquete que tinha com o Chaves, como vimos no capítulo 2, e passou a criar os demais personagens do elenco, não teve a menor dificuldade. Bastou olhar para a população de seu próprio país. Porém, ele atentou a valores humanos, essenciais. Ou seja, desde 1971, os personagens apresentam características inerentes ao ser humano moderno do século XX, que pouco mudou na entrada do XXI. Assim como a sequência descrita no início do capítulo, os personagens se completam, formam um ciclo que atinge um enredo fechado. Em um cenário simples de uma vila, todas as imagens foram criadas e transportadas de maneira brilhante por seu criador e seu enredo. Bolaños reuniu em poucos atores a maioria dos personagens da vida real que passam por nossas vidas.

Só por Causa do Chapéu?

As Biografias

Ramón Valdés foi meu comediante favorito. Ninguém me fez rir tanto como ele.

Roberto Gómez Bolaños

A história de sucesso do seriado *Chaves* conta com um grupo de atores que, se não foram reconhecidos por participar de grandes produções ou ganhar importantes premiações, ficarão na memória de todos os que acompanharam ou ainda acompanham o programa, pela maneira marcante como conseguiram invadir os lares, com interpretações que faziam parecer que cada um deles morava ali mesmo, naquela vila.

A sensação de que Chaves, Quico, Seu Madruga, Dona Florinda, Chiquinha, Sr. Barriga, Dona Clotilde e professor Girafales realmente existiam é prova de que os atores possuíam algo mais, talvez uma fórmula para fazer com que uma criança se divertisse e quisesse brincar com os personagens. Era uma espécie de identidade, um vínculo que se formava a quilômetros de distância, unindo personagem e telespectador por um aparelho de televisão.

Não importa se o reconhecimento não veio por meio de grandes divulgações da mídia ou troféus banhados a ouro, já que isso um dia acaba. O que vale mais, como costuma dizer Edgar Vivár em suas entrevistas, é o reconhecimento de milhões de pessoas que em todo o mundo irão se lembrar sempre, ou pelo menos em algum momento da vida, de uma frase, de uma cena, ou de uma única vez em que viram atuar um elenco de atores que dedicou a maior parte do tempo de suas vidas para fazer o mundo rir.

Vamos conhecer agora um pouco da história de vida dos atores e também daqueles que foram a razão de seu sucesso: os personagens.



Roberto Gómez Bolaños (21/2/1929-)

O ator

Autor e intérprete do personagem Chaves, Roberto Gómez Bolaños é idolatrado no México, algo como um Renato Aragão ou Roberto Carlos (o cantor) no Brasil. Por lá ele é bastante conhecido como Chespirito. O apelido, como já dissemos, é uma forma “espanholizada” do nome inglês Shakespeare. Tal apelido lhe foi dado pelo diretor de cinema Agustín P. Delgado, que considerava o criador de Chaves um pequeno Shakespeare (note-se que ele não se referia somente ao talento – Bolaños tem 1,60 m de altura).

Exageros de nossos *hermanos* à parte, Roberto Gómez Bolaños é uma figura amada e respeitada em seu país. Sempre compenetrado em seu trabalho, Bolaños cultivava fora das telas uma imagem muito diferente da do menino Chaves ou do herói Chapolin. Reconhecidamente uma pessoa séria, o ator hoje já não trabalha, curtindo a aposentadoria. No entanto, durante seus anos ativos, concentrava-se em seu trabalho, e, se durante as gravações de *Chaves* o riso era solto, nem sempre nos bastidores a mesma coisa acontecia. Bolaños não chegava a ser um W. C. Fields, humorista americano que fez muito sucesso na década de 1930 com filmes como *O*

Turbulento (“The Bank Dick”, 1940) ou *Folia a Bordo* (“The Big Broadcast of 1938”, 1938); além do mais, confessava não suportar crianças fora das telas e, após as filmagens, não as via nem pintadas. Bolaños tem, na seriedade do seu humor, uma veia muito forte. Como qualquer artista que se preze, ele busca a perfeição. Assim, um trabalho que diante das câmeras passa a impressão de ser tão espontâneo e inocente é, na verdade, resultado de muito ensaio. Ensaio que, por vezes, levava seus colegas a se machucarem. “Sim, sofriamos acidentes todas as vezes. Bolaños é um perfeccionista. As quedas deveriam ser muito bem treinadas, então, repetíamos as cenas diversas vezes. Já fui atingido com tinta, água, farinha, bolo. Em uma cena em que ele me golpeava, tive de cair no chão em quatro *takes* diferentes. No último, quebrei o braço. E o *take* que valeu foi o primeiro”, relembra Edgar Vivár.

A seriedade por trás das telas não é característica somente de Bolaños. Muitos consideram o humor uma interpretação, ou seja, encaram-no de uma maneira estritamente profissional, como um papel em uma peça. Saindo de lá, voltam a ser quem realmente são. No Brasil, isso acontece com humoristas como Chico Anysio, Renato Aragão e Tom Cavalcante. Bolaños, no entanto, por pouco não seguiu sua vida fazendo cálculos aritméticos (ou de geometria?).

Nascido na Cidade do México, no dia 21 de fevereiro de 1929, formou-se em engenharia, mas tinha em suas veias um destino traçado para o humor. E o caminho para chegar à televisão começou quando tinha 22 anos. Como era de esperar, o momento que definiria o futuro da carreira de Bolaños e de toda uma história na TV aconteceu sem querer, querendo.

Enquanto ainda estudava para ser engenheiro, o jovem mostrava-se insatisfeito com seu trabalho – na época, passava o dia calculando o peso de vigas e consultando informações em livros técnicos que só interessam aos grandes da área. Frustrante também era o trajeto que Bolaños tinha de fazer toda vez que ia ao emprego; tinha de levantar muito cedo para pegar dois ônibus.

Resolveu, então, procurar anúncios de novas oportunidades nos jornais. E chamou-lhe a atenção um pedido por aprendiz em produção de rádio e aprendiz em redação de TV. Achou interessante a oportunidade de atuar na produção e foi, assim, participar do processo seletivo.

Ao chegar ao local – a agência de publicidade D’Arcy –, entregou o anúncio à recepcionista, informando o interesse pela vaga de aprendiz de produtor. A moça então lhe indicou uma enorme fila, do lado direito de uma escada logo à sua frente. Do lado esquerdo dela, havia algo como cinco ou seis pessoas.

Bolaños não teve problemas em informar à funcionária que, na verdade, estava interessado na vaga de aprendiz de redator de TV. E assim, no afã de buscar sempre a menor fila – algo atemporal e universal, como o humor criado pelo escritor –, começava a nascer a carreira do futuro Chespirito.

Roberto foi aprovado para a vaga, usando um de seus poucos textos da faculdade. Aceitou, mesmo ganhando pouco mais da metade do que recebia na profissão que exercia até então.

Não demorou muito para ele perceber que estava, enfim, seguindo profissionalmente em algo de que gostava. Sofreu no começo, é verdade. Jamais havia usado uma máquina de escrever, e teve de aprender na prática, iludindo seus chefes – quando eles apareciam por perto, fingia estar pensando em frases, para que não percebessem que, na verdade, não sabia datilografar.

Bolaños errou muito para atingir o sucesso que hoje alcança milhões de pessoas todos os dias. Durante um *videocast* em 2011, perguntaram ao ator e escritor qual era a chave do sucesso. Ele foi categórico:

“Não sei qual a chave do sucesso. Mas conheço a chave do fracasso. Nunca tente agradar a todos. É algo impossível”.

Bolaños foi um autodidata, por assim dizer. Passou também a trabalhar melhor seus textos. Quando aprendia novas palavras, escrevia-as com frequência, repetidamente, até que passassem a se tornar comuns em seu cotidiano. Fazia o mesmo quando cometia erros de ortografia: repetia as palavras, na forma correta, até a exaustão.

Em seu trabalho na D’Arcy, Bolaños desenvolvia textos para programas de rádio e televisão, normalmente patrocinados por empresas – justamente seus clientes na agência. Entre esses textos, podiam constar *jingles* de rádio, legendas para peças publicitárias, textos de jornais e afins.

Mas foi o diretor da agência na ocasião, Carlos Riveroll del Prado, que percebeu, nos trabalhos que o jovem aprendiz criava no dia a dia, a vertente que pendia cada vez mais para o humor. Pensando nos interesses

da agência, Riveroll então levou Bolaños para escrever os diálogos de um programa de rádio.

O sucesso foi quase instantâneo. Trabalhando ao lado dos humoristas Viruta e Capulina, o especial da rádio rapidamente atingiu a liderança na audiência, e dali para a TV foi um pulo. Assim, Bolaños começou a ganhar destaque no programa *Cómicos y Canciones Adams*, sucesso na TV mexicana nos anos 1960 – o nome “Adams” correspondia justamente aos famosos chicletes, patrocinadores do show.

Faltava ainda um detalhe que faria toda a diferença no histórico desse humorista: revelar seu rosto para o público. Até então, o ator de *Chaves* apenas havia escrito roteiros e diálogos, mas nunca havia estrelado nem mesmo figurado em alguma de suas criações.

A oportunidade surgiu quando, por um daqueles caprichos que os historiadores adoram relatar e dramatizar, um dos atores de *Cómicos y Canciones* não pôde comparecer para a gravação – ou melhor, para a exibição, já que naqueles tempos tudo era ao vivo e a tecnologia do *videotape* ainda estava sendo desenvolvida.

Mais um capítulo estava sendo criado. Inicialmente intimidado, Bolaños jamais aceitava grandes papéis – achava que, já que havia escrito tudo, deveria deixar a interpretação para os demais. Porém, foi inevitável seu gradual crescimento também em frente às telas – ajudou muito sua agilidade; adepto de esportes como boxe e futebol, Chespirito mostrava-se rápido e muito ligeiro em sua forma de atuar.

Entre os maiores sucessos de sua carreira como roteirista, além do citado programa *Cómicos y Canciones*, está o *Estúdio de Pedro Vargas*, que também obtinha altos índices de audiência.

Apesar dos sucessos relativos em programas sempre patrocinados por clientes da agência de publicidade D’Arcy, o escritor almejava mais. E a vida de Bolaños passa a interessar mais aos brasileiros quando ele, em 1968, foi contratado pelo pequeno canal de TV chamado TIM (Televisión Independiente de México, canal 8). A proposta consistia em uma oferta para usar um espaço em sua programação todo sábado, dentro da atração *Sábados de La Fortuna* (como já vimos no capítulo 2). Assim, nasceram séries como *Los Supergenios de la Mesa Cuadrada* e *El Ciudadano Gómez*. Simultaneamente, Bolaños se descobria também como ator.

Em 1970, a TV TIM estendeu o tempo de transmissão para uma hora, e o horário utilizado passou a ser nas segundas-feiras, às 20h. O nome do programa também mudou, para *Chespirito*, e nele se incluíam diferentes quadros com personagens interpretados por Bolaños. Um deles foi o herói Chapolin Colorado, e em 1971 foi criado o Chaves do Oito. O resto você já sabe.

El Chapulín Colorado e *Chavo del Ocho* abriram as portas do mercado internacional à TV mexicana – junto com as novelas, diga-se. No meio da década de 1970, ambos os programas eram transmitidos para quase toda a América Latina, e em todos os países sua popularidade colocava-os em primeiro lugar na audiência.

Bolaños também escreveu roteiros para cinema e telenovelas, assim como uma comédia musical chamada *Títtere*. Tem, ainda, em seu arquivo teatral, mais seis obras.

Nos anos 1980 e 1990, o escritor aventurou-se pelo teatro, com sua obra *11 y 12*. Tal obra é mais um recorde em sua carreira, já que permaneceu em cartaz quase dez anos na Cidade do México no mesmo teatro – sem interrupções, de quinta-feira a domingo. Bolaños é também o diretor-geral da Televisine, companhia produtora de cinema da empresa Televisa.

Durante mais de quarenta anos escrevendo, Chespirito acumulou algo como 60 mil folhas. Isso corresponde a 2 milhões e 400 mil linhas, aproximadamente 168 milhões de letras, ou, ainda, seria o equivalente a escrever quarenta bíblias (a Bíblia tem cerca de 1.600 páginas).

Bolaños vive há mais de três décadas ao lado da esposa, Florinda Meza, justamente a Dona Florinda, dezenove anos mais jovem que ele. O relacionamento, que começou durante as gravações do seriado, foi polêmico. Bolaños era casado, na época, com Graciela Fernández, com quem teve seis filhos – o mais jovem deles, Roberto Gómez Fernández, é o braço direito do pai e o responsável pelas novas empreitadas de *Chaves*, incluindo o desenho animado inspirado na série.

Chespirito passou alguns anos de sua vida em um romance extraconjugal com Florinda, até que seu casamento terminou. Desde então passou a viver com Florinda. O segundo casamento, porém, foi consumado apenas em 2004, em uma pequena cerimônia. Não tiveram filhos por um acordo mútuo – o escritor, inclusive, passou por uma vasectomia há muitos anos.

No início de 2011, Bolaños aproximou-se um pouco mais de seu público. Ele criou uma conta no Twitter, popular microblog na internet. Cuidando pessoalmente do conteúdo do site, ele diverte e emociona os fãs, revelando fotos, informações e pensamentos. Menos de dois meses após a criação da conta, o perfil do ator e escritor já havia alcançado mais de 1 milhão de seguidores na internet. Até a impressão deste livro, a conta <@ChespiritoRGB> já ultrapassava 2 milhões e 600 mil seguidores.

Em 2012, a Televisa promoveu um grande evento para celebrar Chespirito. Chamou atenção a debilitada condição de saúde apresentada pelo escritor. Em cadeira de rodas e acompanhado por um tubo de oxigênio, sempre ao lado de Florinda Meza, ele recebeu, com emoção, as homenagens de todos os cantos da América, incluindo o Brasil. O evento teve a presença de Rubén Aguirre e Edgar Vivár. A emoção foi tanta que Bolaños teve que sair do local em uma ambulância, o que gerou um grande alvoroço no México. Tudo prevenção. Pouco depois, ele mesmo afirmou, pelo Twitter, que estava bem.

A imagem que muitos de nós temos de Bolaños é a dos diversos personagens criados por um gênio do humor bem-feito. Já segundo palavras de sua esposa, Florinda Meza, ele é simplesmente “um bom homem”. De certa forma, já imaginávamos isso.

Personagens principais

CHAVES

Chaves é um garoto órfão que vive se escondendo no barril da vila. Além de aprontar muitas e muitas peraltices e peripécias, Chaves sempre tenta arrumar alguma coisa para comer, já que passa dias e dias sem se alimentar.

Garoto pobre que está sempre com a mesma roupa velha (calça e camisa remendada, um par de sapatos sujos – que teriam sido do Seu Madruga – e um gorro verde na cabeça), Chaves passa a maior parte do tempo brincando e atormentando a vida da vizinhança, às vezes, sem querer, querendo. Mas a verdade é que ninguém tem paciência com ele.

Pouco se sabe sobre a origem de Chaves e de seu passado. O seriado revela poucas informações sobre isso – um dos poucos episódios a dar pistas mostra o garoto Chaves, possivelmente com 4 ou 5 anos, chegando à

vila. Quase não falava, e, quando perguntado sobre o que tinha de errado, respondeu: “Fome”. Sim, para Chaves, comer é a coisa mais importante do mundo.



O livro *El Diario del Chavo del Ocho*, escrito pelo próprio Roberto Gómez Bolaños, propõe um depoimento em primeira pessoa do próprio Chaves. Nele, o menino do barril conta que vivia em um orfanato, onde foi deixado pela mãe. Não conhece o pai e, após alguns anos na casa de apoio, foge para as ruas, onde pede esmolas em semáforos e briga com crianças. Sua vida é dura, com amigos de infância que morrem por problemas de saúde. Finalmente, anda sem rumo pelas ruas da Cidade do México até chegar a uma certa vila.

O mesmo livro explica também a razão, segundo o próprio Chaves, de ser conhecido como “Chaves do oito”. Quando chegou à vila, ficou na casa número 8, morando com uma velha senhora. Pouco tempo depois, ela morreu. Chaves teve de sair da casa para dar espaço ao novo morador, mas o apelido ficaria ligado a ele para sempre.

Apesar de todas as dificuldades que enfrenta, Chaves não cede às tentações: nunca roubou (exceto por um frango assado da Bruxa do 71) e sempre compartilha suas coisas. O garoto do barril também é um menino sonhador, amigo e companheiro de todos. Sempre procura ajudar aqueles que passam por dificuldades, mesmo muitas vezes não tendo meios para fazê-lo. Em alguns episódios, fica clara a solidariedade com a pobreza de

Seu Madruga, e não é raro vê-los compartilhando sanduíches ou mesmo um refresco. Para Chaves, o melhor é quando pode comer um sanduíche de presunto, sua comida favorita.

Tem a fama de sempre receber o Sr. Barriga com uma pancada, quando este vai à vila para cobrar o aluguel. Mas também apanha muito. Tudo que dá errado com o Seu Madruga acaba sendo descontado no pobre do Chaves, que, triste, chora e vai para dentro de seu barril. Apesar disso, ele não mora no barril. Morou no apartamento 8, que nunca foi mostrado, e a cada noite procura uma casa diferente para dormir.

Chaves também se assusta fácil, principalmente com histórias de terror ou quando dá de cara com a Bruxa do 71. Resultado: tem um piripaque e só consegue voltar ao normal depois de levar uma borrifada de água na cara.

A paixão também tem espaço para o garoto Chaves, que morre de amores por Paty, a menina mais bonita da escola, que aparece em alguns episódios para fazer o coração de Chaves bater mais forte. Toda vez que a encontra, seu coração dispara e ele fica sem saber o que fazer. Ainda assim, há quem diga que o verdadeiro amor de Chaves é a arteira Chiquinha.

Frases

Usadas constantemente

“Pi, pi, pi, pi, pi...”

“Foi sem querer, querendo!”

“Ninguém tem paciência comigo.”

“Tá bom, mas não se irrite!”

“Isso, isso, isso!”

“Que burro, dá zero pra ele!”

“Não, primeiro diz se vai me dar...”

“É que me escapuliu!”

“Mas não vai se irritar?”

“Não te contaram? Você não soube?”

“Diga outra vez isso, que eu arrebento isso que você chama de cara!”

Cômicas

“Eu só queria dar uma beliscada na coxinha!”

Chaves, referindo-se ao frango assado de Dona Clotilde.

“O Quico me disse pra dizer que o senhor que a mãe dele disse pra ele pra eu dizer pro senhor que a mãe dele disse que... eu já me enrolei.”

“O gato ou o Quico?”

Chaves: – E como é?

Prof. Girafales: – Mascote!

Chaves: – E o que eu disse?

Prof. Girafales: – Massacote!

Chaves: – Vão pensar que o senhor é futebolista!

Seu Madruga: – Futebolista? Por quê?

Chaves: – Porque vive só descendo a lenha!

“Dá licença d’eu ir no banheiro?” (sic)

Retirado dos episódios do julgamento de Chaves.

“Já chegou o disco voador!”

Essa era a senha para avisar o Seu Madruga de que o Sr. Barriga estava na vila, assim ele poderia se esconder no banheiro (mas não ficaria lá o dia todo!).

“Eu também vou aprender a violar tocão!”

Do episódio em que as crianças aprendem a tocar violão, com um final inusitado.

“Esse aí é mais burro do que eu!”

Sim, ele está falando do Seu Madruga.

“Botou ovo?”

Chaves para o Sr. Barriga, após Seu Madruga mandá-lo ver se o porco havia posto um ovo.

Sr. Barriga: – Veja só que grande quantidade de água, Chaves!

Chaves: – E debaixo tem mais!

Diálogo entre Sr. Barriga e Chaves na sacada do apartamento deles em Acapulco.

Prof. Girafales: – Chaves, em inglês, dá no mesmo, “professor” ou “professora”, entendeu?

Chaves: – Sim, professora!

“Ora, não seja palhaço!”

CHAPOLIN

Atendendo a pedidos de ajuda (“Oh, e agora, quem poderá me defender?”), o atrapalhado herói que sempre deixa que se aproveitem de sua nobreza parece ser um viajante do tempo e do espaço: já esteve no Velho Oeste, enfrentou piratas, testemunhou o histórico recorde mundial de queda de aerólitos, esteve frente a frente com múmias egípcias e até domesticou uma pedra voadora em Marte. Chapolin, como já falamos, é uma espécie de anti-herói, segundo Bolaños, comparado aos grandes nomes da Marvel e DC Comics. Ele não tem superpoderes, é fraco, tonto e atrapalhado. Mas vence pelo caráter e vontade de ajudar os outros.

Nascido em setembro (queria comemorar seu aniversário em fevereiro, mas não pôde), Chapolin costuma ser bastante galanteador. Não importa em que situação, seja desarmando uma bomba, seja em lutas de boxe, ele encontra uma brecha para paquerar, apesar de dizer que é noivo.



Chapolin nem sempre é o mais forte, ou, poderíamos dizer, quase nunca. Mas ele sempre usa de sua astúcia para combater os mais variados inimigos. Claro, além disso, armas e a tecnologia também estão ao seu lado, como a fiel marreta biônica e as pílulas de nanicolina (que também já foram chamadas de “pastilhas de polegarina” ou simplesmente pastilhas encolhedoras). As anteninhas de vinil ajudam a detectar a presença do inimigo, traduzir idiomas desconhecidos ou, ainda, podem ser usadas como radiocomunicador (alguém se lembra do “H” de “Honda”?). Em episódios esporádicos, conta com armas inusitadas, como a corneta paralisadora, a peruca de Sansão, o anel mágico e até mesmo um verniz invisibilizador (para remover horríveis tatuagens).

Além dos acessórios, Chapolin utiliza golpes que aniquilam seus adversários: o soco parafuso-no-umbigo, o cadeado-na-cabeça (não pode faltar o cadeado), além, é claro, da famosa “égua voadora”.

Em uma entrevista concedida ao antigo programa *Viva a Noite*, no SBT (mencionado no início deste livro), Bolaños é perguntado com qual personagem ele se identifica mais: Chaves ou Chapolin. O escritor diz que se relaciona mais com o herói. “Também sou medroso. Mas sou valente, enfrento os problemas.”

Se Chaves é um símbolo mexicano pelo sucesso que faz até hoje, é Chapolin quem mais “aparece” em eventos públicos, especialmente devido ao caricato modo com que se veste. No Brasil, a fantasia de Chapolin foi popular nos anos 1990, quando a banda Mamonas Assassinas a usava em shows e entrevistas. Já nos jogos da Copa do Mundo de 2010, na África do Sul, por exemplo, os jogadores mexicanos comemoraram o segundo gol contra a França em meio a uma torcida de Chapolins.

Frases

Usadas constantemente

“Não contavam com minha astúcia!”

“Sigam-me os bons!”

“Suspeitei desde o princípio!”

“Se aproveitam de minha nobreza!”

“Calma, calma, não priemos cânico!”

“Eu acho...”

“Todos os meus movimentos são friamente calculados!”

“Silêncio! Silêncio! Minhas anteninhas estão detectando a presença do inimigo!”

Cômicas

“Não gostaria de ir à Disneylândia com o Polegar Vermelho?”

Convite de Chapolin em pleno Velho Oeste.

“Matei o morto!!”

“Há polegares que atravessam o pântano e não se molham... e sou um deles!”

Racha-Cuca: – O medo não monta em burros, não é, Polegar?

Polegar: – Também não monta em polegares, não é, Burro?

“Quem me dera também poder dormir a *siesta*!”

“Sinta-se em sua tumba!”

“Que que foi? Gosto de viver perigosamente!”

Explicando-se na hora em que vai pegar um elevador quebrado.

“Mas que comprida essa escada!”

Explorador: – Já procurou nas barraquinhas?

Chapolin: – Hoje é domingo, estão fechadas!

Personagem: – Chapolin, é verdade que você fala japonês?

Chapolin: – Mmmm... Matsumoto.

“Vejam só, trouxeram até o Valentino Guzo!”

Referindo-se a um pássaro na gaiola.

Personagem: – Ora, Chapolin, o que foi que você leu quando eu lhe dei o jornal?

Chapolin: – Ora, isto aqui, Corinthians ganhou do São Paulo de 3 a 1!

Ao final do episódio do Lobisomem.

Chapolin: – Ah, é? Pois saiba que, se houvesse uma olimpíada para idiotas, você nem sequer tomaria parte!

Técnico: – Mas é claro que não!

Chapolin: – Porque eles não admitem profissionais!

Os vilões

Aqui estão alguns dos vilões enfrentados por Chapolin.

★ **Racha-Cuca** (Ramón Valdés) – é o clássico bandido do Velho Oeste, presença constante nesse cenário. Já se apoderou do poço da cidade (exigindo 5 dólares ou um saquinho de alfafa por um balde de água) e, junto com Chapolin, arrumou uma briga com o cantineiro.

★ **Pistoleiro Veloz** (Ramón Valdés) – quase uma cópia do anterior, porém esse tem o diferencial que carrega no nome. Consegue roubar até o calção do Chapolin sem que ele perceba.

★ **Mão Negra** (Ramón Valdés) – até onde sabemos, fez somente uma aparição. O nome era devido à luva que usava para não deixar impressões digitais. Tentou assaltar uma casa, mas foi impedido pelo Chapolin, que, antes, não deixou de fazer mais uma de suas confusões ao ver o bandido:

– A negra com luva mão!

★ **Alma Negra** (Ramón Valdés) – o pirata mais temido dos 7 mares. Foi ele quem manteve em cativeiro o Chapolin e um grupo de piratas, para que estes o ajudassem a enterrar o seu tesouro e, na sequência, fossem mortos. O vilão, em espírito, também aparece no episódio do tatatatatatatatatatataravô (são 14 “tás”).

★ **Tripa Seca** (Ramón Valdés) – um dos mais famosos bandidos da série. Fez diversas aparições, inclusive correndo risco de morte. Na ocasião, foi parar no hospital e o nosso herói acabou por salvar-lhe a vida.

★ **Rasga Bucho** (Ramón Valdés) – outro vilão do Velho Oeste interpretado por Valdés. Aqui, ele é pai de Rosa, a Rumorosa, vivida por Florinda Meza.

★ **Cientista Louco** (Ramón Valdés) – um pirado cheio de invenções que na verdade são armadilhas, com a participação do seu ajudante Pepe e sempre ao lado de seu cachorrinho Tirolês. No final da trama, ele consegue executar seu principal plano: realizar um transplante de cérebro. Também foi interpretado por Rubén Aguirre em uma regravação.

★ **Conde Terra Nova** (Ramón Valdés) – o divertido cleptomaníaco que vai à casa de um colecionador milionário para comprar os selos de seu acervo. Lá, porém, acaba por furtar quase todos os objetos (até mesmo bananas) que aparecem à sua frente. No final, arrependido, pede a ajuda do Vermelhinho para devolver os valiosos selos. Gente boa? Até certo ponto...

★ **Chinesinho** (Carlos Villagrán) – comparsa de Tripa Seca no episódio citado anteriormente. Chapolin acaba trocando os formulários com o intuito de salvar a vida de Tripa Seca, que estava agonizando. Porém, a troca acabou por gerar o efeito contrário em Chinesinho, que estava bem e acabou adoecendo...

★ **Fura-Tripa** (Carlos Villagrán) – o clássico caso do ex-funcionário que pretende se vingar. Fura-Tripa persegue os ex-colegas de trabalho na empresa, mas Chapolin salva o dia.

★ **Quase Nada** (Carlos Villagrán) – aparece no Velho Oeste e nos tempos atuais, embora seu grande momento tenha sido mesmo no tempo das diligências, quando enfrentou o Chapolin em meio aos amores de Rosa, a Rumorosa.

★ **Tonhão** (Carlos Villagrán) – junto com Tripa Seca e Nenê (Rubén Aguirre), tem a ideia de chamar por Chapolin para fazê-lo tomar uma pílula encolhedora, assim, ficaria mais fácil acabar com ele. Mas, como o Chapolin mostrou, não ficou.

★ **Nenê** (Rubén Aguirre) – parte do grupo anterior. Foi ele o incumbido de acabar com o encolhido Chapolin, porém, percebeu que a missão era ingrata.

★ **Seu Trocadeiro – o Homem Nuclear** (Carlos Villagrán) – um maluco que julga ser o Homem Nuclear e aterroriza um hotel onde está sendo filmado um longa-metragem do Chapolin Colorado. Ao escapar dos cuidados de sua enfermeira, ele diz estar em busca da captura de marcianos. Lembre-se: se encontrar com o louco, não deve contrariá-lo, deve imitá-lo etc. etc.

★ **Porca Solta** (Rubén Aguirre) – um doido varrido que fugiu do hospício, Porca Solta é capturado quando está dormindo no banco de um parque. O detetive em seu encalço, interpretado por Carlos Villagrán, tem a brilhante ideia de usar um sonífero, porém, acaba adormecendo quando bebe o líquido por acidente.

★ **Poucas Trancas** (Rubén Aguirre) – um perigosíssimo bandido que assalta casas. Quando a personagem de Florinda Meza chama pelo Chapolin para protegê-la, quem surge é o hilário Super Sam, brilhantemente interpretado por Ramón Valdés. Quando Poucas Trancas ordena que Super Sam levante as mãos, o herói importado, com seu dicionário de bolso, pesquisa, com o melhor sotaque no estilo americano:

– Mãos? Só um minuto... Maionese, manga, mãos... *Oh, yes!!!* (Levantando as mãos.)

★ **Sympato Yamazaki** (Rubén Aguirre) – faixa preta em caratê, teria uma luta marcada com o honorável medidor de luz, mas o Chapolin intervém, assumindo o lugar na luta. Seria derrotado, mas no fim o mestre Kassamba Yurinava interrompe a luta. O personagem também foi interpretado por Edgar Vivár em um *remake*.

★ **Almôndega** (Edgar Vivár) – o mestre dos disfarces. Consegue mudar para qualquer forma, inclusive guitarras ou bebês; só não muda a voz. É contratado para dar fim a Dona Neves, mas o Chapolin intercede para salvá-la. No fim, o bandido prova que realmente pode enganar a todos, até mesmo o próprio Chapolin.

★ **Garrafa** (Edgar Vivár) – líder de um bando que age em uma festa à fantasia. Além dele, outros bandidos disfarçados agem na festa, inclusive um vestido de Chapolin. No final, todos são presos, mas não pelo verdadeiro Chapolin. Na verdade, o herói era um convidado disfarçado. O verdadeiro Chapolin chega no final da festa, atrasado por não ter conseguido achar um táxi “nem pra remédio”.

★ **Botina** (Edgar Vivár) – líder de um grupo composto por muitos bandidos (a maioria, figurantes). Tenta por duas vezes explodir um escritório, em vão.

★ **Bruxa Baratuxa** (María Antonieta de las Nieves) – uma das poucas vilãs interpretada pela atriz, a Bruxa Baratuxa possui uma varinha mágica e, em um episódio cheio de clichês, tenta fazer com que a jovem-camponesa-de-nobre-coração-que-vai-todos-os-dias-ao-bosque-recolher-

lenha se case com seu filho. Diante da recusa, transforma a moça em uma árvore. Chapolin, ao se apoderar da varinha, faz tudo voltar ao normal, com a palavra mágica *paranga... paranga.... parangaretitítero...* (como é mesmo?) *parangaricutirimírruaro!*

★ **Espiã Internacional** (Florinda Meza) – uma das poucas interpretações de vilã da atriz, que se passa por secretária de um oficial responsável por vigiar uma maleta com documentos oficiais. Sua arma é um relógio escravizador, capaz de controlar os movimentos da mão de quem o vestir (uma tecnologia para a qual não estamos preparados...).

★ **Mordomo morto-vivo** (Ramón Valdés e Rubén Aguirre) – vivido pelos dois atores em versões diferentes, o personagem finge ser um mordomo morto-vivo (morreu em 1740) para assustar um casal que pretende passar a noite na casa do falecido avô, uma das cláusulas que deveriam ser cumpridas para que recebessem sua herança.

★ **Louca(o) dos Dinossauros** (Angelines Fernández e Ramón Valdés) – personagem do mesmo episódio em que um casal passa a noite em uma casa mal-assombrada para obter uma herança. O personagem passa a noite caçando dinossauros voadores e alertando para que não tomem café, pois estaria envenenado.

★ **Bebê Jupiteriano** (Arturo García Tenório) – personagem do curioso episódio em que um bebê jupiteriano desembarca na Terra, causando destruição por causa de seu crescimento rápido e em grande escala. Apesar dos problemas ocasionados, a trama não passou de um sonho do Polegar Vermelho. A curiosidade gira em torno do ator que viveu o personagem. Foi ele também que viveu Rafael Palillo, pai do garoto Jaime Palillo, na novela *Carrossel*.

DR. CHAPATIN

Um dos primeiros personagens criados por Bolaños, o Dr. Chapatin é conhecido por ser o velho mais jovem do mundo. Não se sabe ao certo sua idade, já que ele sempre diz ter “todos” os anos (um de seus pacientes garante que ele serviu bolinhos na Santa Ceia). Outro mistério que envolve

o personagem diz respeito ao pequeno saquinho que sempre carrega. Como se fosse uma “marreta biônica”, não se sabe o que ele contém, mas sempre serve como uma arma para incomodar aqueles que dizem que ele é velho. O velhinho, ops, o senhor de certa idade “tem coisas” quando o irritam. Adora futebol e mulheres bonitas.

A caracterização do personagem do Dr. Chapatin aconteceu por acaso. Quando a série *El Hotel de Kippy* foi cancelada (capítulo 2), abrindo espaço para *Los Supergenios de la Mesa Cuadrada*, Bolaños aproveitou o figurino que havia criado para aquela série, com bigodes e perucas brancas.

Um dos mais importantes momentos do Dr. Chapatin acontece quando ele faz uma participação especial dentro de *Chaves*, durante a encenação da música “Se você é jovem ainda”. Nessa ocasião, ele mostra que, conforme diz a música, o coração pode sustentar a juventude que nunca morrerá.

Frases

Usadas constantemente

“Isso me dá coisas!!”

“Sou uma pessoa vivida!”

Cômicas

“Agora, sim, vou ao futebol!!”

“On the rocks!”

Carlos Villagrán Eslava (12/1/1944-)

O ator

Certamente não há um caso mais polêmico, em toda a história de *Chaves*, que aquele que envolve a saída de Carlos Villagrán, o Quico, do grupo. Nascido em 12 de janeiro de 1944, na colônia Nativitas, em Queretaro, na periferia da Cidade do México, Carlos Villagrán já dava mostras, ainda na infância, do personagem que lhe renderia sucesso e reconhecimento. Um tio de Villagrán era muito bochechudo, e seus familiares sempre lhe pediam que o imitasse. Cresceu com dois sonhos: tornar-se um jogador de futebol profissional ou um comediante.

A carreira de ator foi precedida por uma breve passagem em um dos mais importantes jornais impressos da Cidade do México (*El Periodico Herald*), em que Villagrán fazia as vezes de fotógrafo, profissão que exerceu graças a um curso que fizera durante a adolescência. O comediante aproveitou-se de um importante instrumento: a credencial de imprensa. Com ela, aproveitava para entrar nos estúdios de televisão e pedir emprego.

Antes de fazer parte do elenco de *Chaves*, em que imortalizou o personagem Quico, Villagrán fazia outro programa humorístico, no qual interpretava Pirolo, mesmo nome que levava a atração.

O convite para participar do seriado *Chaves* surgiu em 1971, durante uma festa na casa de Rubén Aguirre (professor Girafales) para a qual Bolaños havia sido convidado. Na ocasião, os atores de Girafales e Quico encenavam uma peça em que Aguirre interpretava um ventríloquo e Villagrán personificava o boneco com as bochechas inchadas. Bolaños achou o personagem fantástico e o convidou para fazer parte do elenco.

O sucesso de Quico rendeu a Villagrán a gravação de um disco no ano de 1976. No LP, Carlos Villagrán interpretava dez músicas com temas infantis ou que lembravam seu personagem. Algumas músicas chegaram a ficar em primeiro lugar nas rádios mexicanas.

O ator entrou para o elenco de *Chaves* em 1972, porém ficou apenas até o início de 1978.

Em vista do eterno sucesso de seu personagem, fica claro que o ator de Quico não seguiu os conselhos dados por Bolaños, na época de sua

separação do elenco. Chespirito conta, em seu livro *Sin Querer Queriendo*, que aconselhou o colega a explorar outras características de seu talento, não se limitando somente a um personagem para o resto de sua carreira. Conselho, naturalmente, não seguido.

Após sair de *Chaves*, Villagrán foi para a Venezuela, onde estreou o programa *Federrico*, em que o ator continuava interpretando seu personagem Quico, só que contracenando com outros atores e vivendo uma história completamente diferente da do seriado original.



Uma nova proposta levou Carlos Villagrán para a televisão chilena, onde protagonizou outros dois programas humorísticos: *O Circo de Monsieur Cachetón* e *Quico Botones*, este último exibido no Brasil pela TV Bandeirantes, em 1991.

Embora a história conte que o único motivo da saída de Villagrán do elenco de *Chaves* tenha sido o sucesso de Quico, a intriga envolvendo Florinda Meza e Bolaños pode ter contribuído para a saída do comediante. Alguns anos antes das gravações, Villagrán namorou a atriz Florinda Meza, que interpretava Dona Florinda. Durante as gravações, Florinda passou a viver uma nova paixão com Bolaños, com quem permanece casada até hoje.

Atualmente, Carlos Villagrán vive em Buenos Aires, onde dedica seu tempo escrevendo um livro. Segundo o ator, não se trata de uma biografia, mas de um verdadeiro agradecimento aos fãs de todos os países por todo o carinho ao longo destes últimos quarenta anos.

Personagem

QUICO

Filho de Dona Florinda, Quico é o garoto mais tonto de toda a vizinhança. Não, não o estamos ofendendo, já que ele mesmo confessa ser

o campeão mundial da “modalidade”. Como sua mãe compra tudo o que pede, Quico tem uma quantidade infinita de brinquedos, além de sempre estar com um doce ou um lanche na mão.

Mesmo com tantos brinquedos, Quico ainda não ganhou o presente que seria sua grande realização: a bola quadrada. Até hoje, o “Tesouro”, como sua mãe o chama, espera sentado pela surpresa, que foi uma vez prometida pelo professor Girafales, a quem chama, às vezes, de “Papi”.

Sua maior diversão é provocar o Chaves. Quico não perde a oportunidade de se exhibir, mostrando tudo o que tem, só para provocar o pobre garoto. Muitas vezes, porém, os planos de Quico vão por água abaixo, e aquela bola ou aquele sanduíche de presunto acabam nas mãos do Chaves.

Frases

Usadas constantemente

“Você não vai com a minha cara?”

“Mamããã!”

“Que coisa, não?”

“Gentalha, gentalha, prrrr!”

“Pois fique sabendo que minha mãe me dá dinheiro.”

“Esperem só até eu ganhar a minha bola quadrada!”

“Da parte de quem?”

“Compra!”

“Tá legal!”

“Ai, cale-se, cale-se, cale-se, que me deixa louco!”

“Quico, Quico, rá, rá, rá!”

Cômicas

Seu Madruga: – Pronto?

Quico: – Quem fala? Marmota 2, Marmota 2! Aqui é o Lobo Branco!!
Seu Madruga: – Por que o senhor não manda ele se matar?!

“A bola pegou a bola e me bateu com a bola!!”

Traduzindo: o Sr. Barriga jogou uma bola em sua cabeça.

“Ao barril de paletó...”

Sim, ele está falando do Sr. Barriga.

“Passa isso pra cá! Você não sabe o quanto é perigoso este animal?”

Ele está se referindo ao escorpião, mas deixou em dúvida o professor Girafales...

Se sente um tricampeão do mundo!!!!

“Padre José de Anchieta da Conceição!!”

“Se eu quisesse ouvir idiotices, me bastariam as que eu digo!”

Ramón Gómez Valdés Castillo (2/9/1923 - 9/8/1988)

O ator

Conhecido por ser um dos melhores atores de cinema e da TV mexicana, Ramón Valdés Castillo, o *Don Ramón*, ou simplesmente o nosso Seu Madruga, nasceu em 2 de setembro de 1923 na Cidade do México e, aos 2 anos de idade, foi com seu pai para a pequena cidade de Juarez, no interior do México. Ali, cresceu numa família simples, ajudando seu pai, que trabalhava em um pequeno circo da região.

Sua carreira de ator começou no início dos anos 1940, especialmente em razão do acesso que lhe deram seus dois irmãos mais velhos, Germán Valdés “Tin Tan” e Manuel “El Loco” Valdés. Ramón, ainda jovem, passou a fazer pequenos papéis em filmes, por indicação dos parentes que eram os protagonistas. Nem sempre, porém, um emprego em filme era garantido. Na época, já com dois filhos, o ator de Seu Madruga vivia dificuldades financeiras e teve de aceitar os mais variados empregos e se dedicar à carpintaria – qualquer semelhança com seu personagem não é por acaso.

Não demorou para que começasse a chamar atenção pelo seu humor ranzinza e espontâneo. Em pouco tempo, Ramón passou a fazer parte da “equipe de Tin Tan”, um grupo que acompanhava o ator em quase todas as suas empreitadas artísticas.

Em 1968, já consagrado e amigo de Roberto Gómez Bolaños, a quem conheceu durante as filmagens de um de seus filmes, Don Ramón foi convidado a integrar o elenco de humoristas de Bolaños. A estreia ao lado do restante do elenco de *Chaves* ocorreu no seriado *Los Supergenios de la Mesa Cuadrada*, como visto no capítulo 2. O resultado não podia ter sido melhor. O ator interpretou brilhantemente seus papéis, e em breve faria o personagem que o marcaria para sempre, o de Seu Madruga, dentro do seriado *Chaves*. Bolaños afirmou, em seu livro *Sin Querer Queriendo*, que Ramón Valdés era um dos melhores comediantes que já conhecera. Um dos filhos de Madruga, Esteban Valdés, confirma a espontaneidade de seu pai, conforme declaração dada a um especial que foi ao ar na TV chilena em 2008: “Ele já tinha em sua casa o chapéu, a camiseta e o jeans. Ou seja, não havia o que caracterizar no meu pai. Nem mesmo o nome, já que Bolaños escolheu usar o próprio nome Ramón”, relembra. “Era uma

pessoa natural e muito engraçada, da mesma maneira que vemos no programa”, adiciona.

Aqui vale uma observação: teria Bolaños enfrentado o mesmo problema que teve com Carlos Villagrán e María Antonieta de las Nieves, em relação aos direitos sobre os personagens que criou? Afinal, se Ramón Valdés era praticamente o mesmo dentro e fora das telas, quem teria direito sobre seu personagem? A questão jamais foi discutida, e Esteban confirma, na mesma entrevista, que seu pai não tinha problemas com Bolaños.

O ator ganhou fama também em vários episódios de *Chapolin*, em que interpretava os temíveis vilões Racha-Cuca e Tripa Seca, entre outros. Destaque também para o impagável Super Sam, já citado aqui. Uma mescla sensacional do Super-Homem com o Tio Sam (personagem usado pelo governo dos Estados Unidos para levar os jovens ao exército), Super Sam apareceu poucas, mas brilhantes vezes ao longo da história do seriado. Sempre usando um saco de dólares como arma, Valdés era a melhor forma de provocar o poder norte-americano da época. Apenas ver o ator, com seu arquétipo magro, vestido com um *collant* de super-herói, já é hilário. Junto com o trabalho de interpretação e a brilhante dublagem de Carlos Seidl no Brasil, é uma receita pronta para a comédia. Super Sam costumava rivalizar com Chapolin para ganhar o posto de herói preferido da mocinha.

Valdés permaneceu nas gravações até 1979, quando acompanhou Carlos Villagrán em seu projeto na TV venezuelana. O sucesso não foi como o esperado e, alguns anos depois, em 1981, ele retornou às gravações de episódios com Bolaños. No entanto, foi por pouco tempo, pois dois anos mais tarde Valdés definiu uma nova empreitada, um circo que percorria toda a América Latina com apresentações de todos os seus personagens. Foi durante uma de suas excursões, no Peru, que ele sentiu fortes dores na coluna. Voltou à Cidade do México para exames, e constatou-se que um câncer, que já havia sido detectado três anos antes, espalhara-se para outras partes do corpo.



Apesar da doença, *Ron Dalrymple* (como Chaves sempre o chamava, no idioma original) não parou de trabalhar nem alterou seu estilo de vida. Isso incluía o cigarro, um vício que o acompanhou desde jovem – Valdés chegava a acordar de madrugada apenas para colocar um cigarro na boca.

Em 1987, Valdés teve uma de suas últimas aparições na TV. Foi novamente ao lado de Carlos Villagrán, no programa *Ah! Que Kiko!*. A parceria, mais uma vez, não deu certo – reforçando a tese discutida no capítulo 2, a respeito da força que todo o elenco tinha quando estava reunido.

No dia 9 de agosto de 1988, após permanecer mais de um mês no Hospital Santa Elena, o ator teve uma parada cardíaca e faleceu na Cidade do México, deixando nada menos que dez filhos de três casamentos. Diz Edgar Vivár que as últimas palavras de Ramón para ele foram: “No fim, não lhe paguei o aluguel”. O câncer destruía, aos 64 anos, a vida desse grande ator humorístico da história da televisão e do cinema latinos.

Personagem

SEU MADRUGA

Dono de um carisma fantástico, Seu Madruga é um velho viúvo (a esposa morreu após o nascimento da filha) que vive com sua filha Chiquinha. De família simples, Madruga nunca teve a oportunidade de estudar, já que precisava trabalhar para ajudar sua família. Ficou na escola por apenas seis anos – três no primeiro ano do curso primário e mais três no segundo. Seu Madruga costuma se virar com o que tem. O bolo de casamento, por exemplo, é usado para prender a porta às noites. Copos, ele não tem. E os poucos pratos que possui, o Chaves costuma quebrar. A falta de estudo (será só isso?) o impede de conseguir emprego, então, procura

sobreviver como pode, fazendo todo tipo de serviço, bico e trambique. Algumas profissões ou habilidades do Seu Madruga:

- ★Carpinteiro
- ★Toureiro (era conhecido como “o rei da muleta”)
- ★Barbeiro (de mão cheia)
- ★Mecânico
- ★Vendedor de balões
- ★Entregador (mas entregador de lenha!)
- ★Especialista em compra e venda de artigos para o lar (ou simplesmente “homem do saco”)
- ★Sapateiro
- ★Leiteiro
- ★Vendedor de artigos festivos (depois dos feriados)
- ★Empresário artístico (ramo dos ioiôs)
- ★Treinador de boxe
- ★Boxeador profissional
- ★Treinador de futebol americano (*coach*)
- ★Vendedor de churros
- ★Mestre (de obras)
- ★Fotógrafo
- ★Pedreiro
- ★Jogador de boliche
- ★Pintor

(Note que em algumas ele não recebeu nada além de pancadas.)

Além de viver fugindo do Sr. Barriga, a quem deve mais de 14 meses de aluguel, Seu Madruga também tem de se esquivar dos tabefes que recebe de Dona Florinda, que o culpa de todo mal que acontece com seu filho Quico. Sua raiva acaba sendo descontada, então, no pobre do Chaves, que sempre acaba levando uns cascudos.

E, como se não bastasse, Madruga ainda tem de arrumar um jeito de escapar dos abraços de Dona Clotilde, a Bruxa do 71, que insiste em querer viver uma grande paixão ao seu lado.

Apesar dos golpes que a vida lhe dá, Seu Madruga faz questão de trazer sempre um sorriso franco no rosto e de pensar que a vida nunca é feita só de tristezas ou pancadas.

Frases

Usadas constantemente

“Que que foi, que que foi, que que há? Digo...”

“Mas tinha que ser o Chaves mesmo!”

“Só não te dou outra porque...”

Cômicas

“Não há nada mais trabalhoso do que viver sem trabalhar.”

Praticamente uma filosofia do personagem mais carismático da vila.

“A vingança nunca é plena, mata a alma e a envenena.”

Ditado muito popular no Brasil.

“As pessoas boas devem amar seus inimigos.”

Mais um.

“Estou falando com a mula, não com seus carrapatos!”

Um dos melhores episódios, que inclui diversas frases de efeito.

“Não existe trabalho ruim. O ruim é ter que trabalhar.”

Reflete a personalidade do personagem.

“Como ousa me acordar às dez da madrugada, Chaves?!”

“Sou um cidadão consciente... não fanático!”

Quando perguntado pelo policial se pagava todos os seus impostos em dia.

“Chapéu, sapatos ou roupa usada, quem tem?”

O Homem do Saco.

“Sara a dor e a desgraça; se não sarar agora, quando casar, passa!”

Tentando evitar uma bofetada... em vão.

“Estou juntando para te dar tudo de uma vez, um montão no fim do ano.”
Essa é ótima para usar no dia a dia. Tente!

“Vá até a esquina e veja se meu burro está bem amarrado.”
Ele fala isso ao Chaves, que então vê o Quico andando e pergunta: “Já se soltou?”

“Pode fazer o favor de ir ver que horas são na Torre de Londres?”
Dois grandes exemplos de quando Chaves o está atrapalhando.

“Se eu fosse o professor Girafales, sabem o que eu diria? Que vocês se colocaram entre a mulher que eu amo e eu. Sim, ela também me ama, porque temos um compromisso de ternura. E tenho certeza do amor dela, e ela do meu. E vocês, o que fazem? Querem separar dois corações que batem ao mesmo tempo quando estão juntos? Assim, olha! Ah, mas o que vocês não sabem é que para o amor não há barreiras... todas se rompem! E vocês, o que fazem? O quê? Vocês vão agora querer impedir que duas almas gêmeas que tanto se desejam fiquem juntas? Está certo. Eu vou ser o mensageiro do amor, sem me importar com as pancadas que eu vou receber. Por que ninguém, absolutamente ninguém vai impedir a luta, a luta que eu vou travar com o objetivo de unir essas duas almas! E é por isso que o coração, que o coração bate forte! Tenho dito! Nada vai me deter! Nada!”

No episódio em que o professor Girafales e Dona Florinda brigam, Seu Madruga pede que Chaves ou Quico vá chamar a Dona Florinda para que os dois se entendam. Diante da negação de ambos, ele faz as vezes de cupido, mas não sem antes dar uma lição de moral aos garotos. Vale lembrar que logo após o término da frase, em busca de Dona Florinda, ele dá de cara com a Bruxa do 71 e foge como o diabo da cruz. Em tempo: vale reparar em Carlos Villagrán durante o discurso de Madruga. O ator mal consegue segurar o riso e finge que está chorando na parede.

Seu Madruga: – Lembre-se que eu sou um velho lobo do mar...

Chiquinha: – Sim, ser velho, tudo bem, mas ser lobo...

“Sabe de uma coisa, Chavinho? Deve se apoiar no Sr. Barriga!”
No famoso episódio de Acapulco.

“...tem que devorar os livros!”
Dica de Don Ramón para o menino Chaves.

“Ora essa... sou a defesa!”

Seu Madruga: – Joia!!! Como naqueles episódios do “Pédi Maisum”?
Prof. Girafales: – Perry Mason!

“O que é uma peita?!”

Muitos consideram que os episódios do julgamento do Chaves por ter atropelado o gato de Quico com uma bicicleta figuram entre as melhores sequências da história do programa. Praticamente todas as falas da cena do julgamento são marcantes e muito bem sincronizadas.

“As dívidas são sagradas!”

“Eu também acho! Não há nada melhor do que dever!”

“Devemos perdoar os aluguéis atrasados.”

“Minha dívida com o senhor é algo que eu levarei até o resto da minha vida!!”

“Higiênicos churros da Dona Florinda!... Ai, que droga!... Velha ridícula!”

Outro episódio marcante, o dos churros.

Prof. Girafales: – Agora, vamos achar a área do triângulo!

Seu Madruga: – Como? Ainda não encontraram? Digo... andam procurando desde que eu era garoto!

Seu Madruga: – Nhonho!

Nhonho: – P-presente, senhor professor!

Seu Madruga: – Que vale mais? Um gol contra ou um oitavo?

Nhonho: – Ai... Não sei!

Seu Madruga: – Reprovado!!

Seu Madruga: – Claro, pode ir! Além do mais, eu também já fui mestre!

Professor Girafales: – O senhor foi professor?

Seu Madruga: – Mestre de obra!

“Este símbolo representa prerigo! Ouviram bem?! Pre-ri-go!!”

“Nada de papi, ‘senhor professor’!”

Os quadros da escola eram os únicos que não contavam com Ramón Valdés. Pensando nisso, Bolaños criou uma maneira de aproveitar o talento do ator também nesses esquetes: em uma sequência especial, Ramón invade a escola para fugir de Dona Florinda e alega ao professor que quer voltar a estudar – pura fachada. O resultado é que Seu Madruga assume o papel de professor, em uma das cenas mais hilárias já feitas pela turma.

María Antonieta de las Nieves (22/12/1950-)

A atriz

Dona de um carisma cativante, María Antonieta de las Nieves (Chiquinha) foi uma das artistas mexicanas que alcançaram o sucesso e obtiveram o reconhecimento do público mais rapidamente. Nascida em 22 de dezembro de 1950, dedicou-se à televisão desde cedo.

Las Nieves começou gravando comerciais e novelas aos 6 anos de idade. Seu talento foi reconhecido desde o início da carreira, quando ganhou o prêmio de melhor atriz infantil por sua interpretação na novela *La Leona*.

No final dos anos 1960, durante a escolha do elenco que integraria os seriados *Chaves* e *Chapolin*, Roberto Gómez Bolaños visitou o estúdio em que las Nieves trabalhava como dubladora. Bolaños ficou fascinado com a interpretação e com o jeito “menina” de María. Quando a atriz Bárbara Ramson foi obrigada a deixar o elenco de *Los Supergenios de la Mesa Cuadrada*, dentro do programa *Sábados de la Fortuna* (veja o capítulo 2), Chespirito lembrou-se da jovem atriz e chamou-a para ocupar a vaga. Após o término do show, Las Nieves permaneceu ao lado do grupo, e pouco tempo depois faria o papel de Chiquinha, além de vários outros dentro de *Chapolin* e outros especiais de Bolaños.

Na mesma época da estreia do seriado *Chaves*, Las Nieves casou-se com o produtor de televisão mexicano Gabriel Fernandez.

A personagem Chiquinha foi um sucesso logo nos primeiros episódios, conquistando desde então um público de fãs. O reconhecimento era tamanho que, em 1973, dois anos após o início das gravações de *Chaves*, a atriz foi convidada para fazer um programa solo no canal 13, rival da TV TIM. Com a autorização de Bolaños, ela mudou de programa e manteve a personagem Chiquinha. O sucesso, porém, não veio como o esperado, e menos de dois anos após a saída, ela voltou a integrar o elenco de *Chaves* (sua saída da série foi justificada como uma mudança para viver com as tias de Presidente Prudente – Guanajuato, na versão original). Las Nieves permaneceu com o elenco de Bolaños até os últimos episódios, em 1995.

Depois, com o fim definitivo do humorístico, a atriz passou a apresentar diversos programas na televisão mexicana, que nunca emplacaram da mesma forma que *Chaves*. Por ser a mais jovem do grupo, junto com

Edgar Vivár, Las Nieves segue na ativa. Por muitos anos, excursionou com seu circo pelo México e demais países da América Latina. Sempre que pode, continua interpretando sua personagem de maior sucesso, além de constantemente ser convidada para participar de programas infantis e de entretenimento em toda a América Latina.



Mais uma briga por personagens

O lado negativo da carreira de María Antonieta de las Nieves foi uma briga judicial envolvendo os direitos da personagem Chiquinha e seu criador, Roberto Gómez Bolaños. Las Nieves, que nunca deixou de interpretar Chiquinha, registrou o personagem em seu nome em 1995, para fazer uma peça publicitária com a multinacional Microsoft, na época, sem a autorização de Bolaños. A situação piorou porque Bolaños acabou se esquecendo de renovar os direitos por seus personagens. Anos depois, quando o filho de Chespirito (Roberto Gómez Fernández) foi registrar todos os personagens no nome do pai, foi informado de que a Chiquinha já havia sido registrada pela atriz. Fernández tentou, então, uma aproximação amigável com a atriz, pedindo que devolvesse os direitos da Chiquinha para seu verdadeiro dono. María Antonieta negou, em mais de uma ocasião. O pedido acabou virando uma ação na justiça.

Começava ali uma disputa jurídica pela Chiquinha que, até hoje, não teve fim.

Diferente do enrosco com Villagrán, que nunca foi dos melhores amigos de Chespirito, o confronto com Las Nieves foi um golpe forte para ambos, especialmente porque a atriz começou a trabalhar com o grupo ainda aos 18 anos e nunca escondeu o carinho que sentia por Bolaños, a quem considerava um pai. A situação de confronto entre os dois afetou a saúde de Las Nieves, que em 2002 passou um tempo internada na UTI com problemas cardíacos e, por muitos anos, não falou publicamente sobre o tema.

Segundo Chespirito chegou a afirmar, ele nunca impediu que a atriz interpretasse Chiquinha, mas os direitos, como criador, pertenciam a ele. Ainda dizia que era impossível ele ter que pedir permissão para usar a personagem em ações com o *Chaves*. No âmbito legal, os advogados do escritor usam um documento assinado por todos os atores do grupo, ainda nos anos 1970, em que afirmam, de próprio punho, que seus personagens são criações de Roberto Gómez Bolaños. Esse mesmo documento foi usado na disputa pelo personagem do Quico, como você deve ter lido aqui alguns capítulos atrás.

O resultado é que Chiquinha acabou sendo descartada de qualquer ação com a turma da vila. O exemplo mais claro está no desenho animado inspirado na série, que foi lançado em 2007 e chegou a contar com Chiquinha nas vinhetas e imagens de divulgação, mas nunca passou disso. O desenho, que continua sendo produzido, traz a personagem Pópis com mais destaque. Embora fãs de todos os lugares esperem a qualquer momento por uma resolução do caso, até a impressão deste livro tudo continuava na mesma.

Quando perguntada sobre os momentos mais marcantes dos tempos de *Chaves* e *Chapolin* em uma matéria feita pelo SBT em 2002, Las Nieves se emociona ao dizer que todos viviam como uma família. Ao falar da saudade que o programa provoca em sua vida, a atriz não esconde a tristeza por ter perdido aquele que considerava um pai: “Muita saudade, Don Ramón será sempre meu paizinho querido”, conta emocionada sobre o ator Ramón Valdés, que interpretava o Seu Madruga. A atriz voltou a mostrar seu amor pela série quando visitou o cenário da vila, em 2006, especialmente refeito para um programa de TV do México. Naquele local,

andou pela vila e compartilhou suas memórias preferidas. No fim do depoimento, às lágrimas, agradeceu a Chespirito por ter existido e criado tudo aquilo.

Personagens principais

CHIQUINHA

Palco de suas travessuras e bagunças sem limites, a vila não seria a mesma sem as confusões aprontadas por uma menina baixinha e cheia de sardas. Chiquinha, filha de Seu Madruga, vive aprontando com os garotos Chaves e Quico, além de sempre desrespeitar os mais velhos, inclusive seu próprio pai. A mãe de Chiquinha jamais foi revelada – apenas sabe-se que morreu no parto, deixando o pobre Madruga viúvo.

A criação da personagem por parte de Bolaños foi bem específica. Chiquinha deveria ser tão ou mais arteira que o próprio Chaves e, justamente por isso, ter uma relação de amizade muito forte com ele – ou algo mais que amizade, já que em algumas ocasiões ela demonstrou ser apaixonada pelo “Chavinho”.

Chiquinha é a mais esperta de todas as crianças da vizinhança (daí o uso dos óculos, estereótipo dos mais inteligentes) e sabe usar muito bem sua inteligência e seu jeito inocente e feminino para levar vantagem em cima de todo mundo. Chiquinha vive pedindo dinheiro a seu pai para poder comprar doces e, quando não consegue, usa toda a sua esperteza para, de alguma maneira, conseguir o que deseja – e, para isso, usa dos meios mais astutos para tirar o que quer do mimado Quico ou até mesmo do pobre do Chaves.

Mesmo que às vezes tente esconder, Chiquinha sempre foi apaixonada por Chaves e sente ciúmes quando alguma outra menina se aproxima dele de maneira mais carinhosa. Mesmo ciúme que sente por seu pai, não admitindo que o velho viúvo desfrute de novos romances.

Seu nome é Francisquinha, apelido Chiquinha – em espanhol, *la Chilindrina*, por causa das sardas que tem no rosto, assim como um certo pão doce salpicado de açúcar típico do México que leva o mesmo nome da personagem.

Frases

Usadas constantemente

“Sim, papaizinho lindo, meu amor!”

“Me dá dinheiro pra comprar doce lá na venda?”

“Ué, ué, ué, ué, ué, uéééé (choro)”

“Pois é, pois é, pois é!”

“Ai, Chaves, o que você tem de burro, você tem de burro!”

Cômicas

“O português é um idioma tão bonito quando falado corretamente...”

Essa é outra muito boa para usar com algum colega!

“‘A vida é labuta’, disse a formiga.”

“Vai ver só, eu vou te acusar pro meu pai! Vou dizer que me puxou o cabelo, e que me deu um pontapé, e que me bateu com um chicote, e que me atirou com um revólver, e que me atirou com um rifle, e que me atirou com uma metralhadora, e que me atirou com um canhão, e que além disso quis me matar!!!”

DONA NEVES

Vovozinha do Seu Madruga e bisavó da Chiquinha, Dona Neves é uma senhora de muita idade, já quase completamente caduca. Com características parecidas com as de sua bisneta, Dona Neves tenta sempre tirar proveito das situações, com seu jeito trapaceiro e sarcástico de ser. Do filho Madruga, que deixou a vila em busca de fortuna, herdou os 14 meses de aluguel.

Como os outros personagens, sua idade avançada não a impede de viver uma paixão. A paquera de Dona Neves é com o carteiro Jaiminho, com quem sempre tentou uma aproximação, mas nosso amigo carteiro nunca lhe deu a atenção devida para que um possível romance acontecesse.

Frases

“Pois é, pois é, pois é...”

“Xo, xo, xo, xo, xo...” (risada)

Florinda Meza García (8/2/1948-)

A atriz



A mamãezinha querida de Quico era interpretada pela atriz Florinda Meza, que nasceu no México no ano de 1948. Seu primeiro passo na carreira artística foi exatamente a gravação dos seriados de Bolaños, em que se destacou por interpretar as personagens Dona Florinda e Pópis.

Paralelamente a esses trabalhos, e com maior atenção depois do fim dos seriados, em 1995, Florinda participou e produziu muitas novelas de sucesso. Os melhores resultados puderam ser vistos nas novelas que a própria atriz escreveu e dirigiu, como *La Dueña* (refilmada e exibida no Brasil pelo SBT com o nome de *Amor e Ódio*, em 2001), *Milagro y Magia* e *Alguna Vez Tendremos Alas*.

Casada com Roberto Gómez Bolaños, Florinda, como já dito, também viveu um romance com o ator Carlos Villagrán, que interpretava o Quico em *Chaves*, durante as gravações do programa.

Apesar de ainda se dedicar a algumas produções televisivas, Florinda Meza prefere dispor da maior parte de seu tempo para cuidar de sua família.

Personagens principais

DONA FLORINDA

Viúva de um comandante da Marinha e mãe do garoto mais mimado da vila, Dona Florinda é uma mulher madura, que passa a vida dedicando-se aos afazeres do lar e ao seu querido filho Quico, a quem chama de Tesouro. É quem tem a melhor condição financeira da vila, pois recebe pensão do falecido marido, e não pensa duas vezes antes de gastar seu dinheiro comprando agrados para Quico.

Seu maior rival na vizinhança é o pobre Seu Madruga. Dona Florinda não se conforma pelo fato de Madruga não trabalhar, além de sempre culpá-lo por tudo de ruim que acontece com seu Tesouro. A punição vem sempre acompanhada por um tabefe, que Seu Madruga acaba levando quando tira a paciência curta de Dona Florinda, embora em algumas ocasiões ele tenha conseguido se esquivar ou mesmo amolecer o coração de gelo de Dona Florinda.

Sempre de avental e bobes no cabelo, Florinda vive um tímido, mas intenso romance com o professor Girafales. Não há uma única vez em que os dois se encontrem e Dona Florinda não o convida para tomar uma xícara de café. Mas o momento mais esperado nunca pôde ser visto: Dona Florinda e professor Girafales nunca se beijaram em cena, e, quando isso está para acontecer, eles são estrategicamente interrompidos.

Frases

Usadas constantemente

“Que milagre o senhor por aqui!”

“Vamos, tesouro, não se misture a essa gentinha!”

“E da próxima vez, vá...!”

Críticas à avó do Seu Madruga.

“Dizia eu...”

Cômicas

“Te perdoo!”

Para Hector Bonilla, a celebridade que visita a vila.

Dona Florinda: – Quico... tesouro... carinho... rei... coração...
Seu Madruga – Loteria!!

Quando Florinda está procurando pelo filho, Seu Madruga não resiste e dá mais um apelido ao garoto.

PÓPIS

Sobrinha de Dona Florinda, Pópis nunca desgruda de sua boneca Serafina, da qual cuida como se fosse uma filha. Conhecida por ser o maior dedo-duro da vizinhança, Pópis adora proteger seu primo Quico, mas acaba se dando mal na maioria das vezes, por causa de sua grande ingenuidade.

Embora Pópis tenha feito parte da lista de personagens, só teve mais destaque após a saída de Quico da série. Após 1995, María Antonieta de las Nieves reivindicou direito sobre o personagem de Chiquinha. Como resultado, as ações comerciais de *Chaves*, como desenhos animados e bonecos, deixaram de ter a Chiquinha, com a Pópis definitivamente no lugar.

Frase usada constantemente

“Conta tudo pra sua mãe!”



Angelines Fernández Abad (9/7/1922 - 25/3/1994)

A atriz

Ao contrário do que muitos pensam, Dona Clotilde não era mexicana. Isso mesmo, a atriz Angelines Fernández, que interpretava a “Bruxa do 71”, era espanhola. Nascida em Madri, foi parte da história do início do cinema mexicano, trabalhando nos longas-metragens *El Chanfle* e *El Chanfle II*, e foi também uma das pioneiras da TV do México. Antes de se tornar atriz, Angelines trabalhou para o seu país durante a guerra civil espanhola e, com o início da Segunda Guerra Mundial, partiu para o México.

Em 1947, já em terras mexicanas, foi convidada para participar de uma série de filmes com famosos humoristas mexicanos, entre eles Cantinflas (um dos grandes ídolos de Bolaños) e Arturo de Córdovas. Na época, Angelines era considerada uma das mais belas atrizes latinas. Sua carreira decolou definitivamente nos anos 1950, quando atuou em uma das mais famosas peças teatrais daquela década: “Un Corazón con Freno y Marcha Atrás”. Depois, seguiu carreira em rádio-novela e no cinema, em que participou de 14 filmes entre as décadas de 1950 e 1970.

Em 1971, quando já era reconhecida por seu talento em toda a América Latina, Angelines foi convidada por Roberto Gómez Bolaños para interpretar a Dona Clotilde no seriado *Chaves*, além de outras personagens nas demais séries do humorista. O papel lhe rendeu sucesso e sua imagem foi ainda mais reforçada nos países de língua latina. A senhora que morava no 71 e que tinha bom coração era vista como bruxa pelas crianças, que caçoavam da feiura de Dona Clotilde, além de acreditar que ela seria capaz de realizar muitas magias dentro de sua casa.

A participação no seriado durou até o penúltimo ano de gravação, em 1994. Nesse mesmo ano, vítima de um câncer no pulmão, Angelines faleceu.

Personagem

DONA CLOTILDE (BRUXA DO 71)

Apelidada de Bruxa do 71 pelas crianças, Dona Clotilde é uma senhora solitária, que passa a maior parte do tempo usando seus dotes culinários.

Tal qualidade a senhora do 71 utiliza para tentar conquistar sua eterna paixão – o Seu Madruga. Seu temperamento e o mistério em volta de sua casa acabam por assustar as crianças da vila, que pensam que ela tem poderes de uma bruxa. Chaves, em uma oportunidade, negou, dizendo: “Ora, você acha que se ela fosse realmente uma bruxa, ela já não teria feito uma bruxaria para ficar mais bonita?”.

Tinha de ser o Chaves mesmo...

Apesar das aparências, Dona Clotilde, ou Dona Clô, como diz o Seu Madruga, é uma boa pessoa. É especialista em conversar com espíritos, já deu pirulitos às crianças e até levou uma sobrinha recém-nascida à vila. Mesmo assim, as crianças temem mais do que tudo entrar na famigerada “casa da bruxa”. Até já sonharam com isso.

Depois da saída de Seu Madruga do seriado, Dona Clotilde passa a fazer suas investidas amorosas no carteiro Jaiminho, mas sem sucesso. Apesar de estar sempre mal-humorada, a Bruxa, digo, Senhorita do 71 é amiga e bondosa com todos.

Frases

Usadas constantemente

“Esses meninos vivem me chamando de bruxa!”

“Quem é bruxa?”

“São essas crianças. Passam a vida inteira a me arremedar.”

Cômicas

“Te perdoo!”

Dona Florinda, Dona Clotilde e Chiquinha, no episódio em que Hector Bonilla visita a vila.

“Eu amo, tu amas, Seu Madruga ama, nós dois nos amamos...”

Dona Clotilde no Festival da Boa Vizinhança.

“São os espíritos zombeteiros!”



Edgar Vivár (28/12/1944-)

O ator

Criado em uma família de classe média do México, Edgar Vivár começou sua carreira de ator quando cursava o colegial. Para completar uma matéria faltante, Vivár teve de optar pelo drama, já que as aulas de música e dança (suas preferências) já estavam com as vagas esgotadas. “Eu era tímido demais para o teatro, comecei fazendo por obrigação”, lembra Vivár, que teve, assim, sua primeira experiência teatral, no ano de 1964. Já formado em medicina, em 1970, profissão que exerceu por apenas dois anos, Vivár passou a gravar alguns comerciais de televisão e decolou em uma bem-sucedida carreira no teatro, em que protagonizou clássicos como *A Noviça Rebelde* e atuou como Frei Antônio em uma das principais peças dos anos 1970 no México, *Marcelino Pan y Vino*. Mas foi uma participação em um dos filmes publicitários que chamou a atenção de Roberto Gómez Bolaños, que o convidou, então, para integrar o elenco de *Chaves e Chapolin*.

Edgar Vivár, que interpretava os personagens Sr. Barriga e Nhonho (filho de Sr. Barriga), participou da gravação de todos os episódios, desde o início, em 1972, até o final, em 1995.

Paralelamente às gravações de *Chaves*, Vivár continuou participando de peças teatrais. Um momento marcante de sua carreira foi a obra *La Novicia Rebelde*, protagonizada pelo ator no ano de 1976. No cinema, participou de filmes como *¿No Oyes Ladrar los Perros?*, *En el Cine*, *El Chanfle*, *Don Ratón y Don Ratero* e da produção americana *In and Out*.

Após o fim de *Chaves e Chapolin*, passou a se dedicar ao seu circo – que viajava por toda a América Latina, no qual continuava a interpretar seus dois personagens – e a algumas produções da Televisa, que frequentemente chamava Vivár para participações especiais. Hoje, o ator dedica a maior parte do seu tempo a produção e atuação em telenovelas do México e ao cinema, tendo participado de produções hollywoodianas como *As Bandidas*, ao lado de Penélope Cruz e Salma Hayek.

Para Vivár, os melhores momentos do seriado eram aqueles em que o elenco viajava pelas cidades latinas para fazer suas apresentações. Segundo ele, o contato com o público era fundamental para que o seriado

ganhasse forma e todos os atores se sentissem motivados para a gravação de cada episódio.

Em setembro de 2003, visitou o Brasil e foi ao programa *Falando Francamente*, exibido pelo SBT. Foi uma grande oportunidade para que Vivár demonstrasse seu carinho pelo Brasil e reconhecesse a importância de nosso país para o sucesso de *Chaves*. O ator voltou ao país em 2010, junto com Carlos Villagrán, para participar de um evento organizado por fãs, quando definiu em uma palavra seu sentimento por tudo que viveu em *Chaves* e *Chapolin*: “Saudade”.

Personagens principais

SR. BARRIGA E NHONHO

“Sr. Barriga é tão grande que eu não o conheço por inteiro” – a frase, dita pelo próprio Edgar Vivár em uma de suas visitas ao Brasil, já dá a dica de que o personagem é avantajado em tudo, sobretudo no coração. Proprietário da vila mais engraçada e divertida do mundo, Zenon Barriga e Pesado, o famoso Sr. Barriga, costuma visitar seus inquilinos para cobrar o aluguel. As boas-vindas são dadas pelo garoto Chaves, que sempre o recebe com uma pancada.

Apesar dos golpes que recebe do Chaves, a grande luta do Sr. Barriga é cobrar o Seu Madruga, que já deve mais de 14 meses de aluguel. Mesmo já o tendo ameaçado de despejo por diversas vezes, o bom coração do Sr. Barriga nunca foi capaz de mandar o Seu Madruga definitivamente para fora da vila.



Sr. Barriga mora com seu filho Nhonho, menino que é o seu grande xodó, já que sua esposa vive viajando a trabalho. Esse é um dos mistérios do seriado, já que nem o nome nem a profissão de sua esposa foram revelados.

O gorducho filho de Sr. Barriga é o grande companheiro de toda a turma de garotos da vila. Conhecido por ser um menino estudioso e aplicado na escola, Nhonho também se magoa com facilidade, principalmente quando tem sua comida tomada por alguém. De bom coração, sempre procura dividir o que tem com o pobre Chaves.

Orgulhoso por ser o filho do dono da vila, Nhonho usa esse artifício para se defender das situações impostas por seus coleguinhas, principalmente Quico e Chaves, que costumam implicar com sua gordura excessiva. Após Villagrán deixar a série, coube a Nhonho, sempre que possível, contar vantagem para o Chaves com seus brinquedos caros.

Frases

Usadas constantemente

“Pague o aluguel!”

“Toda vez que chego nessa vila, sou recebido com uma pancada!”

“Tinha que ser o Chaves, mesmo!”

Cômicas

“OuvIU bem? Ou me paga um mês de aluguel, ou esta noite não dorme embaixo de um teto!! Já disse!”

“Ah... Mas é só qualquer coisa...”

“Sabe, eu levaria o meu filho Nhonho, mas ele está acampando com os escoteiros.”

Assim Chaves pôde ir a Acapulco.

Sr. Barriga: – Raposa velha perde pelo, mas não perde o vício...

Seu Madruga: – E o porco perde os dentes, mas não perde a barriga...

“Olha ele, olha ele, olha ele!!!”



Rubén Aguirre Fuentes (15/6/1934-)

O ator

Locutor de rádio e televisão desde os 19 anos de idade, Rubén Aguirre Fuentes, o professor Girafales, nasceu no dia 15 de junho de 1934. Apesar de sempre ter trabalhado com comunicação, sua formação acadêmica é de engenheiro agrícola. Desde criança, Aguirre decidiu que queria ser uma pessoa famosa, seja lá qual fosse a área. Antes de se tornar ator, exerceu as mais diferentes profissões, entre elas, lutador de esgrima, locutor, dublador, ventríloquo, piloto de avião e toureiro – nesta última, o sucesso não se deu devido a um detalhe: tinha medo do touro.

O diploma da faculdade veio, mas o formando não estava feliz. Ainda tinha a vontade de se destacar em algo. Então, decidiu-se pelo teatro. Pouco tempo depois, estava trabalhando na televisão, e a primeira emissora em que atuou foi a Televisa, onde participou de algumas novelas e dirigiu uma série de programas, em sua maioria voltados para o público infantil.

Rubén Aguirre deixou a Televisa no final dos anos 1960, quando foi convidado para ser diretor de produção do recém-inaugurado Canal 8. Foi aí que sua história de sucesso ao lado de Bolaños e seu elenco se iniciou. A estreia de Aguirre ao lado de Bolaños foi no seriado *Los Supergenios de la Mesa Cuadrada*. No programa, Aguirre interpretava o professor Girafales, personagem que dois anos depois seria o mestre das crianças mais piradas no seriado *Chaves*.

Rubén Aguirre foi o primeiro ator do famoso elenco a atuar ao lado de Bolaños. Além das cenas em *Los Supergenios de la Mesa Cuadrada*, também contracenava com Bolaños no papel de Lucas Tañeda, em um esquete que mostrava dois loucos e seus diálogos ainda mais doidos – esse, aliás, sempre foi seu personagem predileto. Fazia sucesso também nos (vários) papéis de vilões em *Chapolin*. Sua estatura avantajada (1,95 m) era uma antítese perfeita para os humildes 1,60 m do Polegar Vermelho.

Ainda nessa época, Aguirre saiu do elenco, para estrelar um programa próprio na Televisa, canal 2. Pouco tempo depois, porém, voltou ao canal 8 para ingressar no elenco de Chespirito. Sua volta coincidiu com o início

das gravações de *Chaves*, portanto, rapidamente ele aumentou o time para, mais uma vez, atuar como o mestre Linguíça, ou melhor, professor Girafales.

A partir daí, o ator participou de todos os anos de gravação dos seriados de *Chaves*, *Chapolin* e outros quadros. Depois disso, Aguirre decidiu percorrer o mundo com o *Circo Jirafales*, além de continuar fazendo alguns trabalhos de locução. No final da década de 1990, Aguirre sofreu com problemas de saúde. Um médico lhe receitou corticoides em excesso. Como resultado, o ator desenvolveu a Síndrome de Cushing, uma anomalia que resulta no acúmulo de gordura no tronco e no rosto. Em 2008, mais um baque: sua esposa, Consuelo Aguirre, sofreu um grave acidente de trânsito. A hospitalização e recuperação da companheira custou ao ator boa parte de suas economias. Durante muitos anos, Aguirre recebeu apoio do amigo Roberto Gómez Bolaños. Tem cinco filhos, que já lhe deram nove netos.





Personagem

PROFESSOR GIRAFALES

Inocêncio Girafales, o professor Linguíça, ops, professor Girafales, é o mestre da escola onde estudam Chaves, Chiquinha, Quico, Pópis, Godinez, Nhonho e outras crianças. Apaixonado por Dona Florinda, sempre a visita trazendo um humilde presente: um buquê de rosas. Nessas ocasiões, é convidado para entrar na casa de Dona Florinda e tomar uma xícara de café. Algumas vezes leva presentes diferentes, sendo que quando tentou levar uma orquestra típica mexicana para uma serenata foi recebido com tiros de espingarda (a cena pertence ao episódio dos espíritos zombeteiros).

Na escola, Girafales é um professor muito paciente e dedicado, que procura, de alguma maneira, tornar seus alunos em grandes intelectuais – mas essa é uma tarefa das mais difíceis, já que ele nunca é levado a sério, passando a ser um dos personagens com o maior número de apelidos da série.

Frases

Usadas constantemente

“Nada de exaltações, nada de exaltações!”

“Somente uma vez eu me enganei. Quando pensei estar enganado!”

“Tá, tá, tá, tááá, tá!”

“Qual é a causa, motivo, razão ou circunstância?”

“Vim lhe trazer esse humilde presente!”

“Depois da senhora!”

“São compreensíveis todos os defeitos!”

Cômicas

“A Velha, Burrona.”

Prof. Girafales: – Diga-me... Isso é altruísta?!

Seu Madruga: – E quem vai lutar com turista?

Prof. Girafales: – Altruísta é um homem que ama outros homens!

Seu Madruga: – Ah, não... Aqui chamamos de outro nome!

“Silêncio... silêncio... silêncioooo!”

“Nem sou maestro, nem meu apelido é Linguíça. Sou linguíça e meu nome é Maestro. Não, digo, sou mestre e meu nome é Girafales!”

“Este festival foi todo produzido e dirigido pelo Seu Madruga... Mas, por favor, não caçoem dele. Afinal, deve-se levar em conta que se trata de um indivíduo sem nenhum preparo! De um pobre diabo que mal completou o primário.

O Festival da Boa Vizinhança. Aqui, Girafales faz a introdução para o teatro dos meninos.

“Não passa isso pra mim, moleque!!!”

No episódio em que todos estão com catapora, Quico tenta abraçar Girafales procurando colo, mas encontra justamente o contrário.

“Enquanto tiverem os livros nas mãos... serão gente de bem! Em outras palavras... enquanto tiverem um livro nas mãos, serão como eu!”

Após o célebre discurso em um episódio na escola, todas as crianças jogam fora seus livros.

Horacio Gómez Bolaños (28/7/1930 - 21/11/1999)

O ator

Horacio Gómez Bolaños interpretava um personagem que aparecia apenas eventualmente nos episódios de *Chaves*. Sim, o irmão de Roberto Gómez Bolaños fazia o papel de Godinez, o garoto mais distraído e desligado da escola.

Nascido no dia 28 de julho de 1930, Horacio começou sua carreira artística nos anos 1960, quando passou a ser o produtor executivo de todas as atrações criadas e interpretadas por Bolaños.

Suas funções principais no programa *Chaves* eram a direção e a produção. Era Horacio quem coordenava e fazia todo o trabalho necessário para que o seriado tivesse um bom andamento também por trás das câmeras. Com o fim de *Chaves*, em 1995, Horacio passou a criar e a dirigir outros programas, sempre ao lado de seu querido irmão.

Problemas de saúde levaram Horacio à morte em 21 de novembro de 1999, ano em que completou 69 anos. Na época, com uma grave fratura no fêmur, Horacio tinha dificuldades para andar e já estava afastado da televisão. Uma festa estava sendo preparada secretamente pelo irmão Roberto, quando veio o falecimento.



Personagem

GODINEZ

Preguiçoso no limite, Godinez usa de sua fama de desligado e distraído para fugir de suas obrigações, sobretudo quando questionado na escola pelo professor Girafales.

Sentado no fundo da sala, nunca quer participar do assunto que está em debate na sala de aula.



Godinez raramente aparece em episódios gravados fora do ambiente da escola. Mas vale lembrar suas participações marcantes nos musicais e no programa em que toda a turma tem aula de futebol americano no terreno baldio.

Frases

Prof. Girafales: – Me diga dois pronomes!

Godinez: – Quem, eu?

Prof. Girafales: – Muito bem, tirou dez!

“Por quê, se ainda não é hora da aula?”

Raúl Chato Padilla (11/7/1917 - 3/2/1994)

O ator

Raúl “Chato” Padilla nasceu na cidade mexicana de Monterrey, no ano de 1917. Antes de fazer parte do elenco de *Chaves*, construiu uma grande carreira no cinema cômico mexicano.

Juntou-se ao elenco de Chespirito na gravação do longa-metragem *El Chanfle*, em 1978. Seu papel no filme foi uma porta de entrada para, pouco depois, a participação nos programas de televisão. Com a saída de Ramón Valdés do grupo, Bolaños achou que Raúl faria um bom papel como um personagem de mais idade na vila.

O ator participou das séries até a gravação do último episódio de *Chaves*. Sua morte, em 3 de fevereiro de 1994, aos 76 anos, com problemas diabéticos, foi um dos motivos para Bolaños encerrar de vez as gravações de seus programas.

Personagem

JAIMINHO

Nascido na cidade de Tangamandápio (uma cidade real, em Michoacán, no México), Jaiminho é o carteiro sempre alegre e sorridente, mas também muito preguiçoso. Sua preguiça chega a tal ponto que ele pede às crianças que façam o trabalho de entregar as cartas pela vizinhança. Leva sempre uma bicicleta, mas não anda nela. Faz isso para evitar a fadiga.

Depois da aposentadoria, Jaiminho mudou-se para um apartamento na vila, no segundo andar (o mesmo onde morou Glória). Passou a ser o velho solteirão do local e é alvo certo das cantadas de Dona Clotilde e Dona Neves. Companheiro de todos, é muito admirado pelo garoto Chaves, sendo um de seus melhores amigos.

Apesar da exibição de episódios com Jaiminho ser relativamente pequena, os bordões “evitar a fadiga” e “sou de Tangamandápio” estão entre os mais populares no Brasil.



Frases

Usadas constantemente

“É que eu quero evitar a fadiga!”

“Nasci em Tangamandápio.”



O Barril de Paletó

Curiosidades

Você chegou até aqui. De uma maneira ou de outra, veio parar neste capítulo. Agora você acha que já sabe tudo sobre *Chaves*?

Não sabe, não. Não ainda. Na verdade, nós também não sabemos.

Mas, de qualquer forma, isto é apenas o começo. Agora é o momento de descobrir o que está no fundo do barril...

Divirta-se.

O Clube do Chaves

Talvez essa seja uma das maiores apostas de *Chaves* em toda a história do seriado no Brasil. E justamente a que não deu certo. A mais deliciosa das ironias, afinal, quando ninguém esperava nada do programa, em 1984, deu certo. Quando fizeram um planejamento e investiram na compra de novos episódios, não funcionou. Saiba um pouco sobre a série e os quadros que constituíam o extinto *Clube do Chaves*, que teve sua estreia no SBT em 2 de julho de 2001.

O *Clube do Chaves* estreou nessa data, às 13h30, com uma hora de duração. Na época existiam outros seriados que completavam a grade de programação de sábado no SBT, e, assim que terminava um deles, era exibido um quadro do *Clube do Chaves*. A atração ganhou esse título do próprio SBT – na verdade, tratava-se de quadros de personagens de Bolaños gravados entre 1987 e 1995. O programa original, como já explicamos antes, chamava-se *Chespirito*.

Essa não foi a primeira vez que episódios mais modernos de Bolaños passaram no Brasil. Anos antes, os mesmos capítulos foram exibidos pela emissora CNT em parceria com a Gazeta – SP, em um contrato de pouca duração feito junto à Televisa.

Como falado, houve uma grande expectativa em torno da estreia de *Clube do Chaves*. Afinal, em 2001 *Chaves* já reprisava seus capítulos havia nada menos que dezessete anos. Não é necessário ser um especialista em TV para imaginar que a maioria das pessoas que andavam pela emissora por aqueles tempos esperava um enorme sucesso com, enfim, folhetins inéditos de Bolaños.

Mas *Chaves* subverte toda a lógica televisiva, comportamental e de audiência. Para o bem ou para o mal. E, dentro de sua forma invertida de ser destaque, ele conseguiu contrariar o contrariado. Simples: quando todo mundo esperava que fosse dar certo, não deu.

O programa foi relativamente bem recebido pelos fãs. Mas não pela maioria. Em poucos meses, saiu do ar, para nunca mais voltar. Na época, deu lugar ao extinto *Popstars*. Veja a seguir alguns fatores que colaboraram para a saída de *Clube do Chaves* da grade de programação do SBT.

✕ **Dublagem:** uma das primeiras razões para o insucesso, a começar pela nova voz dos personagens de Bolaños, feita por Cassiano Ricardo. Como falamos no capítulo 3, Mário Lúcio de Freitas, que já tinha uma longa história com os seriados no Brasil, foi escolhido para ser o diretor de dublagem dos novos episódios, e escolheu Cassiano justamente por imitar vozes. Porém, as cordas vocais (ou pregas vocais, tecnicamente) são um dos elementos únicos do corpo humano. E, por mais que Cassiano fizesse um bom trabalho, a diferença entre ele e Marcelo Gastaldi foi bastante sentida.

Além da ausência de Gastaldi, a dublagem também foi diferente mesmo quando os profissionais eram os mesmos. Muitos dos dubladores originais estavam lá. Osmiro Campos (Girafales), Marta Volpiani (Dona Florinda), Cecília Lemes (Chiquinha) e Mário Villela (Sr. Barriga) cederam suas vozes de novo aos famosos personagens, mas o timbre já não era o mesmo dos anos 1980. E, sem um período de transição entre uma fase e outra, houve um choque por parte dos telespectadores.

Outro fator apontado como problemático pela nova equipe de dublagem foi a introdução de gírias ou expressões relacionadas à emissora, diferentes daquelas que foram trabalhadas nas séries originais. As falas

inocentes marcaram o programa, e ninguém consegue imaginar os personagens de *Chaves* falando gírias.

✕ **Regravações:** os famosos *remakes*, já citados neste livro. Bolaños sempre foi um apoiador dessa polêmica técnica desde suas primeiras gravações. No início, tudo era dosado. Só que, na ocasião das gravações dos episódios de *Clube do Chaves*, esse era um artifício usado à exaustão. Dezenas de episódios de *Chaves* e *Chapolin*, ou esquetes usados nesses programas, foram inteiramente refeitos. Conforme já dissemos, Bolaños afirmava que o objetivo da regravação era melhorar o episódio. Mas, assistindo às histórias, fica claríssimo que isso nunca aconteceu. Com o elenco incompleto e atores mais velhos, a história não passava de um triste arremedo do capítulo original, com uma indireta substituição de papéis (Sr. Barriga, por exemplo, cobrava o aluguel atrasado de Jaiminho, o carteiro).

✕ **Sons ambientais:** quando se assiste a *Chaves* e *Chapolin* dos anos 1970, percebem-se certas cenas em que um som ambiental entra – normalmente, no início ou no fim de cada episódio, mas esse tipo de som também está presente em algumas piadas. Esses sons foram inseridos, em sua maioria, por Mário Lúcio de Freitas. O mesmo Mário fez um bom trabalho quando dirigiu a dublagem de *Clube do Chaves*. Porém, seu trabalho de nada adiantou. Freitas tornou-se uma vítima do sucesso dos episódios reprisados de *Chaves*, que não permitem que nada além daquela fórmula gasta, mas eterna, tenha êxito.

✕ **Atores:** como disse Edgar Vivár, os atores pagaram tributo à vida. Não é a mesma coisa assistir a um episódio de *Chaves* filmado em 1971 e a outro filmado em 1994. E, nesse ponto, não há melhora técnica que resolva. Uma pessoa de 60 anos não consegue se fazer passar por uma de oito, por mais que existam efeitos especiais ou maquiagem.

Bolaños viveu o garoto Chaves pela primeira vez quando tinha 42 anos. Parou com 66 anos. Nunca quis convencer a audiência de que era uma criança; desejava apenas que soubesse que se tratava de um adulto vivendo o papel de um menino. A afirmação até fazia sentido, porém o bom senso

passou a falar mais alto, ao mesmo tempo em que sua condição física já não lhe permitia atuar com a mesma intensidade.

No caso específico da baixa audiência de *Clube do Chaves* no Brasil, fica clara a importância que fez a falta de um elo de transição entre os anos 70 e 90. Assistindo a um mesmo *Chaves* durante tantos anos, a reação do telespectador foi muito ruim quando, em uma fria tarde de sábado, o mesmo ator apareceu visivelmente abatido e enrugado, com outra voz e sem que o tempo fizesse o trabalho de atenuar essa mudança com o cotidiano.

Bolaños se deu conta inteiramente disso em 1995, quando encerrou definitivamente a série.

✕ Elenco: o elenco incompleto também foi sentido pela audiência. A ausência de Ramón Valdés (que havia falecido em 1988, quando já não estava mais no grupo) e de Carlos Villagrán (que saiu do grupo em 1978), mesmo longínqua, ainda era sentida.

✕ Cenários e figurinos: por incrível que pareça, o tosco dá audiência (pensando bem, no Brasil isso não é tão surpreendente). Entre os anos 70 e 90 as mudanças em todos os campos da humanidade formaram um abismo entre essas décadas. Os produtores de *Clube do Chaves* esqueceram-se de que a simplicidade do programa era um atrativo. Isso quer dizer que, na prática, não fica legal vestir o Chaves com roupas que pretendem ter jeito de velhas, mas brilhantes e limpas. Assim como o cenário todo melhorou muito, o que tirou o ar “provinciano” da (e de) vila. *Chaves*, em seus últimos anos, lembra bastante o cenário das novelas mexicanas atuais.

O *Clube do Chaves* estreou com uma hora de duração e terminou com apenas quinze minutos, sendo que o SBT não chegou a exibir todos os episódios, dando preferência aos reprisados. Além da série *Chaves* e alguma coisa de *Chapolin*, o programa continha outras atrações, como o *Dr. Chapatin*, *Chaveco*, *Pancada* e *Don Caveira*.

Clube do Chaves é uma espécie de *case*. Além de todos os fatores específicos citados aqui, é possível citar uma série de razões para o sucesso de *Chaves* que servem também para o fracasso do *Clube*. Ora, justamente as reprises do seriado original contribuíram para criar no inconsciente de várias gerações de telespectadores uma “acomodação”, ou

um bem-estar. “O *Clube do Chaves* foi um choque estético para o telespectador”, afirmou certa vez Cassiano Ricardo. As novas gravações que chegaram à TV tiraram a audiência da zona de conforto em que estava havia tantos anos. Subitamente, o público deveria se acostumar com novas piadas, bordões, dublagens, cenários e atores muito mais debilitados pelo tempo – outro ponto levantado pela psicóloga Susy Camacho, lá no começo do livro. Mário Lúcio de Freitas defende o programa que ajudou com a direção da dublagem: “Os capítulos são muito bons. O que aconteceu é que os atores estavam mais velhos. O pessoal não gostou disso”, afirma.

Chaves, como já dito diversas vezes aqui, foi feito de uma maneira única. Seja no México ou na versão exibida aqui, trata-se de um molde descartável – que foi usado apenas para esse formato e que, impiedosamente, não aceita nenhum outro.

Inventor: – Sabe, Chapolin, inventei um carro que não precisa de combustível. Na verdade, nem sequer de motor!

Chapolin: – Ah, é, e como funciona?

Inventor: – Só na banguela!

Los supergenios

Conforme dito no capítulo 2, Bolaños começou de forma mais expressiva na TV com o programa *Los Supergenios de la Mesa Cuadrada*, uma sátira aberta às mesas-redondas que existiam – e existem – até hoje na TV. A curiosidade aqui fica por conta dos nomes dos personagens:

– *Dr. Chapatin* – Roberto Gómez Bolaños

– *La Mococho Pechocho pero Babocha* – sim, esse era o nome completo da personagem de María Antonieta de las Nieves, que tinha apenas 18 anos de idade quando fez o papel.

– *Ingeniebro Ramón Valdés Tirado Al Anis* – Ramón Valdés

– *El Maestro Rubén Aguirre Y Jirafales* – Rubén Aguirre

A dublagem diferente

Alguns episódios de *Chaves* e *Chapolin* possuem uma dublagem diferente das demais. A voz do professor Girafales é outra e, em especial, a voz do próprio Chaves, que está mais aguda do que o normal. Acontece que, quando o programa chegou ao SBT, como foi dito no capítulo inicial,

Silvio Santos fez o pedido de dublagem, que foi feita sem o capricho que marcaria os episódios seguintes. O mesmo aconteceu em relação aos nomes: a equipe de dublagem ainda não havia definido os nomes, em português, dos personagens. Por isso, alguns episódios mostram a Chiquinha como “Francisquinha”, Chaves como “Chavo” e o Seu Madruga como “Ramón”. O resultado foi uma dublagem diferente, que acabou não dando certo, e por motivos econômicos o SBT jamais realizou nova dublagem, tornando-os únicos.

Madruga?

Por falar em nomes, muita gente acha estranho esse apelido, “Seu Madruga”. Afinal, é o único que não tem relação nenhuma com o nome original em espanhol. Bem, de acordo com Carlos Seidl, dublador do personagem, a escolha de “Madruga” foi feita pelo grupo, por achar que Ramón Valdés tinha cara de quem dormia pouco. Assim foi definido um nome que hoje é conhecido por milhões de pessoas no Brasil.

O choro da Chiquinha

Outros poucos episódios mostram um choro “diferente” da personagem Chiquinha. O tradicional “ué, ué, ué” dava lugar a um “a, bê, cê, dê, e...”. Essa ideia partiu de Gastaldi, dublador do Chaves, que procurou “incrementar” a fala. Durou pouco e logo o choro original foi retomado.

Super-herói: – Minha noiva está jogando tênis?

Chapolin: – Bom... Ela estava na quadra de tênis, com uma raquete de tênis, e tentando acertar a bolinha de tênis... Daí a dizer que estava jogando tênis...

Chato do Padilla

Em todas as biografias por aí, consta o nome do ator de Jaiminho, o carteiro, como Raúl “Chato” Padilla. Mas, afinal de contas, o que significa esse “chato”? Ele vem do termo *achatado*. Tratava-se de uma brincadeira com o nariz de Padilla, que tinha o formato mais “amassado”.

Endereço do sr. Barriga

Quer saber onde foi aquele divertido Natal com toda a vila reunida? Então, anote aí o endereço do Sr. Barriga: Rua Baleia, esquina com a Rua

Cachalote, na Vila dos Elefantes. A propósito, por que será que no quarto do Nhonho há um beliche? Ele não era filho único?

O famoso caso do “revolvinho”

Em 1992, uma enchente atacava a cidade de São Paulo. O extinto estúdio do SBT, na Vila Guilherme, ficou totalmente inundado, e o jornal *TJ Brasil*, apresentado pelo jornalista Boris Casoy, não poderia ser apresentado. Nesse dia, então, e somente nesse dia, foi ao ar para “tapar o buraco” um episódio em que o Chaves brincava com uma arma de brinquedo com o Quico. Com qualidade de imagem e som precários, ele teria vindo do México incompleto, e nunca mais apareceu na tela do SBT. A mesma enchente, aliás, é tida como responsável pelos famosos “episódios perdidos”, já citados aqui. No entanto, fica cada vez mais claro que o SBT não perdeu nenhum episódio naquela ocasião.

Boxeador: – Não sei, ultimamente ando me sentindo meio cansado...

Chapolin: – Deixe-me ver... Você fuma?

Boxeador: – Não!

Chapolin: – Você bebe?

Boxeador: – Não!

Chapolin: – Você joga?

Boxeador: – Não!

Treinador: – Por isso está tão cansado...

A canção

A música que sempre toca quando o professor Girafales e a Dona Florinda se encontram pertence ao clássico *E o Vento Levou*, de 1939.

O acidente de avião

Entre as muitas lendas surgidas com o passar dos anos, a mais famosa é certamente a do acidente de avião. Os sites brasileiros repetem a informação desencontrada. Esse acidente teria realmente ocorrido? Perguntamos a Edgar Vivár, o Sr. Barriga. Ele então nos esclarece que, na época em que *Chaves* já era um programa bastante conhecido no México, os imitadores começaram a surgir aos montes. Nada mais comum, aliás. Basta alguém ficar famoso e logo aparecem misteriosamente dezenas de esquisitos copiando seus movimentos. A turma de Bolaños também tinha grupos que a imitavam. “Havia um grupo que era bastante conhecido como

nosso imitador no México, algo como um grupo ‘oficial’ de imitadores, entre os tantos que havia”, diz Edgar. Aconteceu que justamente esse grupo sofreu um acidente de avião. Quando ocorreu, a imprensa acabou provocando uma certa balbúrdia, não sabemos se intencional ou não. Certo é que essa bagunça acabou se prolongando e até hoje é motivo de confusão total entre os fãs.

Quico: – Ei, mamãe, posso tirar uma foto?

Dona Florinda: – Mas com essa câmera?

Seu Madruga: – Ora, se quiser, posso trazer a câmera dos deputados...

Quem morreu?

Já foi dito aqui, mas não custa lembrar:

★Ramón Valdés (Seu Madruga), em 1988.

★Angelines Fernández (Dona Clotilde), em 1994.

★Raúl Padilla (Jaiminho), em 1994.

★Horacio Bolaños (Godinez), em 1999.

O último capítulo de Chapolin

Em 1979, a rede de TV mexicana Televisa decidiu que os programas *Chaves* e *Chapolin* não seriam mais exibidos em horário próprio, voltando a fazer parte do programa âncora intitulado *Chespirito*.

Porém, o golpe foi maior para o seriado *Chapolin*, que não seria mais produzido, após nove anos de exibição – a decisão foi de Bolaños, em conjunto com a Televisa.

Bolaños, então, reúne os atores Rubén Aguirre, Edgar Vivár e Florinda Meza em um último episódio especial, com as palavras finais de cada um, destacando as características mais marcantes do herói latino-americano.

As últimas palavras de Bolaños como Chapolin no ar são:

“Quero agradecer a toda a equipe técnica e artística que tão grandemente contribuiu para a realização do *Chapolin*. Impossível citar todos aqui, mas também é impossível deixar de mencionar alguns como Eduardo a la Torre e Enrique Segoviano, no aspecto técnico; e, no lado artístico, María Antonieta de las Nieves, Angelines Fernández, Ramón Valdés, Carlos Villagrán, Horacio Gómez, Ricardo de Pascual, Raúl ‘Chato’ Padilla. Não contavam com minha astúcia!”.

Tudo muito emocionante, só que acabou não sendo verdade. *Chapolin* acabou voltando ocasionalmente ao longo dos anos 1980, dentro do programa *Chespirito*. A despedida oficial – sem um episódio similar – foi em 1987, quando Bolaños decidiu parar por não ter mais o pique que tinha na juventude.

Dona Florinda: – Puxa, Chapolin, ele quase me quebrou todos os dedos e os metacarpianos!

Chapolin: – Não há necessidade de falarmos inglês!

Dona Florinda: – Mas eu não disse nada em inglês...

Chapolin: – Como não?! Me tocar piano, me tocar guitarra, me tocar violino...

O primeiro episódio no SBT

O primeiro episódio de *Chaves* foi ao ar no dia 25 de agosto de 1984, “Caçando Lagartixas”.

A morte de Quico

Outra lenda que correu muito forte em alguns países da América Latina por muitos anos é a de que Quico teria morrido ao fazer um de seus clássicos gritos: “Cale-se, cale-se, cale-se que me deixaaaaaa... louco!”. A lenda dizia que ele teria “estourado uma veia” ao forçar o grito.

Cientista: – Puxa, Chapolin, que grande ideia... Que ótima ideia... Que IDEOTA!

Chapolin: – O quê?!

Cientista: – Digo, que ideia tão grande!

O primeiro episódio sem Carlos Villagrán...

O episódio em questão foi o do cinema, em que Chaves insiste em ver o filme “do Pelé”. No idioma original, Bolaños estava, na verdade, fazendo uma autopromoção. O filme em espanhol é *El Chanfle*, a obra que citamos aqui anteriormente, que contava com o elenco da vila em uma produção para a Sétima Arte.

Curiosamente, Villagrán já não está mais em *Chaves*, mas ainda atua em *El Chanfle*. Em uma das primeiras cenas desse episódio, Dona Florinda menciona que seu filho foi morar em outra cidade para não conviver mais com a “gentalha”. Esse episódio também marca uma mudança no figurino dela: a partir de então, com raríssimas exceções, ela passa a usar uma

malha marrom cobrindo os braços, dando-lhe, mesmo que involuntariamente, um ar mais “pacato”.

Chapolin: – Quero ver você bater no... no... não sobrou mais ninguém...

Racha-Cuca: – Sobrou o Polegar Vermelho.

Chapolin: – Esse nem compensa...

...E a despedida final de Ramón Valdés

Ramón Valdés, um dos atores de maior competência dentro das séries de Bolaños, encerrou definitivamente suas atividades em *Chaves* em 1982. Decidiu sair para viajar com seu circo. As viagens iam de vento em popa quando foi constatado nesse período um tumor, que mais tarde se tornaria um câncer de pulmão. Ramón Valdés tinha o terrível hábito de fumar, e essa foi precisamente a causa da doença. Em agosto de 1988, Edgar Vivár, o Sr. Barriga, estava viajando, e a tristeza entre o elenco já era profunda. Ramón Valdés estava cada dia mais debilitado. Finalmente, em 9 de agosto, veio a notícia do seu falecimento. Vivár chegou a tempo para o velório. O que ele pôde ver foram muitas pessoas prestando a última homenagem ao humorista. Enquanto baixavam o caixão, uma salva de aplausos do público presente. Edgar Vivár era vizinho de Ramón Valdés, e eles costumavam ir para as gravações juntos. Cultivavam uma amizade muito forte, que contrastava muito com o que o Sr. Barriga sentia pelo Seu Madruga.

Chapolin: – Em primeiro lugar, esse senhor não é nenhum idiota disfarçado de motorista! É um motorista disfarçado de idiota! Se bem que, para isso, não precisava de disfarce...

Mas uma marreta?

Chapolin Colorado usa uma marreta biônica por se tratar de uma arma que não mata, é inofensiva. Essa foi a forma de Bolaños criar uma arma para o herói que fosse simples e, ao mesmo tempo, engraçada.

O último episódio de *Chaves*

Como falamos ao longo do livro, a série *Chaves* terminou em 1979, como um programa independente. A partir de 1980, as gravações passaram a fazer parte do programa *Chespirito*. Os esquetes passaram a ser mais curtos, devido ao menor tempo. *Chaves* foi gravado até 1992. A série *Chespirito* manteve-se no ar até 1995, quando saiu do ar por decisão da

Televisa – a emissora mexicana decidiu investir apenas em novelas naquele período.

A Bolaños foi ofertada uma exceção, para que seu programa passasse para os sábados de tarde. Porém, ele recusou a oferta.

Show para traficantes colombianos?

Em 2008, durante uma entrevista coletiva, Carlos Villagrán, mais uma vez, voltou aos holofotes e afirmou que Roberto Gómez Bolaños e María Antonieta de las Nieves (Chiquinha) haviam feito um show particular, mediante grande pagamento, para traficantes colombianos. Com a palavra, Villagrán: “Quando estávamos fazendo um show na Colômbia, alguns homens chegaram ao nosso hotel com um cheque em branco, para colocarmos qualquer valor e animar a festa de uma filha deles”, disse. Villagrán afirma que negou o pedido, alegando aos bandidos problemas de contrato. “Bolaños e Las Nieves aceitaram fazer o show. Eu tive medo, jamais aceitaria aquilo.”

Bolaños, claro, se defendeu. Solto um comunicado pouco depois dizendo que jamais havia feito shows para traficantes. Ressaltou, porém, que não tinha como saber quem assistia a suas apresentações, pois não pedia identificação de cada um na plateia.

O caso gerou, na ocasião, uma grande repercussão na imprensa mexicana. Villagrán rapidamente esteve à disposição para dar entrevistas em canais de TV e nos principais jornais e revistas do país. Durante as entrevistas, ele sempre aproveitava para promover sua nova turnê com o personagem Quico, supostamente a última da carreira (na ocasião, Villagrán já estava com 64 anos).

Vaqueiro 1: – Não estamos jogando buraco. Jogamos canastra!

Vaqueiro 2: – Sim, Chapolin. Você quer entrar?

Chapolin: – Quero sim! Onde aprenderam a jogar?

Vaqueiro 2: – Apreendi quando fui lá pra Ilha de Creta!

Chapolin: – Por isso jogo cretino!

Hecho en Mexico

O primeiro país a comprar os direitos para exibição dos programas de Bolaños foi a Guatemala, ainda no início dos anos 1970. Logo depois, veio o Panamá, a República Dominicana e Porto Rico. Na América do Sul, o

estreante foi o Equador. Em todos os casos, o show escolhido foi o *Chapolin*. Ou seja, o herói da América Latina foi o grande pioneiro das exportações de programas mexicanos, dando início a um movimento que vemos até hoje com os famosos dramalhões. Depois dele, *Chaves* passou a ser adquirido também, e os outros países começaram a ver com bons olhos o que era produzido por lá.

O Lado *Cult* do *Cult*

Apesar da aparente simplicidade do programa, os quadros criados por Bolaños têm um toque de requinte que por vezes acaba passando despercebido por quem está querendo apenas se divertir. Seja em *Chapolin*, seja nos outros pequenos episódios criados pelo autor, lendas e contos famosos eram reproduzidos pela turma, sempre com muito humor. Eis alguns deles:

- ★O compositor Chopin
- ★A descoberta da América por Colombo
- ★Branca de Neve e os Sete Chapolins... ops, Anões
- ★Leonardo da Vinci
- ★O Alfaiate Valente
- ★Dom Quixote
- ★Fausto e Mefistófeles
- ★Cleópatra
- ★O Gordo e o Magro
- ★Chaplin
- ★Romeu e Julieta
- ★Guilherme Tell

Monchito: – Sim, diga que é o Monchito... Quer que eu solete? M, de Monchito... O, de Monchito... N, de Monchito... C, de Monchito... H, de Monchito... I, de Monchito... T, de Monchito... e O... de Oscar!

A bruxa... do 71?

A atriz Angelines Fernández, que interpretava a Senhorita do 71, recebeu o número 71 em homenagem ao ano em que entrou para o programa, 1971.

Fora daqui, seu animal!

De tempos em tempos, a vila recebia algum animal (tenha mais respeito, filho):

- ★O gato do Quico (que gerou o julgamento do Chaves).
- ★O rato do Quico (no Brasil, ele só aparece ao final de um episódio).
- ★Satanás, da Dona Clotilde (que lindo nome para um cachorrinho!).
- ★Madruguinha, do Quico (um cachorro que recebe o nome de Seu Madruga).
- ★Soriano (o pássaro de Dona Neves).
- ★O escorpião do Quico.
- ★Lagartixas do Chaves.

Professor Girafales: – Essas crianças são o futuro da pátria!

Seu Madruga: – Já vi que nossa seleção vai perder de novo...

Professor Girafales: – A pátria não necessita de futebolistas!

Seu Madruga: – Isso é o que eu digo! O que precisamos é de treinadores!!!

Trocadilhos do Seu Madruga com o sr. Barriga

E então, como vai a barriga, Sr. Ano?

Muito menos como o senhor que é todo barriga, Sr. Coração...

E também pro senhor acabou a barriga, Sr. Luz?

Mas pra que tanta barriga, Sr. Pressa?

E então, Sr. Barba, vamos tirar a barriga?

O senhor tem uma grande barriga, Sr. Humor...

Tenha um pouquinho de barriga, Sr. Paciência...

É uma barriga triste, seu História...

Quer barrigar, Sr. Graxa?

Uma barriga, Sr. Momento!

Não tenha a menor barriga, Sr. Dúvida!

Eu peço um pouco de barriga, Sr. Compaixão!

Tem homens que nascem sem a barriga, Sr. Sorte!

Por que tem que fazer de barriga o Sr. Tambor?

Vá procurar o Chaves e diga que o Sr. Sapato precisa de sua barriga!

Existem pintores de mão barriga, Sr. Cheia!

Não se barrigue, Sr. Preocupe!

É a pura barriga, Sr. Verdade!
O senhor é todo barriga, Sr. Coração!
O senhor está me ameaçando de barriga, Sr. Morte?
De que cor quer a barriga, Sr. Balão?
Viram só como juntou barriga o Sr. Dinheiro?
O encanamento está muito barriga, Sr. Velho!
Não tem ninguém que bata tão bonito na barriga, Sr. Porta!
Ah, que barbaridade... O senhor tem muito pouca barriga, Sr. Sorte!
O que há de barriga, Sr. Novo?
Mais barriga ao Sr. Respeito!
Ai, Sr. Coração, o senhor tem uma barriga enorme...
Olhem, olhem bem como acumulou barriga o Sr. Cultura!
A barriga é a última que morre, Sr. Esperança!
É que o senhor tem um montão de barriga, Sr. Dinheiro...
Tem toda barriga, Sr. Razão!
Não sente barriga na cara, Sr. Vergonha?
Será que vocês não conseguem ficar um minuto sem chupar a barriga do Sr. Sangue?

Prêmio de reconhecimento

Roberto Gómez Bolaños e Edgar Vivár receberam um prêmio, em São Francisco (EUA), do fã-clubes oficial da eterna dupla “O Gordo e o Magro”, pela melhor caracterização da dupla.

Leonardo da Vinci: – Alguma vez lhe disseram que você é bonita?

Empregada: – Não...!

Leonardo da Vinci: – Já imaginava.

Quico ou Kiko?

Originalmente, este livro foi criado apenas usando a grafia “Kiko”, com K. Você deve estar se perguntando por que tomamos a decisão de usar “Quico” nesta nova versão. Bem, como explicamos em alguns trechos do livro, a briga judicial entre Roberto Gómez Bolaños e Carlos Villagrán foi grande. Tão grande que o ator bochechudo foi impedido de usar o nome “Quico”, que havia sido registrado por Bolaños. Como uma manobra legal, Villagrán espertamente registrou o nome “Kiko”, com K. Ou seja, por muitos anos, fora do México, havia apenas o Kiko. Porém, quando se

tratava do Quico dentro de *Chaves* ou mesmo em produtos licenciados oficialmente, aí valeria a versão com *q*.

CH?

A sigla CH, hoje conhecida como marca de seus personagens, nunca foi planejada por Bolaños. Começou com o apelido dele, Chespirito, e seguiu com o Dr. Chapatin. *Chapolin* veio de uma palavra originária do idioma dos astecas, e *Chavo* significa “menino”. Quando Bolaños percebeu a coincidência, aí, sim, propositadamente, criou seus personagens com a sigla.

Sr. Barriga: – Diga ao seu pai que já cheguei.

Chiquinha: – Papai! Já chegou a almôndega!

Sr. Barriga: – Quem é almôndega?!

Chiquinha: – O senhor, ué! O senhor sabe o que é uma almôndega?

Sr. Barriga: – O quê?

Chiquinha: – Uma bolota de carne moída!

As bochechas do Quico

Muita gente acha que Carlos Villagrán, o Quico, usava algodões ou algo similar para deixar as bochechas inchadas enquanto fazia as cenas de *Chaves*. Porém, engana-se: era puro talento. O comediante conseguia falar e ainda assim manter as bochechas cheias de ar. Fácil? Tente você, enquanto começa a ler o próximo parágrafo.

Setenta e três filmes de Ramón Valdés

Antes de fazer o sucesso que fez com *Chaves*, Ramón Valdés já tinha uma extensa carreira no cinema, que inclui 73 filmes. Pena que muitos desses filmes, se não todos, dificilmente são encontrados no Brasil, tornando-se material de colecionador.

(Você não conseguiu falar com as bochechas inchadas, né? Eu sabia...)

Onde estão?

Alguns personagens foram citados na série *Chaves*, porém, nunca apareceram. Aqui, citamos alguns:

★O porteiro da vila (ou zelador)

★Esposa do Sr. Barriga (está sempre viajando)

- ★O dono da venda da esquina
- ★Os Martinez (vizinhos)
- ★Os Flores (vizinhos)
- ★Cente (amigo imaginário do Chaves)

Dono da casa: – Ei, Chapolin, eu estou no plano pacífico, hein?

Chapolin: – E eu estou no plano atlântico...

Um típico show de *Chespirito*

Como já falamos, o elenco de Bolaños jamais veio ao Brasil para fazer um de seus tradicionais shows, tão populares durante os anos 1970 e 1980. Sabendo disso, descrevemos aqui os atos que preenchiam um típico show de Bolaños no final dos anos 1970.

- Atores e atrizes cantam músicas solo e fazem pequenas piadas.
- Dona Florinda e Professor Girafales fazem um show romântico e parecem se declarar, mas o Chaves interrompe no fim.
- Sr. Barriga tenta cobrar o aluguel de Seu Madruga (posteriormente, ele faria o mesmo com a Dona Neves, bisavó da Chiquinha).
- Na chegada ao palco, o Sr. Barriga era sempre recebido por um golpe do Chaves.
- Uma parte do show contava com a participação de crianças, que cantavam, respondiam a perguntas e concorriam a prêmios.
- Há encenações em que o Chapolin é invocado para realizar tarefas e capturar bandidos.
- Ao fim, os atores todos se reuniam para cantar juntos, em um especial, a música “Que Bonita Vizinhaça”.

A ilusão na vida real

Conta Bolaños que, durante uma viagem à Colômbia com toda a equipe, visitando alguns pontos turísticos, o inusitado ocorreu: um pequeno garoto subiu ao ônibus para vender balas e chicletes e, quando viu Bolaños, sacou todo o seu dinheiro do bolso e disse: “Chaves, tome, agora você pode comprar seu sanduíche de presunto!”. Chaves, isto é, Bolaños, delicadamente aceitou o dinheiro, evitando, assim, destruir a fantasia do menino.

Girafales: – Já chega! Discutindo desse jeito, vamos ficar aqui até o escurecer!

Chiquinha: – Ao contrário! Da discussão, nasce a luz!

O truque da bofetada

Talvez uma das cenas mais famosas em *Chaves* seja a famosa bofetada que Seu Madruga sempre leva de Dona Florinda – na imensa maioria das vezes, por culpa do Chaves. A cena era muito bem coordenada, mas nem sempre dava certo. Ela envolvia uma sincronia perfeita entre quatro partes: Florinda Meza deveria mexer o braço, Ramón Valdés giraria o rosto no mesmo instante, para que desse a impressão de que havia sido atingido. Nos bastidores, um técnico de efeitos sonoros batia com as palmas em um microfone ao mesmo tempo, enquanto o técnico de câmera deveria filmar a cena em *close*.

Mas não foram poucas as vezes em que Valdés levou bofetadas de verdade, ou que o som não sincronizou com o gesto. Aí, os atores precisavam fazer toda a cena de novo.

Nariz novo

A estética também fazia parte do elenco de Chespirito. A atriz Florinda Meza, por exemplo, fez uma plástica no nariz.

Don Ramón x Ramón Valdés

Rubén Aguirre afirma que “conviver com Ramón Valdés era como conviver com o próprio personagem”. A maioria do elenco afirma que não havia diferença entre um e outro, e Bolaños ressalta: “Quando estávamos decidindo que papel ele faria em Chaves, apenas disse para ele agir como fazia na vida real”. Em outra ocasião, muito tempo após o término das gravações, Bolaños entregou: “Creio que Ramón Valdés tenha sido meu comediante favorito. Ninguém me fez rir tanto como ele”.

Diabo: – Ora essa, sou o diabo! Não reparou ao meu redor um certo odor de enxofre?

Fausto: – Sim, sim, mas eu pensei que tinha sido uma outra coisa!

Participação especial

Alguns atores e atrizes participaram de poucos episódios, ou fizeram participações, e tornaram-se lendas entre os fãs, pela raridade que representam:

- ★Sr. Furtado
- ★Garçom do restaurante de Dona Florinda
- ★Hector Bonilla (era o nome do ator mesmo)
- ★Paty
- ★Glória
- ★Seu Madroga, o primo do Seu Madruga (em espanhol, Don Román)
- ★Malicha, a prima da Chiquinha
- ★A Louca da Escada

Seu Madruga: – Ora, todos os gatos têm dois olhos!

Chaves: – Não! Eu, uma vez, vi um gato com um olho só!

Seu Madruga: – Era cego?

Chaves: – Não!

Seu Madruga: – Um fenômeno?

Chaves: – Também não!

Seu Madruga: – Então por que diz que viu um gato com um olho só?

Chaves: – Porque eu tapei o meu outro!

Incompletos

Alguns episódios chegaram ao Brasil incompletos. Isso aconteceu porque o lote comprado pelo SBT simplesmente não continha algumas sequências. Os anos se passaram, e hoje em dia dificilmente alguém se arriscaria a comprá-los, já que a dublagem não seria a mesma. Entre eles:

- Branca de Neve
- A Venda da Vila
- O Alfaiate Valente

Personagem: – A essa altura, já deve estar muito longe daqui...

Chapolin: – Sobretudo se fosse para onde eu gostaria...

Cortando-lhe as asas

A primeira versão do uniforme de Chapolin possuía asas e antenas, justamente para que fosse maior sua semelhança com o inseto. As antenas eram de vinil e permaneceram por toda a vida do personagem; as asas, porém, foram eliminadas rapidamente, pois de nada serviam e ainda geravam problemas na hora de atuar.

Tienda del Chavo

Em um famoso episódio, Chaves e Quico brigam pela clientela (no caso, a Chiquinha) no negócio de sucos. A disputa é acirrada e inclui uma guerra de preços. Os sabores oferecidos por Chaves ficaram na memória de muitos brasileiros. São eles:

- limão, que parece de tamarindo e tem gosto de groselha;
- tamarindo, que parece de groselha e tem gosto de limão;
- groselha, que parece de limão e tem gosto de tamarindo.

Professor Girafales: – ...Que saí para procurar o gato, e o que encontrei? Um cadáver!

Apenas um cadáver!

Seu Madruga: – Ora... e quantos queria encontrar??

As canções

A turma de *Chaves* e *Chapolin* sempre mostrou dotes musicais (apesar de Quico nunca conseguir entrar no compasso), e, de tempos em tempos, um musical aparecia, normalmente com mensagens especiais, alusivas a amizade, datas festivas ou até a religião:

- ★Que bonita vizinhança
- ★Isso, isso, isso
- ★Se você é jovem ainda
- ★Boa noite, vizinhança
- ★Somos cafonas, sim
- ★Quando me dizes
- ★A brincar
- ★Queria ter sido um pastor
- ★Somos piratas
- ★Churi churi fun flays (tchuin tchuin tchun clain)
- ★Taca la petaca
- ★Os astronautas
- ★Um ano mais
- ★Ouça bem, escute bem

Dona Florinda: – Calma, Tesouro, lembre-se que isso pode inflamar o seu fígado!

Chiquinha: – Já inflamou. Ele todo é um fígado!

A tormenta se avizinha

Uma dúvida intriga os fãs do seriado: existe teto na vila? A resposta lógica seria “não”, já que, muitas vezes, os personagens mencionam que irá chover, ou bolas e sapatos voam por cima do telhado do Seu Madruga. No entanto, no episódio da “Pichorra”, esta é amarrada por um cordão. Onde estaria a ponta?

Mais rápido que uma tartaruga

Quem não se lembra da antiga abertura do *Chapolin*? Pois aquela voz, assim como a do narrador das histórias, era de Marcelo Gastaldi, o dublador de Chaves.

Referências bibliográficas

BOLAÑOS, Roberto Gómez. *Sin querer queriendo – memorias*. Cidade do México: Aguilar, 2006. (não disponível no Brasil)

BOLAÑOS, Roberto Gómez. *El diario de el Chavo del Ocho*. Cidade do México: Punto de Lectura, 2005.

FRANCO, Paulo; JOLY, Luís. *Os adoráveis Trapalhões*. São Paulo: Matrix, 2007.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 26. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

PACHECO, Elza Dias. *Televisão, criança, imaginário e educação*. São Paulo: Papirus, 1998.

PALLOTTINI, Renata. *Dramaturgia de televisão*. São Paulo: Moderna, 1998.

SILVA JÚNIOR, Gonçalo. *Pais da TV: a história da televisão brasileira*. São Paulo: Conrad, 2001.

SODRÉ, Muniz. *Televisão e psicanálise*. São Paulo: Ática, 1987.

Sites consultados:

www.geocities.com/chavofans/ch_en_puerto_rico_a.html

www.chavodel8.com

www.tinhaqueserochaves.clic3.net/

www.mundo-chespirito.cjb.net

www.chespirito.com

www.lachilindrina.com

www.forumch.com.br

www.sbt.com.br

www.chavesmania.com.br

www.youtube.com

www.youtube.com/forumchaves

www.televisa.com

www.chespirito.org

www.viladochaves.com

www.facebook.com

www.twitter.com

map.google.com

...E agora, continuamos ouvindo
música para relaxar!

